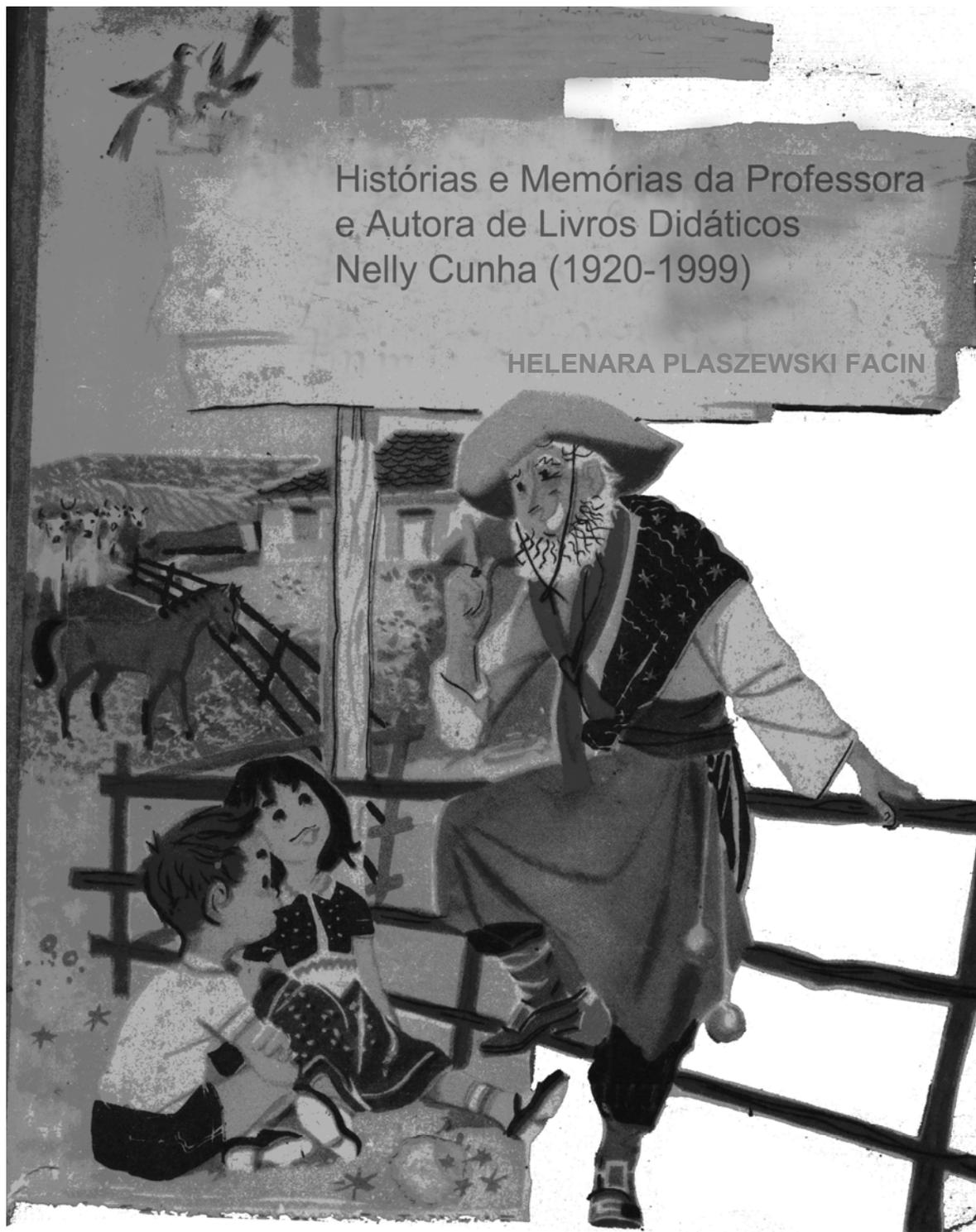


UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



Pelotas, março de 2008

HELENARA PLASZEWSKI FACIN

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA PROFESSORA E AUTORA DE LIVROS DIDÁTICOS NELLY CUNHA (1920-1999)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Eliane Teresinha Peres



Pelotas, março de 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F118h Facin, Helenara Plaszewski
Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999) / Helenara Plaszewski Facin. – 2008.
149 f.

Orientador: Eliane Teresinha Peres. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.

1. História da Educação. 2. História de Vida. 3. Memória. 4. Livro Didático. I. Título.

CDU: 37 (091)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Eliane Teresinha Peres

Orientadora – FaE/UFPeI

Prof^a. Dr^a. Maria Helena Menna Barreto Abrahão

PUCRS

Prof. Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara

FaE/UFPeI

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres

FaE/UFPeI

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, emergem em minha memória muitos fatos, acontecimentos, desafios, sentimentos, conquistas, em suma, toda a minha caminhada até chegar nesta etapa final. Foi uma experiência muito importante na minha vida e que me proporcionou um crescimento indescritível. Mas esta vitória não foi realizada sozinha, pois pude contar com o apoio de muitas pessoas queridas, às quais agradeço não como mera formalidade da academia, mas para expressar meu profundo agradecimento e gratidão a todas.

Primeiro a Deus... Sem palavras!

À Professora, orientadora e amiga, Dr^a. Eliane Peres, a quem me faltam palavras para agradecer. Nela encontrei o exemplo do verdadeiro mestre dedicado, competente e humano. Sua confiança, qualificada orientação, experiência e carinho foram imprescindíveis durante nossa convivência. A ela, minha eterna gratidão!

Agradeço aos familiares de Nelly, de modo muito especial, às filhas Elaine Cunha da Silva e Nina Rosa da Cunha Wolff; ao Sr. Heddy Pederneiras, às amigas Ana Carolina Xavier da Costa, Rebeca Amar, Maria Helena Portanova de Oliveira e às co-autoras Teresa Iara Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho, que gentilmente se dispuseram a ajudar e a participar deste trabalho. Sem vocês muito pouco poderia ser dito.

À professora Maria Helena Menna Barreto Abrahão pela sua valiosa contribuição a este trabalho de pesquisa, bem como pela oportunidade de poder escrever um dos capítulos de seu próximo livro com a história da pesquisada.

À Professora Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres e ao Professor Dr. Elomar Antonio Callegaro Tambara pelas contribuições que trouxeram na ocasião da qualificação, também por acreditarem na importância da temática escolhida e respeitarem minhas escolhas.

Aos professores e funcionários com quem tive contato na FaE/UFPel, por me atenderem com tanta atenção e interesse em todos os momentos que precisei.

Às colegas do curso e do grupo de pesquisa HISALES pelo conhecimento compartilhado e pela agradável convivência nestes dois anos de curso. A todas/o, que não irei citar o nome para não correr o risco de esquecer, sintam-se homenageadas/o.

Aos meus pais, Antônio e Evanir, aos quais jamais conseguirei agradecer, primeiro pela vida que veio de vocês, pelos ensinamentos, pelo amor incondicional, ajuda, e, principalmente, por fazerem parte de minha vida. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Simone e Rafael: obrigada pela existência e por nossos encontros que sempre são permeados de carinho e amizade. Sempre estarei torcendo pelo sucesso de vocês!

Aos demais amigos e familiares que direta e indiretamente estiveram presentes, obrigada por vibrarem com as minhas conquistas.

Ao meu esposo, Márcio André Facin, meu amor, amigo, eterno companheiro, agradeço a compreensão pelas ausências, inquietações e insônias. Obrigada pelo incentivo e, principalmente, por compartilhar sonhos e realizações.

E por último, não como menos importante na minha vida, à amada Juliana, razão do meu ser, que não entendia o porquê de muitos trabalhos para fazer. Obrigada por existir e desculpa a falta de tempo, Te amo filha!!!

A todos dedico este trabalho!

Helena Plaszewski Facin



À memória de Nelly Cunha, que não deixou apenas sete coleções didáticas como legado, mas um verdadeiro exemplo de determinação, coragem e luta, de realizações e de trabalho, especialmente no campo educacional. É por isso que ela deve ser lembrada como uma das eminentes educadoras que o Estado do Rio Grande do Sul teve e pelas muitas mulheres que a habitaram: mãe, esposa, professora, escritora, autora de livros, administradora, técnica educacional, apresentadora de programas de rádio, pianista... uma mulher de extraordinária personalidade. Professora Nelly, é para você este trabalho. Fazer sua história foi uma grande satisfação!

RESUMO

Este trabalho tem como foco dar visibilidade à História de Vida da educadora Nelly Cunha (1920-1999), uma professora primária que foi também uma das mais importantes autoras de livros didáticos no Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1960 e 1980. A pesquisa foi realizada a partir de dois tipos de fontes: orais e escritas. As fontes orais foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas, com familiares, amigas, ex-alunas e co-autoras de obras didáticas, de maneira que a memória dos entrevistados apresentou-se como uma valiosa fonte de pesquisa. Com relação às fontes escritas, as mesmas foram disponibilizadas pelas filhas de Nelly, que doaram o arquivo privado da mãe, por elas cuidadosamente guardado ao longo dos anos. Trata-se de documentos pessoais e oficiais, manuscritos, diários, recortes de jornais, cartas, fotos, coleções de livros didáticos, etc. No que tange à opção teórico-metodológica, os estudos sobre histórias de vida e as questões em torno de arquivos privados e livros didáticos nortearam a presente pesquisa.

Palavras-chave: História da Educação; História de Vida; Memória e Livros Escolares.

ABSTRACT

This paper focus on giving visibility to the Life Story of the educator Nelly Cunha (1920-1999), a primary teacher who was also one of the most important schoolbook authors in the state of Rio Grande do Sul, between the years of 1960 and 1980. The research was developed based on two types of sources: oral and written. Oral sources were collected through semi-structured interviews, recorded and transcribed, with relatives, friends, ex-students and co-authors of textbooks, which means the interviewed people's memory was a valuable research source. The written sources were made available by Nelly's daughters, who donated their mother's private archive, which was carefully taken care by them throughout the years. This archive includes personal and official documents, manuscripts, diaries, newspapers' articles, letters, pictures, textbook collections, etc. In what concerns theoretic and methodological options, the studies about life stories and the matters around private archives and textbooks guided the research.

Key-words: History of Education; Life Stories; Memory and Textbooks.

SUMÁRIO

Lista de Figuras	10
Lista de Quadros	13
Introdução	14
Capítulo I. Aspectos teórico-metodológicos da investigação	20
1.1. Memórias e histórias de vida como uma opção metodológica	20
1.2. “Da gaveta para o mundo”: o arquivo privado de Nelly Cunha	32
Capítulo II. Quem foi Nelly Cunha?	39
2.1. “Reminiscências de outrora”: infância/adolescência	39
2.2. A pianista Nelly Cunha	49
2.3. Como se tornou professora?	53
2.4. Aspectos da prática pedagógica de Nelly Cunha (Cadernos de planos - 1941-1946).....	59
2.5. O curso superior	67
Capítulo III. A escritora e autora de livros didáticos Nelly Cunha	73
3.1. A Revista Pedagógica Cacique	73
3.2. As obras didáticas de Nelly Cunha	81
3.3. A viagem aos EUA no acordo MEC/COLTED/USAID	118
Considerações Finais	134
Referências	138
Anexos	147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Foto de Nelly disponibilizada em seu arquivo (s/d)	38
Figura 2: Imagem da Revista Tico-Tico	41
Figura 3: Imagem da Revista Eu Sei Tudo	42
Figura 4: Imagem da Coleção Tesouro da Juventude	43
Figura 5: Imagem da Coleção Júlio Verne	44
Figura 6: Foto de 1995, quando Nelly viajou para Buenos Aires, com 75 anos de idade	47
Figura 7: Cópia do Diploma do Curso de Piano, em 31/12/1937	49
Figura 8: Apresentação de Nelly no Conservatório Mozart, POA (s/d)	50
Figura 9: Nelly e Fabrício no Programa de Rádio (s/d)	51
Figura 10: Cópia do Diploma de Professora	55
Figura 11: Retrato de Formatura	55
Figura 12: Foto entre as Professoras do Grupo Escolar Rio Branco, Nelly está em pé, sua posição é a terceira da esquerda para a direita	56
Figura 13: Nelly com seus Alunos do Grupo Escolar Rio Branco (s/d)	58
Figura 14: Imagem da Capa do Caderno de Planos de Nelly	59
Figura 15: Página do Caderno de Planos de Nelly Cunha (outubro de 1941, p.3)	65
Figura 16: Página do Caderno de Planos de Nelly Cunha (outubro de 1941, p.18-19)	66
Figura 17: Solenidade de Colação de Grau em Jornalismo, PUCRS	69
Figura 18: Cópia do Diploma	69

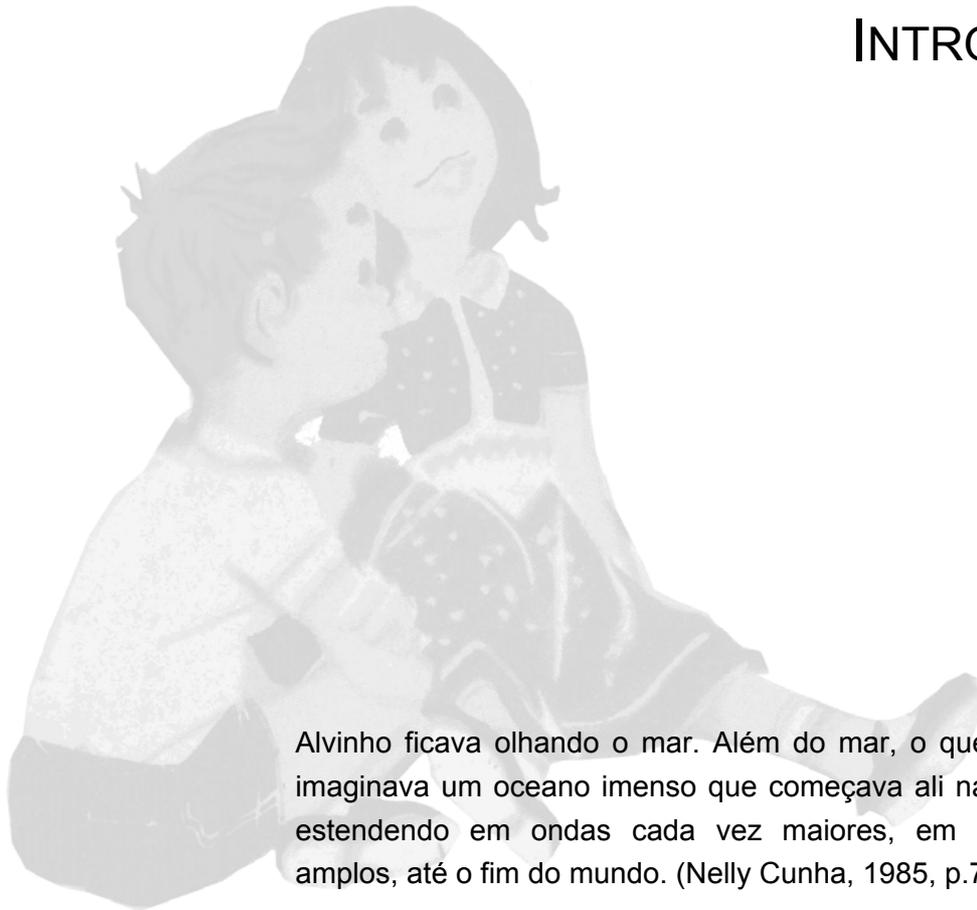
Figura 19: Nelly Cunha na Redação do Jornal “Última Hora”	71
Figura 20: Capa da Revista “Cacique”	75
Figura 21: Contra-Capa da Revista “Cacique”	76
Figura 22: Imagem do Texto escrito por Nelly em 15/11/1958, p.19	79
Figura 23: História Escrita por Nelly em 31/10/1959, p.27-28	80
Figura 24: Capa da Coleção “Estrada Iluminada”	88
Figura 25: Capa do Livro “Travessuras de Pirulim”	89
Figura 26: Capa do Livro “Páginas do Sul”	90
Figura 27: Capa do Livro “O Canto do Brasileiro”	91
Figura 28: Capa do Livro “Pinceladas Verde-Amarelas”	92
Figura 29: Capa do Livro “Novas Travessuras de Pirulim”	93
Figura 30: Capa do Livro “Páginas do Sul”	94
Figura 31: Capa do Livro “O Canto do Brasileiro”	95
Figura 32: Capa do Livro “Pinceladas Verde-Amarelas”	96
Figura 33: Capa da Coleção “Nossa Terra Nossa Gente”	98
Figura 34: - Imagem do texto e dos exercícios das páginas 9 e10 da Coleção “Estrada Iluminada” – Bichano e Zumbi – 1º ano, 1960	100
Figura 35: Imagem do texto e dos exercícios das páginas 9 e 10 da Coleção “Nossa Terra Nossa Gente” – 1º ano, 1970	101
Figura 36 Capas da Coleção “Nossa Terra Nossa Gente”, 4ª e 28ª edições	103
Figura 37: Cópia da Carta da Secretaria de Turismo para Nelly	104
Figura 38: Cópia do Contrato com a Editora Globo	107
Figura 39: Foto das Autoras Teresa, Zélia e Nelly	108
Figura 40: Capa do Livro “Alegria, Alegria”	110
Figura 41: Capa do Livro “E agora, André?”	111
Figura 42: Capa do Livro “Pequenos Turistas”	112
Figura 43: Capa do Livro “Querência”	112
Figura 44: Capa do Livro “Rumo Certo”	113
Figura 45: Capa do Livro “Espiral”	113
Figura 46: Capa da Coleção “Tapete Verde”	114
Figura 47: Capa da Coleção “Paralelas”	116
Figura 48: Foto das Autoras que viajaram aos EUA	119
Figura 49: Nos EUA, Nelly entre a Comitiva, 1969	119

Figura 50: “Relatório-diário” Datilografado, p.12	123
Figura 51: Cópia da Capa do Programa	125
Figura 52: Cópia do Certificado do Curso	126
Figura 53: Reportagem de um Jornal Norte-Americano sem identificação e s/d	127
Figura 54: Cópia da Carta que Nelly escreveu para a família, 22/10/1969	129
Figura 55: Cópia da Carta que Nelly escreveu para as amigas, 08/10/1969.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Depoimentos	23
Quadro 2:	Planos	63
Quadro 3:	Obras	85

INTRODUÇÃO



Alvinho ficava olhando o mar. Além do mar, o que haveria? Ele imaginava um oceano imenso que começava ali na praia e ia se estendendo em ondas cada vez maiores, em espaços mais amplos, até o fim do mundo. (Nelly Cunha, 1985, p.70)¹.

O excerto do conto de Nelly Cunha revela aspectos da personalidade da protagonista desta pesquisa e o processo pelo qual estou me construindo como pesquisadora, pois quando me lancei no universo da pesquisa não tinha idéia do que ia encontrar pela frente, mas sem dúvida foi um grande aprendizado. Tudo começou em 2005, quando ingressei no grupo de estudos de História da Alfabetização², o qual, entre outras investigações, desenvolve o projeto interinstitucional (UFMG, UFPel, UFMT), em andamento desde 2001, intitulado “Cartilhas Escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais – construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS/MT, 1870-1996)”. Foi nesse contexto, durante a minha inserção nesse projeto de investigação, que teve início a atual pesquisa.

¹ Extraído de um conto de Nelly Cunha, num livro de 1985, premiado com menção honrosa pela Poupança Habitasul, Prêmio Petrobrás – JC de Literatura (Poesias-Contos-Crônicas).

² Hoje grupo de pesquisa HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, cadastrado no CNPq desde 2006. HISALES é também um amplo projeto de pesquisa desenvolvido na FaE/UFPel, sob a coordenação da professora Dra. Eliane Teresinha Peres, e que abarca vários subprojetos.

Durante essa trajetória, os estudos realizados foram me engajando no contexto da pesquisa e, ao mesmo tempo, possibilitaram-me partilhar e enriquecer meus conhecimentos e aprendizagens junto ao grupo.

Ao participar das reuniões semanais, fui integrando-me aos propósitos da equipe, com o intuito de colaborar com a investigação, cujo objetivo inicial consistia em fazer um levantamento das cartilhas produzidas e em circulação no Rio Grande do Sul durante as décadas de 60 e 70.

Na análise realizada em materiais que circulavam durante esse período, inicialmente, identificou-se o nome da autora Cecy Cordeiro Thofehn (1917-1971), que era recorrente em muitas cartilhas. A partir desse dado, fui em busca de notícias referentes a ela, através de incessantes e extensivas investigações realizadas por intermédio da Internet, catálogos telefônicos, jornais, contatos telefônicos, endereços eletrônicos, dentre outros processos de busca, objetivando a obtenção de informações relativas à localização e informações referentes à professora Cecy Cordeiro Thofehn. No entanto, não obtive “sucesso”, pois, esgotadas algumas possibilidades familiares e institucionais, apenas tive acesso a um documento referente ao processo de nº 639, na Câmara Municipal de Porto Alegre, que aprovou, em 13/09/1972, uma denominação de via pública com o seu nome, como forma de homenageá-la.

Após buscar o máximo de dados possíveis, repassei esses ao grupo, que examinou detalhadamente as informações ali contidas, permitindo a publicação do trabalho: “Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofehn” (PERES, 2006).

A pesquisa de campo supõe que quanto mais o/a pesquisador/a se encontrar inserido e atuante dentro do grupo de estudos, mais ricos serão seus dados; por isso toda a experiência é válida, mesmo que não se colha os resultados inicialmente almejados. Nessa perspectiva, segui com a referida análise dos materiais coletados e observei que, em diversas obras, juntamente com o nome de Cecy, aparecia o nome de outra autora. Diante disso, nasceu a idéia de expandir a pesquisa em direção ao nome de Nelly Cunha, co-autora de alguns livros editados com Thofehn.

Pouco a pouco, o nome de Nelly Cunha e sua vasta produção didática foram se impondo como um possível e rico objeto de investigação. Surgia, assim, o início da pesquisa que propus como projeto de dissertação de mestrado, hoje intitulada: Histórias e Memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha (1920-1999).

Quando me propus a aprofundar este estudo, o primeiro passo foi fazer uma verdadeira garimpagem pelos rastros de Nelly Cunha, sem sequer saber se ela ainda estava viva. Parti, então, em busca de informações. Foi uma tarefa difícil e que exigiu persistência. Investigar e localizar o paradeiro de alguém “desconhecido” constitui um dos grandes obstáculos da pesquisa, verdadeiro exercício de paciência.

Após ter ultrapassado a primeira barreira da localização, finalmente cheguei à informação do logradouro em que Nelly residia. Ao entrar em contato com o número telefônico relativo ao endereço da mesma, em outubro de 2005, fui atendida por Thaís Nascimento, que se identificou como neta da autora e, apesar de informar a triste notícia que Nelly havia falecido no ano de 1999, gentilmente dispôs-se a colaborar com o estudo, disponibilizando o número telefônico de sua tia Elaine Cunha da Silva, filha de Nelly Cunha, residente em Porto Alegre (RS).

De posse dessas primeiras informações, desde 2005, durante as viagens à capital do Estado, tratei de exercitar os ensinamentos descritos por Lopes e Galvão (2001, p.92-93):

O trabalho com as fontes exige, antes de tudo, paciência. Quantas vezes ficamos horas, dias ou semanas para encontrar um ou dois documentos que interessam à pesquisa? [...] um trabalho é mais rico e mais confiável quanto maior for o número e tipos de fontes a que se recorreu [...].

Nesse sentido, quanto maior a diversidade de materiais, maior a possibilidade que o/a historiador/a terá para explorá-los, compreendê-los e produzir conhecimentos sobre o assunto da pesquisa.

O primeiro contato em busca de material para a pesquisa, como já foi dito, aconteceu em meados de outubro do ano de 2005, por telefone, com Elaine, filha de Nelly, a qual permitiu que agendássemos uma data para a entrevista. No

dia previamente marcado (30 de outubro de 2005) cheguei à sua residência em Porto Alegre (RS), onde fui cordialmente acolhida. Nesse primeiro encontro, expliquei o objetivo da pesquisa e realizei a primeira entrevista, que foi gravada com a permissão da entrevistada.

Minha preocupação inicial foi a de informar o que estava fazendo e o porquê, no sentido de expor claramente meus objetivos, pois buscava criar um elo de confiança principalmente quanto à coleta e uso das informações obtidas.

Em relação ao tipo de entrevista, organizei um roteiro de perguntas para servir de estímulo e de encaminhamento à fala da entrevistada. A entrevista teve um caráter de semi-estruturada ou semidirigida, com o cuidado de não seguir uma estrutura rígida, ou seja, “presa” a um questionário fechado, procurando dar liberdade à manifestação da entrevistada, mas atenta para não afastar do tema em estudo.

Entrevistar supõe uma conversa interativa entre os pares, na qual se estabelece uma relação mútua, como define Queiroz (1988, p.20): *a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre num colóquio entre pesquisador e narrador.*

Durante o encontro, Elaine rememorava com “naturalidade” a trajetória profissional e os fatos do cotidiano familiar da mãe, num clima de muita receptividade e confiança entre nós. Na medida em que a conversa avançava, notei em alguns momentos que sua voz embargava pela emoção. Nesses momentos, percebi que lidava com vida, sentimentos, lembranças e saudades. Precisava ter muita sensibilidade e compromisso ético com o conteúdo dessas informações.

A primeira entrevista teve inicialmente um caráter mais exploratório, com o objetivo de coletar o máximo de informações possíveis. Foi um relato em forma de “linha de tempo”. No transcorrer dos relatos, Elaine mostrou-me os materiais que pertenceram à mãe, por ela cuidadosamente guardados, “um arquivo privado”. É imprescindível citar a guarda e a conservação desse material pelos familiares ao longo dos anos, fato pouco comum e que merece destaque na pesquisa, bem como a doação desse material para a investigação.

Assim, a partir da surpresa ao me deparar com informações e fontes escritas de suma importância, é que o estudo foi tomando forma. Na primeira entrevista, Elaine também me proporcionou um contato telefônico com a Sra. Tereza Iara Fabretti, co-autora de alguns livros didáticos com Nelly.

Em novembro de 2005 fiz mais uma entrevista com Elaine e sua irmã Nina Rosa, momento esse em que as filhas doaram o arquivo privado da mãe, o qual foi fundamental para a pesquisa.

Em 2006, aprovada no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, dei continuidade ao processo de pesquisa que se iniciara mesmo antes dessa aprovação e que, agora, resulta nesta dissertação.

O trabalho se estruturou a partir dessas informações, do arquivo pessoal de Nelly, das contribuições de muitas pessoas e das lembranças dos entrevistados, que foram significativas para reconstruir a história de vida de Nelly Cunha. O processo de análise dos dados indicou-me aspectos que deveriam ser apresentados na pesquisa, como, por exemplo, a formação de Nelly como professora e autora de livros didáticos, sua atuação pedagógica, sua trajetória profissional. Desta forma, estruturei a dissertação em três capítulos, apresentados da seguinte maneira.

No primeiro capítulo, abordo a metodologia de pesquisa, apresentando os procedimentos de coleta e análise dos dados, além das indicações dos referenciais teórico-metodológicos, nos quais se apóia a investigação, indicando a importância do trabalho especialmente no contexto da História da Educação.

No segundo capítulo, apresento a história de vida de Nelly Cunha, apontando as fases de sua vida, bem como sua formação e atuação, além de alguns elementos que identificam a prática pedagógica desenvolvida na escola primária³, localizando o possível ideário pedagógico da professora.

Já no terceiro capítulo, assinalo a produção de Nelly Cunha, destacando o início de sua trajetória como escritora e autora de livros; além disso, apresento os dados referentes à viagem realizada por ela aos Estados Unidos da América, no acordo MEC/COLTED/USAID, no ano de 1969.

³ Atualmente, anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por último, trato, especificamente, de fazer as considerações finais sobre a temática pesquisada, abordando os temas discutidos, com o intuito de realizar uma síntese das questões propostas nesta pesquisa.

ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO I



1.1 Memórias e histórias de vida como uma opção metodológica

A fonte é a necessária e indispensável matéria-prima do historiador para que ele possa, de alguma forma, reconstruir esse passado [...]. (LOPES e GALVÃO, 2001, p.77).

Neste capítulo apresento fundamentalmente o processo da investigação, enfatizando a coleta de dados, os referenciais teóricos, as opções de análise, entre outros aspectos.

A coleta dos dados da pesquisa ocorreu a partir de dois tipos de fontes: orais e escritas. Muitos historiadores que fazem uso de fontes orais se interrogam sobre a pertinência da expressão história oral ou fontes orais, por isso são pertinentes as idéias de Joutard (1996, p.56), o qual nos diz que:

Na América Latina, muitos utilizam as fontes orais de modo predominante, mas não exclusivo. Assim, eles também preferem

falar em uso de fontes orais na pesquisa e não história oral (Schwarzstein) [...]. O mesmo pensam muitos arquivistas para quem a expressão fontes orais é mais exata na medida em que se trata de uma fonte entre outras [...]. De minha parte considero, como a maioria de meus colegas, que a expressão “fontes orais” é metodologicamente preferível e que a expressão “história oral” é terrivelmente ambígua, para não dizer inexata.

Optei pelo uso da terminologia fontes orais por acreditar ser uma denominação mais ampla e aceita entre os historiadores. Conforme Alcàzar I Garrido (1992/1993), elas são *uma ferramenta indispensável na pesquisa*. De forma que busquei reconstruir aspectos da história de vida de Nelly Cunha, através das entrevistas – fontes orais – com pessoas que com ela conviveram, seja na família, seja na profissão.

As fontes orais foram coletadas através de entrevistas semi-estruturadas, gravadas e transcritas, com familiares, colegas, amigas, alunas e co-autoras das obras de Nelly Cunha, respeitando a singularidade de cada um dos entrevistados. O mais importante, entretanto, não foi a quantidade de relatos utilizados na pesquisa, mas sim o valor e a qualidade dos testemunhos.

De forma que o mais interessante nos relatos foi compreender a história de Nelly conforme relatada e interpretada pelos próprios entrevistados.

Conforme descrito anteriormente, as duas primeiras entrevistas foram realizadas com Elaine, a filha de Nelly, que proporcionou um contato telefônico com a co-autora de livros Tereza Lara Fabretti, a qual de imediato me atendeu e relembrou alguns fatos relativos à antiga companheira, e que, além de citar o nome de outra co-autora, Zélia Maria Sequeira de Carvalho, se disponibilizou a dar informações adicionais numa futura entrevista, agendada para o dia 8 de fevereiro de 2006, em sua residência.

No dia 8 de fevereiro de 2006, na cidade de Porto Alegre, em locais e horários diferentes, foram realizadas as entrevistas com as co-autoras de livros escolares Teresa Lara Palmira Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho.

Inicialmente realizei a entrevista com a professora Teresa que proporcionou informações de grande valia em relação à elaboração dos livros

didáticos, que será detalhada no capítulo referente às obras produzidas por elas e Nelly.

Posteriormente, entrevistei a professora Zélia, também em sua residência, que dispôs de seu tempo para me receber e apresentar mais detalhes para o trabalho em questão.

Em novo contato com Elaine, ela forneceu o número telefônico do seu tio, irmão de Nelly, o qual atualmente reside na cidade de Estrela, interior do Estado do Rio Grande do Sul. Ao conversar com o senhor Heddy Pederneiras, este se dispôs a narrar acontecimentos e passagens da vida da irmã. Em seguida, digitou-os e enviou as informações através de correspondência via correio.

Elaine colocou-me ainda em contato com a outra filha de Nelly Cunha, Nina Rosa da Cunha Wolff, atualmente residindo em Blumenau (SC), mas que prestativamente marcou uma entrevista na casa de Elaine, na cidade de Porto Alegre, em 14 de novembro de 2005.

Os contatos com Elaine continuaram ocorrendo durante o ano de 2006 e, em 2007, ela auxiliou-me na localização e contato com uma colega de Nelly, do Grupo Escolar Rio Branco, a senhora Ana Carolina Xavier da Costa, hoje com 98 anos de idade. Realizei a entrevista com a senhora Ana em 28 de junho de 2007. Em 26 de setembro de 2007, entrevistei uma grande amiga de Nelly, dona Rebeca Amar. Ambas atenciosamente concederam entrevista em suas residências na cidade de Porto Alegre. Por fim, recebi um relato por escrito, em 25 de setembro de 2007, de uma senhora que havia sido aluna de Nelly, D. Maria Helena Portanova de Oliveira, também localizada por Elaine Cunha.

Retomando o conjunto de dados coletados através das fontes orais, realizei ao todo oito entrevistas: com as duas filhas de Nelly, com uma colega de profissão, com uma amiga e com as duas co-autoras; e obtive dois relatos por escrito: um do irmão de Nelly e outro de uma ex-aluna. Apresento a seguir um quadro ilustrativo que permite melhor visualização desses dados:

Quadro 1
Depoimentos

NOME	RELAÇÃO	TIPO DE DEPOIMENTO	DATA
Elaine Cunha da Silva	filha	oral	30/10/2005
			14/11/2005
			28/06/2007
			26/09/2007
Heddy Pederneiras	irmão	escrito	31/10/2005
Nina Rosa da Cunha Wolff	filha	oral	14/11/2005
Teresa Iara Fabretti	co-autora	oral	08/02/2006
Zélia Maria Sequeira de Carvalho	co-autora	oral	08/02/2006
Ana Carolina Xavier da Costa	colega	oral	28/06/2007
Rebeca Amar	amiga	oral	25/09/2007
Maria Helena Portanova de Oliveira	aluna	escrito	26/09/2007

Realizadas as entrevistas, gravei-as, etapa que, conforme Alcàzar I Garrido (1992, 1993, p.45), é o [...] *trabalho mais longo e pesado [...], a transcrição*. Nessa fase tive a sensação conflitante abordada por Dermatini (1988, p.62), que nos diz que os *maiores problemas que surgiram no trabalho de transcrição [...] foi fazer o discurso escrito ser o mais fiel possível ao discurso falado*. Compreendi o quanto isso é problemático, pois não se consegue colocar no papel tudo o que foi experienciado na pesquisa e da forma como foi verbalizado pelos/as entrevistados/as; esse é um dos limites da transposição das falas, nas quais perpassam sentimentos, emoções e esquecimentos que a escrita não capta.

No momento da transcrição, fui estabelecendo algumas categorias de análise e realizando seleções de trechos que considerei significativos nas entrevistas. Ao trabalhar com esses depoimentos, fiz uma seleção que resultou num material digitado e agrupado em dois grandes eixos: vida pessoal e

profissional, que estão inteiramente interligadas. Organizei os dois eixos em subtítulos: infância, vida familiar, formação escolar, escolha do magistério, carreira docente, prática pedagógica, produção didática e viagem de estudos aos EUA. Os depoimentos, que neste trabalho estão articulados às fontes escritas, constituem-se na “porta de entrada” para a reconstrução da trajetória de vida da professora Nelly Cunha, que foi aqui reorganizada cronologicamente.

Com relação aos depoimentos colhidos, as lembranças dos entrevistados se revelaram importantes na pesquisa, visto que cada depoimento foi único e singular. Cada qual reconstruiu o que “guardou” na memória, vivenciou, pensou e sentiu em relação à Nelly. Nesse sentido, pode-se dizer que são as experiências vividas e as emoções sentidas referidas em (PORTELLI, 1996). É necessário, também, considerar que o trabalho com a memória não leva em conta se os fatos são exatos, imaginados e/ou idealizados, pois tudo é subjetivo; duas pessoas, por exemplo, podem vivenciar o mesmo acontecimento e recordá-lo e contá-lo de diferentes modos, pois a memória está condicionada pela emoção, por lembranças boas ou ruins, de acordo com as experiências pessoais.

Sobre a memória, nos diz Benjamin (*apud* SOUZA, 2006, p.13):

[...] um acontecimento vivido é finito ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois [...].

Um dos aspectos bastante referenciados nos relatos foram os “valores” de Nelly Cunha, evidenciados através das seguintes expressões: dedicada ao trabalho, responsável, talentosa, capaz, organizada, amiga, muito corajosa para enfrentar a vida, alegre e disposta. Valores esses que revelam as “marcas” que Nelly deixou.

Para Thompson (1992, p.204), *os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes*. Nesse sentido, as “marcas” deixadas por Nelly nos revelam sobre a construção da memória e sua relação com a constituição da identidade, as quais estão “amarradas”, constituídas e instituídas. A esse respeito, Pollak (1992, p.204) nos diz:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo [...].

Ainda conforme Thompson (1997, p.57), a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”. Nesse sentido, percebe-se que as recordações que a memória dos depoentes conservou sobre Nelly Cunha foram significativas, cheias de sentimento, de emoções e apego dos tempos idos e vividos.

Conforme Stephanou e Bastos (2005, p.418):

[...] a Memória, não sendo a História, é um dos indicíos, documento, de que se serve o historiador para produzir leituras do passado, do vivido, do sentido, do experimentado pelos indivíduos e daquilo que lembram e esquecem, a um só tempo.

Sendo assim, nesta pesquisa, história de vida e memória estão entrelaçadas, pois, conforme Montenegro (1993, p.56):

A entrevista realizada na perspectiva da história de vida estabelece um campo de resgate da memória. São experiências, acontecimentos, momentos que constituem as fontes de significados a serem revisitados.

Trabalhei nessa perspectiva, portanto, porque me interessou saber como e o que familiares, amigas, alunas, colegas de profissão guardaram na memória sobre Nelly Cunha.

Há de se considerar, neste ponto, as idéias de Janotti (1993, p.13), a qual diz que *as histórias de vida não esclarecem necessariamente os fatos passados, mas são interpretações atuais deles.*

Compreendo que a escolha pela história de vida foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, e esse processo de coletar os dados a partir das fontes orais permitiu aproximar os sujeitos entrevistados da pesquisadora, bem como analisar suas lembranças, através de suas memórias. De acordo com Ferreira e Amado (1996, p.XV):

[...] o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes [...].

Propus-me a realizar a história de vida de uma educadora e autora de livros didáticos que faleceu no ano de 1999, por isso sem contar com a presença da própria protagonista. E como trabalhar com esta perspectiva? Eis a pergunta que se colocou ao longo de todo processo de pesquisa.

No início, vislumbrava construir a biografia de Nelly Cunha através dos depoimentos obtidos e dos documentos escritos encontrados em seu arquivo privado. Acreditava ser a escolha metodológica mais adequada, pois desta forma conseguiria apresentar sua história completa, início, meio e fim, abrangendo a totalidade da sua experiência. Entretanto, não é assim que se processa, pois, segundo Fischer, é impossível focar o indivíduo e querer dar um sentido lógico, ou perseguir um andamento linear, sem incorrer em “inverdades”, como refletiu no seu próprio processo de pesquisa. Diz Fischer (2006, p.265) em relação à história de vida de Nilce Léa, professora por ela pesquisada:

[...] maior foi a certeza de que nunca daria conta de escrever a totalidade de sua vida [...], de reconstituir um enredo para a vida de alguém que já partiu dessa materialidade. Portanto, não contando com a contribuição do próprio sujeito que se pretende biografar, o desafio consiste em, literalmente, juntar pedaços [...] para tentar dar-lhes sentido [...].

Então o que investigar e como fazer a investigação? Por onde começar? A partir dessas indagações e idéias, que muito me auxiliaram na identificação da escolha metodológica mais adequada à pesquisa, fui em busca de referenciais teóricos do campo da História da Educação para o desenvolvimento do trabalho, encontrando suporte e inspiração em estudos de autores como Zeila Dermatini (1988), Maria Isaura Queiroz (1988), Antônio Nóvoa (1996), Maria Helena Abrahão (2004), Beatriz Daudt Fischer (2006), Ana Sofia Antônio (2004), entre outros.

Nessa perspectiva de “juntar pedaços”, como diz Fischer, considere-se que a vida de qualquer indivíduo pode ser comparada, conforme Ana Sofia António (2004, p.98):

[...] a uma viagem através de um meio de transporte rápido, ou seja, ao olharem pela janela os passageiros apenas conseguem observar pequenos episódios do meio, tal é a rapidez da mudança de paisagem [...]. Em tempos assim tão conturbados, surgem cada vez mais estudiosos a usar as histórias de vida como técnica e investigação, e consequentemente a metodologia qualitativa.

Os estudos sobre histórias de vida de professores/as são, hoje, objetos de inúmeras pesquisas, e é inegável a importância e a relevância dessa temática no campo educacional.

Pineau (2006, p.339) refere-se à diferenciação terminológica das abordagens *vida ou o bio em seu título: biografia, autobiografia, relato de vida, história de vida* [...]. Segundo ele, essas são denominadas *correntes* que se diferenciam segundo a análise da vida privilegiada, tais como: *existência global, vida singular, vida plural, educativa, formativa ou profissional*.

Tal distinção representa os diferentes percursos da vida de um sujeito que podem ser analisados. Entretanto, independente da opção terminológica adotada, mais do que um simples modismo, é uma abordagem de suma relevância, na medida em que incorpora experiências individuais e subjetivas mescladas a contextos sociais e históricos.

A opção da pesquisa surgiu, portanto, por considerar a história de vida uma adequada alternativa metodológica, ao articular a dimensão individual imbricada com o social.

Dominicé (*apud* BUENO, 2002, p.22-23) reflete sobre o uso da história de vida afirmando que:

[...] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de

formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida.

Nesse sentido, as histórias de vida devem ser articuladas ao contexto em que se desenvolvem e isso implica em considerar um conjunto de situações que o sujeito vivenciou, pois o cotidiano é repleto de significações.

Bueno (2002, p.23) refere-se às várias perspectivas e objetivos da história de vida:

Em função de estudos terem surgido na área de educação, como uma busca de alternativas para se produzir um outro tipo de conhecimento sobre o professor e sobre suas práticas docentes, as propostas nessa direção têm-se manifestado sob modalidades as mais variadas, e com perspectivas metodológicas e objetivos também diversos.

As histórias de vida possibilitam ressaltar a vida do sujeito, permitindo conhecer a trajetória histórica e compreender as relações que estabeleceu ao longo de sua existência.

Queiroz (1988, p.30) apresenta a história de vida dentro do quadro amplo da história oral. Menciona que história de vida é uma espécie, ao lado de tantas outras, que capta informações oralmente; e reforça a idéia anterior de Fischer em relação à incompletude de lidar com a técnica da biografia; e apresenta a possibilidade de trabalhar com história de vida descrevendo-a:

Como qualquer outro procedimento empregado na coleta de dados, é pois, um instrumento, não é nem coleta, nem produto final da pesquisa; ela recolhe um material bruto que necessita ser analisado. Porém, o material bruto, uma vez registrado, permanece inerte e imutável através do tempo, tendo as mesmas características de persistência e identidade que possui qualquer outro documento e, como estes, durando através das idades desde que convenientemente armazenado.

Fischer (2006, p.275-276) aponta ainda a importância de trabalhar com a história de vida, que revela informações sobre o passado, como no caso de sua pesquisa sobre a professora Nilce Léa. Diz a autora: *seus guardados de ontem*

agora ajudam a reconstruir parte do enredo de sua vida. Ao mesmo tempo permitem levantar questões pertinentes à história da educação [...].

Mais uma vez, Fischer (2005, p.264) reforça sua opção por um projeto que elege a história de vida como metodologia de pesquisa:

[...] ao definir-me por história de vida como encaminhamento metodológico, não pretendo erigir um pedestal para esse tipo de abordagem. O que se está pretendendo é, antes, aliar documentos escritos e orais, articulando-os dinamicamente à luz da análise discursiva. Faço-o consciente das restrições que têm sido contundentemente referidas, não apenas à técnica da história de vida, também à história oral como um todo.

Outro aspecto essencial a considerar aqui diz respeito às idéias de Queiroz (1988, p.19) em relação às definições dos termos mais apropriados. Para a autora:

História oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer complementar [...]. Dentro do quadro amplo da história oral, a “história de vida” constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente; porém, dada a sua especificidade, pode encontrar um símile em documentação escrita [...].

Com base na afirmação de Queiroz, pode-se considerar a possibilidade de fazer história de vida a partir da articulação das fontes orais e escritas. Foi essa perspectiva que adotei na presente pesquisa.

Quanto à opção por trabalhar com histórias de vida, destaco Alarcão (2004, p.9), que indica a importância e o interesse pelas histórias de vida, pois, segundo ela, *permite remexer no passado, reordená-lo, contextualizá-lo no tempo, no espaço e no contexto de cada indivíduo, entretecê-lo na teia da história – a história de uma pessoa - e compreendê-la na sua natureza multifacetada.*

Nessa linha de estudos, Abrahão (2001, p.14) desenvolve trabalhos sobre histórias de vida de destacados educadores rio-grandenses. Em um de seus trabalhos trouxe à tona as histórias de vidas de 12 educadores, enfocando a vida pessoal e profissional, a formação e a questão da identidade, reconhecendo

a importância desse tipo de estudo e considerando: “um potencial para construção de propostas significativas para a formação de professores e para a profissionalização docente”.

Segundo a autora (s/d, p.1):

A história de vida e a história profissional de cada educador são, sem dúvida, um manancial a ser explorado, dando-lhe visibilidade, vindo, certamente, a constituir-se em rico material de consulta para estudantes de todos os níveis de ensino, mas, muito especialmente, para mestrandos e doutorandos, educadores, em geral, e de forma especialíssima, para pesquisadores nas linhas de Educação de Professores e de História da Educação. Trata-se, igualmente de, à luz das histórias de vida clarificar, para melhor compreender, a própria história da educação no Estado em determinado período.

Nesse sentido, as pesquisas de Abrahão possibilitam visualizar a atuação de mestres que foram/são referência na educação gaúcha. Assim, aponta Abrahão (2004, p.17): “não deixamos de ter presente que nossos destacados educadores foram/são, antes de tudo, seres humanos e, portanto, longe de se constituírem em *super-homens* e *supermulheres*”. É da vida de profissionais que atuaram cotidianamente e lutaram incansavelmente *na e pela educação* que tratamos quando estudamos histórias de vida de professores/as.

Costumava-se apresentar, em geral, a história e feitos de “grandes homens” e de fatos. Raro é, ainda, dar visibilidade à vida de mulheres, em uma sociedade em que o domínio é predominantemente masculino, a qual menospreza o papel desempenhado pela mulher, especialmente mulheres professoras.

Conforme Almeida (1998, p.25), a História das Mulheres constitui um campo de estudo bastante privilegiado, mas as mulheres, enquanto profissionais do ensino, têm sido constantemente relegadas ao esquecimento [...]. Almeida (1998, p.26) aponta ainda que:

Registrar essa história feminina no campo educacional tem sido a tentativa de estudiosos do tema, mas estes ainda são bastante reduzidos. Recuperar a trajetória das mulheres no magistério se configura, num momento em que a profissão é absolutamente

feminina, em tirar da obscuridade as professoras que se encarregam no país, há mais de um século, da educação fundamental, apesar das notórias dificuldades enfrentadas por elas, como mulheres e como profissionais.

A história de vida de um/a educador/a como um ser produzido social e historicamente considera a confluência do pessoal ligado ao profissional. Nesse sentido, Nóvoa (1996, p.17), ao referir-se ao processo de reflexão sobre o percurso dos educadores, menciona que *é impossível separar o eu profissional do eu pessoal*.

Nessa mesma linha de trabalho, a pesquisadora Ana Sofia António (2004, p.98-99) justifica:

As histórias de vida permitem reconhecer o sujeito não só enquanto profissional ou agente de uma determinada acção, mas, também, enquanto pessoa [...]. Ora, no âmbito de uma investigação, interessa, muitas vezes, conhecer os “mundos vividos” pelos sujeitos, assim como, perceber a articulação entre as acções por eles exercidas e as suas vidas.

Investigar vida de professores/as pressupõe que existem diferentes experiências, atitudes, expectativas, preocupações relacionadas com as diferentes fases da vida pessoal e profissional. Cada história de vida tem sua singularidade, seu percurso e um processo de formação único, constituindo-se, assim, em foco de pesquisa valioso.

Por todas essas considerações acerca do tema, compreendo que as possibilidades e potencialidades dos estudos com histórias de vida de professores são muitas. A partir destas reflexões, detenho-me para os procedimentos teórico-metodológicos adotados na prática concreta da pesquisa.

O presente estudo foi realizado com base na história de uma professora primária que viveu nas lides do magistério, dando sentido às letras e à escola, e também foi uma das mais importantes autoras de livros didáticos no Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1960 e 1980.

É importante frisar que a história de vida que descrevo é de uma professora gaúcha que faleceu em 1999 e teve uma trajetória de lutas e conquistas, a partir das quais se pôde apresentar alguns aspectos e momentos

importantes no que diz respeito à educação; não com o caráter de realizar generalizações acerca do tema, mas de oferecer elementos para reflexão sobre a formação, a trajetória como professora, a prática pedagógica, as realizações e a produção didática da professora Nelly.

Como afirmei, o objetivo central desta pesquisa é dar visibilidade à História de Vida da educadora Nelly Cunha (1920-1999), que ficou praticamente circunscrita ao conhecimento das pessoas que com ela conviveram.

Cabe ressaltar que as fontes escritas extraídas de seu arquivo privado foram articuladas às fontes orais, não para legitimar os dados na tentativa de considerá-los “verdadeiros”, mas no sentido de valorização, interação e compreensão da trajetória de Nelly. Conforme as idéias de Queiroz (1988, p.18), *a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto escrito [...]*. Também Alcázar I Garrido (1992, 1993, p.34) aponta que *se trata, portanto, de incorporar tais fontes orais como uma fonte documental a mais*. Logo, as fontes orais e escritas têm o mesmo valor, o mesmo *status*; reconhecido o prestígio da primeira sem a idéia da necessidade de comprovação para validar o relato, pois os dois registros podem produzir informações importantes, mas de diferentes aspectos.

Assim sendo, passo a descrever a coleta e o trabalho com as fontes escritas.

1.2 “Da gaveta para o mundo”: o arquivo privado de Nelly Cunha

É importante fazer algumas considerações em relação aos arquivos privados como fontes de pesquisa. Primeiramente, a respeito da terminologia adotada: *Arquivo Privado de Nelly Cunha*. Refiro-me ao que Nelly guardou de documentos e que “testemunham” momentos de sua vida, suas relações pessoais e profissionais. São cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, cadernos, contratos, livros didáticos e alguns poucos literários. Esses documentos, quando tomados em conjunto, revelam sua trajetória de vida, também seus gostos, interesses e valores, constituindo-se em um arquivo pessoal, conforme destaca Mignot (2002, p.17):

Guardados em sótãos e porões, conservados em gavetas fechadas a chaves, perdidos em bibliotecas cobertas pela poeira do tempo, arquivos pessoais são mantidos sob os cuidados de muitas famílias. Cobiçados, esses “legados incômodos” protegem segredos, aguçam curiosidades. Chegar até eles é tarefa árdua e imprevisível. Envolve conquistar confiança, revolver saudades, embaraçar-se com lágrimas.

Também Moura (*apud* MIGNOT 2007, p.39) aponta que:

Nossos guardados, certamente, têm coisas que, quando vamos buscar, nos sensibilizam, fazem nossas lembranças viajarem no tempo, ajudando-nos a entender porque escolhemos ser professoras e não uma outra profissão. Cada uma de nós tem caixinhas onde guardamos bilhetes, cartas inesquecíveis, cartões postais, convite de formatura, nossos primeiros cadernos, os caderninhos de nossos filhos nas primeiras experiências escolares, cadernos de planos, fotografias, enfim, temos lá, no cantinho do armário, muitas relíquias que precisam ser socializadas. Por isso, devemos preservar essas histórias privadas também, pois nada mais belo é poder olhar a nossa experiência, trocando relatos, papéis e documentos que nos ajudam a entender o nosso fazer na educação [...].

Desvendar este arquivo é também considerar sua importância histórica no campo educacional. Entretanto, surge a questão “Como conceituar este material?” De acordo com Rousso (1996, p.2):

A utilização de um "arquivo" pelos historiadores só pode ser compreendida sob a luz da noção de "fonte". Chamaremos de "fontes" todos os vestígios do passado que os homens e o tempo conservaram, voluntariamente ou não - sejam eles originais ou reconstituídos, minerais, escritos, sonoros, fotográficos, audiovisuais, ou até mesmo, daqui para a frente, "virtuais" (contanto, nesse caso, que tenham sido gravados em uma memória) -, e que o historiador, de maneira consciente, deliberada e justificável, decide erigir em elementos comprobatórios da informação a fim de reconstituir uma seqüência particular do passado, de analisá-la ou de restituí-la a seus contemporâneos sob a forma de uma narrativa, em suma, de uma escrita dotada de uma coerência interna e refutável, portanto de uma inteligibilidade científica.

Bellotto (1991, p.14) afirma que *o documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa*. Nesse sentido, todos os materiais, quando explorados pelo/a historiador/a, podem ser considerados fontes de pesquisa.

Os referidos estudos sobre arquivos privados e sobre fontes contribuíram, então, para definir melhor o trabalho de pesquisa, em especial como lidar com as fontes escritas do arquivo privado de Nelly. Como destaca Bédarida (1996, p.222), em relação aos documentos e ao papel do/a historiador/a:

De fato, a verdade da história provém da interface entre os componentes do passado, tal como ele nos chega através de seus vestígios documentais, e o espírito do historiador que o reconstrói, buscando conferir-lhe inteligibilidade.

Sendo assim, as fontes escritas e *o arquivo privado de Nelly* consistem parte fundamental dos dados, vindo a contribuir decisivamente para compor a pesquisa, pois através da análise desse material, articulado às fontes orais, foi possível reconstruir sua história de vida.

Cabe ressaltar que minha breve experiência em localizar informações e documentos em arquivos públicos, como secretarias de educação, bibliotecas, museus, Instituto Nacional do Livro, entre outros, mostrou-se insatisfatória quanto à atenção, guarda e conservação de materiais antigos, visto que, no processo investigativo inicial dessa pesquisa nada encontrei.

Por isso, considero novamente oportuno enfatizar o arquivo privado de Nelly Cunha, no que se refere à guarda desses materiais pelos familiares ao longo dos anos, uma vez que a professora faleceu em 1999, e encontrei esse acervo em 2005, cuidadosamente preservado. Isso ganha ainda mais relevância considerando a prática comum de descarte de tudo o que é “velho”. Diante disso, merece destaque a atitude de Elaine Cunha da Silva e Nina Rosa da Cunha Wolff, por acolherem a pesquisa e por seu gesto de doação de um material rico para o trabalho em questão, pois, inicialmente, empenhada em realizar as entrevistas, não pensava, ainda, na coleta de materiais escritos.

É válido reiterar que recentemente os arquivos privados têm despertado grande interesse dos pesquisadores de diferentes áreas, constituindo-

se em valiosas fontes de pesquisa, pois desvendá-los possibilita compreender e entender muitas facetas da história que, por outras vias, tornam-se praticamente desconhecidas.

O crescimento das pesquisas nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano têm aumentado a procura por este tipo de fonte, chamando atenção para a importância de sua preservação, organização e abertura à consulta pública.

Apesar dos sérios obstáculos que limitam o acesso aos arquivos privados, efetivamente eles têm despertado o interesse de muitos/as pesquisadores/as, como se percebe em alguns estudos na área da educação brasileira, a exemplo de Ana Chrystina Mignot (2002), em “Baú de memórias, bastidores de história, o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto”, no qual desvenda, através dos documentos, a trajetória da eminente educadora, que foi presidente da entidade União Feminina do Brasil (UFB), atuante da Associação Brasileira de Educação (ABE), foi presa política, casada com Edgar Süssekind de Mendonça, que era professor, diretor de escolas, escritor, tradutor, editor e fundador da ABE. Ambos assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação em favor da escola pública, gratuita, universal e laica. Também na tese de doutorado de Francisca Izabel Pereira Maciel (2001), “Lúcia Casassanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais”, a pesquisadora explorou o arquivo privado da professora. Na tese a autora reconstruiu a trajetória de formação e a prática pedagógica de Lúcia Casassanta. Mais recentemente, a pesquisadora Beatriz Daudt Fischer (2006) analisou o arquivo pessoal da professora Nilce Leone Chaves (Nilce Léa), uma ativa militante do Centro de Professores do Rio Grande do Sul, atualmente CPERS-Sindicato, casada com Hamilton Chaves, jornalista e político influente que esteve diretamente ao lado do então governador Leonel Brizola na década de 60. Esses estudos ajudaram a subsidiar essa pesquisa principalmente no que tange às questões de exploração de arquivos privados.

Sabe-se que os materiais coletados são fragmentos de um período, e podem ser entendidos como “diamantes brutos” que devem ser lapidados, ou seja, os dados encontrados em uma pesquisa não estão “prontos”, devem ser analisados, selecionados e articulados entre si e com uma base teórica.

Assim sendo, no momento seguinte, já com o arquivo de Nelly em casa e tendo registrado no diário de campo⁴ todo o percurso e as implicações disso, como pesquisadora, fascinada e curiosa, mas centrada na pesquisa, é que fui organizar o arquivo e fazer a seleção de dados.

Ao mexer e remexer no arquivo de Nelly, como quem quer procurar algo novo, inexplorado, seduzida pelos papéis, lembrei-me da vivência de Mignot (2002, p.17) ao realizar sua pesquisa, pois me vi na mesma situação:

Inúmeras vezes fiquei debruçada sobre o arquivo com o coração aos sobressaltos, numa “experiência semi-religiosa”. Folheava sofregamente. Profanava. Esbarrava em fotos, cartas [...]. Não entendia. SupervalORIZAVA. Desprezava. Retomava.

De acordo com Maciel (2001, p.29), também às voltas com um arquivo privado, nos vimos num dilema:

Nessa trama, deparei-me com muitas dificuldades, pois, diferentemente da maioria das pesquisas, em que o pesquisador parte em busca das fontes, dos livros, enfim, dos materiais a serem analisados, o pesquisador de arquivo se vê diante de tudo e, ao mesmo tempo, de nada. O “tudo” é o arquivo como um todo, um conjunto de documentos, livros, recortes de jornais, fragmentos de anotações, cartas, agendas, etc. Todo esse material estava à minha frente, à minha disposição. E o que fazer com tudo aquilo? Em vários momentos senti o objeto escorregadio; envolta em uma enorme quantidade de documentos, o objeto parecia escapar de minhas mãos.

Apesar destes sentimentos, sabia que o trabalho que propus era de buscar, nas fontes escritas do arquivo de Nelly Cunha articulada às fontes orais, elementos que me ajudassem refazer sua história de vida.

⁴ Entre as curiosidades e sentimentos, cito a experiência ao deparar-me com a doação do arquivo privado de Nelly Cunha e ter de transportá-lo para a cidade de Pelotas. Transcrevo, a seguir, um trecho das anotações da viagem, registradas no diário de campo (2005): “Embarquei às 12h do dia 14/11/2005, no ônibus da empresa Embaixador, de volta para a cidade de Pelotas. Meu coração pulsava na garganta. Como transportar todo esse material de forma segura, ou seja, sem correr o risco de extraviá-lo ou perdê-lo? Sentia uma enorme responsabilidade. Lembro-me das palavras gentis do motorista ao olhar-me mal posicionada em meio a duas poltronas e tantas sacolas. Disse-me: Moça! Parece-me mal acomodada. Vamos colocar estas sacolas no compartimento das bagagens? [...] Respondi um NÃO e concluí: estou muito bem aqui, senhor! Só relaxei ao chegar em casa”.

Nessa perspectiva, mergulhada no arquivo privado da autora, em uma experiência fascinante e indescritível, mas atenta às questões propostas, é que fui constituindo o presente trabalho.

A seguir apresento o material localizado em seu arquivo:

- documentos oficiais (diplomas de conclusão dos cursos de piano, 1937; de normalista, 1940 e de jornalismo, 1958; convite de formatura, etc);
- rascunho de uma Antologia, que não chegou a ser editada;
- manuscritos de um livro de Contos, que também não chegou a ser editado;
- um livro de Prêmio Petrobrás – JC de Literatura (Poesias-Contos-Crônicas) ano de 1985, no qual há um texto de Nelly que foi selecionado e premiado pela poupança Habitasul;
- um álbum de recordações, no qual as pessoas prestavam homenagens escritas para Nelly;
- 29 fotos da autora;
- um caderno de planos da professora, datado de 1941 a 1946;
- um diário-relato, no qual descreveu as impressões da viagem aos Estados Unidos, em 1969;
- o roteiro da viagem aos EUA e outro referente às palestras proferidas, o certificado de conclusão do curso realizado;
- dados por escrito em ficha, referente à autora Nelly Cunha, espécie de “currículo” para a UNESCO;
- recortes de jornais referentes à viagem aos EUA e em relação à produção de seus livros;
- as revistas Cacique do ano de 1954 até 1959, totalizando 105 exemplares da revista pedagógica;
- sete contratos com a Editora Globo;

- uma correspondência de Nelly Cunha à Secretaria de Turismo, solicitando material para a confecção de uma coleção;
- sete coleções de livros, cuidadosamente encadernados, totalizando 34 livros didáticos, ou seja, cada livro corresponde a uma série, tendo duas coleções da mesma edição e ano;
- alguns livros de sua biblioteca com dedicatórias de autores como, por exemplo, Celso Pedro Luft (04/07/1985 – Língua & Liberdade); outros ofertados pelo avô para Nelly (15/09/1944 – OS BUDDENBROOK); e do esposo a ela (Dante Vivo, livro de 1935) e de Nelly para a filha Nina Rosa (presente de natal, 1959).

Assim, é com esse material, entrelaçado com as fontes orais, que elaborei a presente dissertação, sabendo dos limites desse trabalho e das possibilidades de explorar verticalmente todo esse conjunto de dados. É com este olhar que me lancei na reconstrução da história de vida da professora Nelly Cunha, fazendo escolhas e descartando informações e dados pela grande quantidade de documentos disponíveis.

A seguir passo ao segundo capítulo da dissertação, no qual procuro reconstruir aspectos da infância, juventude e escolha profissional da professora Nelly Cunha.

Figura 1: Foto de Nelly disponibilizada em seu arquivo (s/d)



QUEM FOI NELLY CUNHA?

CAPÍTULO II



Não conheci a casa dela, mas imagino assim: um monte de livros... em cada livro, um gato; em cada gato, um jasmim, livros, gatos e flores! Acho que resumi os amores da... Nelly! (Linda Alba)⁵

2.1. Reminiscências de outrora: infância/adolescência

Nelly Cunha nasceu em 30 de outubro de 1920, em Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Filha primogênita do casal Romeu Velloso Pederneiras e de Celina Machado Pederneiras. O pai era comerciante, além de securitário, e a mãe professora. A família Pederneiras era composta, além dela, filha mais velha, de um irmão caçula, Heddy Pederneiras. Ainda, em relação aos familiares, o irmão relata:

⁵ Este excerto foi extraído do diário de lembranças de Nelly, página 67, de autoria de Linda Alba, amiga da professora Nelly Cunha.

Os avós paternos eram Dinarte Velloso Pederneiras e Philomena da Câmara, os avós maternos: Júlio José Machado (fazendeiro/pecuarista e rizicultor em Pedras Brancas, hoje município de Guaíba/RS) e Adelina de Bittencourt Machado (professora). (Heddy Pederneiras, 2005, p.1).

Os dados indicam, portanto, uma “certa tradição” familiar na docência: a avó materna e a mãe foram professoras⁶.

Na história de vida da educadora, apesar das adversidades que seus pais enfrentaram para criá-los, como indica o irmão, em relato escrito para a pesquisa, há a marca forte da presença estruturada da família. A dinâmica familiar é salientada pelo irmão, que menciona terem tido uma sólida formação familiar. Ele referiu-se à família como uma base importante para sua formação, mais pelo ambiente propiciado pelo amor e dedicação do que por intervenção ou autoritarismo nas decisões. Segundo Heddy, os conhecimentos adquiridos, antes do ingresso na escola, vieram da mãe, que ensinou seus filhos a ler e escrever muito cedo.

Conforme as lembranças do irmão, a literatura sempre esteve presente na vida de ambos, e Nelly tinha um especial apreço pela leitura desde muito pequena. O hábito de ler fazia parte de seu cotidiano, tanto que ela fazia da leitura o preenchimento das horas vagas, apreciava por demais os livros. Assim, ela “sorvia” desde as revistas “Tico-Tico”, “Eu Sei Tudo” e “Para Todos”, até outras coleções como, por exemplo, “Tesouro da Juventude”, “Júlio Verne”, etc.

Ao referenciar suas leituras, procurei conhecer e visualizar a imagem desses livros. Pesquisei na internet alguns dados e os ilustro, pois esses podem ajudar a compreender sua formação como leitora, seus gostos e as inspirações de uma futura escritora.

A revista Tico-Tico, segundo a pesquisa do professor e pesquisador de quadrinhos Henrique Magalhães⁷, comemorou 100 anos na data de 11 de outubro de 2005. Diz o autor:

Foi a primeira revista a publicar quadrinhos regularmente no Brasil [...]. O *Tico-Tico* resistiu até fevereiro de 1962 [...] até que,

⁶ As três filhas de Nelly: Amaryllis (falecida), Elaine e Nina Rosa também se formaram no magistério: Elaine na Escola Normal 1º de Maio e as outras no Instituto de Educação General Flores da Cunha.

⁷ Disponível no site <http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/ticotico.cfm>. Acesso em 20 de setembro de 2007.

finalmente, com a marca excepcional de 2097 edições e quase 57 anos de existência, encerrou uma saga ainda não igualada pela revistas infantis nacionais. Era uma publicação que reunia diversas expressões culturais, com ênfase na literatura [...]. O caráter didático da publicação estava presente em toda sua linha editorial, mas de maneira natural, inserida nos contos, brincadeiras, jogos e quadrinhos, colaborando na formação de várias gerações de crianças e jovens.

Magalhães (2007) ainda indica que a revista era de *leitura agradável em livros ricamente ilustrados atraía os fãs divertindo e educando*. Assim como as histórias dos personagens Réco-Reco, Bolão e Azeitona.

Sobre essa revista, há também a pesquisa de Vergueiro e Santos (2006) que, além de caracterizá-la, indicam que ela foi a primeira revista em quadrinhos infantil publicada no Brasil, que marcou gerações de brasileiros.

Pode-se visualizar a seguir uma imagem dessa revista:



Figura 2: Imagem da Revista Tico-Tico.

Ao consultar a cópia digitalizada da revista “Eu Sei Tudo” no site específico, a indicação de Carmen Menezes⁸ (s/d) é de que

[...] era um “Magazine Mensal Ilustrado”, publicado pela Companhia Editora Americana no Rio de Janeiro a partir de 1917 [...] era organizada, ou simplesmente montada, como uma caixa de surpresas. Páginas de Arte, Nossa terra, As ciência ao Alcance de Todos. Novidades e invenções, romances, contos e aventuras [...].



Figura 3: Imagem da Revista Eu Sei Tudo.

⁸ Historiadora de formação, após freqüentar sebos durante anos, tornou-se colecionadora e livreira. As informações estão disponíveis no site: <http://www.traca.com.br/?tema=padrao&pag=euseitudoindex&mod=inicial> Acesso em 27 de novembro de 2007.

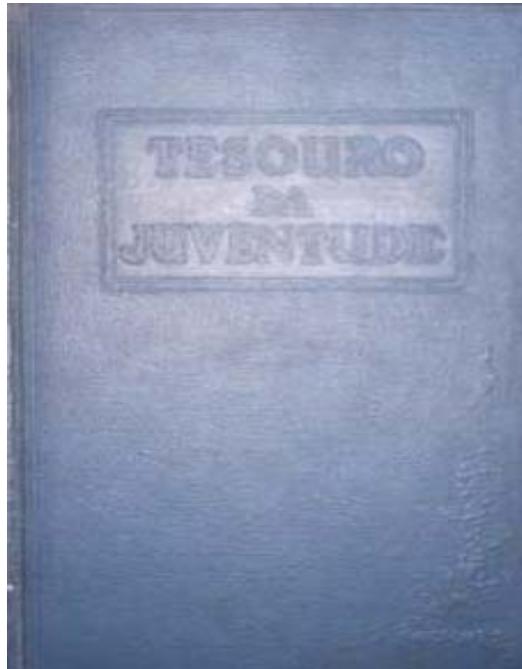
Já sobre a revista “Para Todos”, da qual não obtive imagens, consta no site que era *publicada semanalmente e era uma revista de variedades, voltada para a mulher*⁹.

Ao pesquisar a “Coleção Tesouro da Juventude¹⁰” na internet, há o destaque de que foi

[...] uma *enciclopédia* voltada para jovens e crianças, publicada na *década de 1930* [...]. Editada por W. M. Jackson, Inc., com sede em São Paulo, era obra originalmente inglesa. Caracterizava-se assim: Encyclopedia em que se reúnem os conhecimentos que todas as pessoas cultas necessitam possuir, oferecendo-os em forma adequada para o proveito e entretenimento (sic) dos meninos. Com introdução de Clovis Bevilacqua, para atestar a qualidade, possuía um texto admirável, e a seleção de temas e autores apontava para uma comissão editorial, de constituição não revelada, de alta categoria.

A seguir a imagem da coleção¹¹:

Figura 4: Imagem da Coleção Tesouro da Juventude.



⁹ Disponível no site: <http://209.85.165.104/search?q=cache:4ltcNGC3MHkJ:www.brasilcultura.com.br/conteudo.php%3Fid%3D965+http+www+brasilcultura+com+br+conteudo+php+id+965&hl=pt-BR&gl=br&strip=1> Acesso em 27 de novembro de 2007.

¹⁰ Disponível no site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tesouro_da_Juventude. Acesso em 27 de novembro de 2007.

¹¹ http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-53640811-tesouro-da-juventude-1956-enciclopedia-completa-18-vols-_JM

E a última coleção mencionada por seu Heddy, do repertório de leituras de Nelly Cunha na infância e juventude, é a “Júlio Verne”. Sobre essa coleção os dados indicam que era composta de:

Capas de diferentes edições da coleção Viagens Extraordinárias, com cerca de 50 livros, da qual fazem parte 20 Mil Léguas Submarinas, Cinco Semanas em um Balão, Viagem ao Centro da Terra, A Volta ao Mundo em 80 Dias e Jangada (cuja ação se passa na Amazônia), entre muitos outros¹².

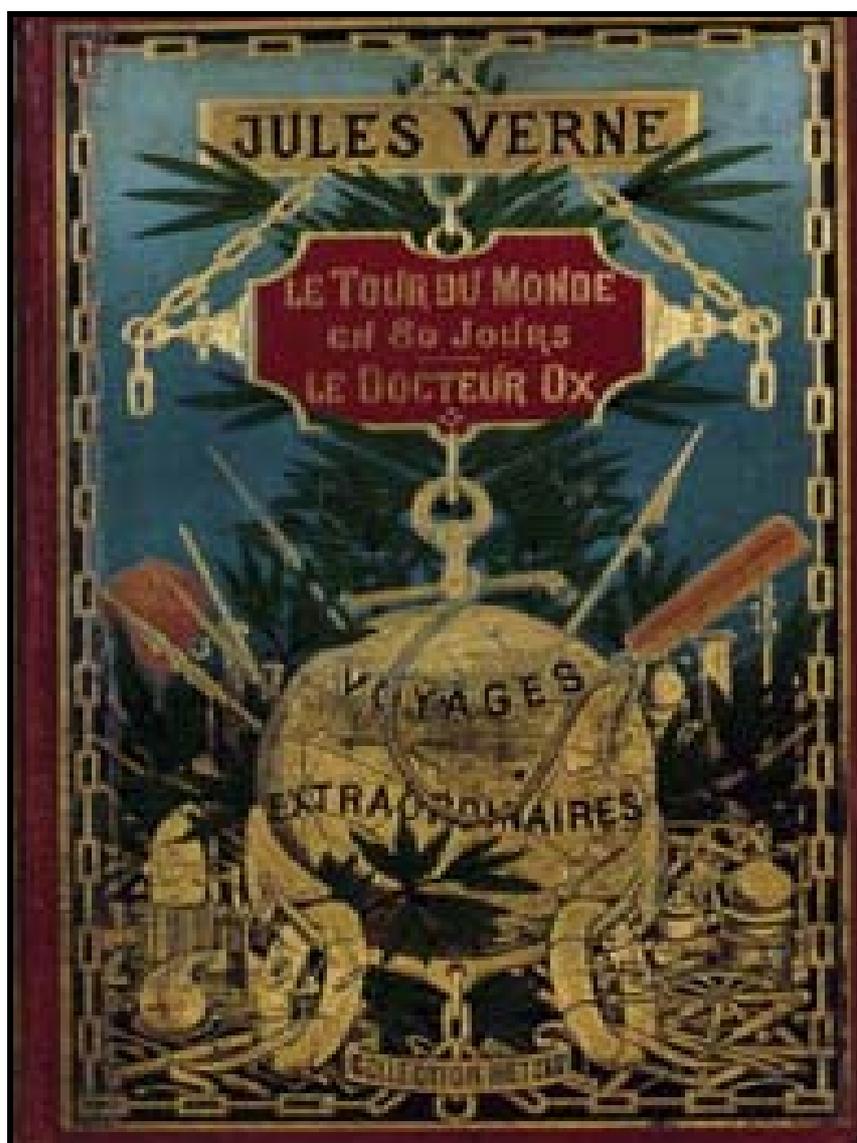


Figura 5: Imagem da Coleção Júlio Verne.

¹² Disponível no site: http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/840_verne/page12.shtml Acesso em 27 de novembro de 2007.

Seu Heddy aponta o sentido da leitura na vida da irmã, destacando o incentivo da mãe. O irmão atribuiu uma das suas condições de “boa leitora e escritora” a sua alfabetizadora, sua mãe, D. Celina. Nesse sentido, percebe-se a socialização primária (BOURDIEU, 1983)¹³ em relação à leitura e a escrita, no caso de Nelly. A mãe alfabetizadora da filha foi uma referência importante em sua trajetória.

Os primeiros anos de infância, bem como os primeiros anos como aluna, relata o irmão, passaram-se num casarão, na Rua General Lima e Silva, 1311, esquina Quatorze de julho, hoje Olavo Bilac – Bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre. Endereço de nascimento de Nelly e local que serviu como residência da família e também como escola, sendo que as professoras eram a mãe e a avó materna de Nelly Cunha, que ensinavam crianças de diferentes níveis de escolarização, em uma classe multisseriada, destaca Heddy em seu relato escrito.

Os dias se passavam naquele sobrado, onde ela viveu uma infância alegre e feliz, diz o irmão. Estudou somente por dois anos nessa escola, pois sua avó foi nomeada para trabalhar em outro colégio e, posteriormente, veio a falecer, em 1926. A partir disso, seu avô, viúvo, transferiu-se de residência e com isso o estabelecimento fechou.

Em seqüência, o irmão descreve alguns detalhes deste local, uma memória tecida de um conjunto de lembranças: espaços-lugares-pessoas que marcaram uma época:

Em 1928, depois da grande enchente, o avô construiu no terreno coberto por um pequeno bosque de árvores altas, um prédio de esquina de dois pavimentos, destinando o superior, de número 1377, para a residência da “família dos quatro” e locando o térreo para a instalação de um armazém de “secos e molhados” que se chamava “O Rei dos Barateiros”, ou talvez “O Rei Barateiro”. Posterior locou-se a residência para a instalação de um colégio semelhante ao original – classe multisseriada, cuja locatária era a professora Adelina Bacellar [...]. Fomos imediatamente ali matriculados.

¹³ Em outros termos, a socialização primária é aquela que reúne as experiências primitivas, da origem.

Percebe-se, através das lembranças do irmão, que a escola estava sempre presente nesse contexto, ou seja, mesmo que a família tenha fechado a escola, eles acabam locando o espaço para uma senhora que instala outra escola no local, e, inclusive, os irmãos seguiram estudando lá.

No prosseguimento da trajetória escolar de Nelly, outra escola que foi freqüentada por ela, além do colégio da família, segundo seu irmão foi:

O Ginásio Brasileiro na rua Venâncio Aires, junto à esquina da Av. João Pessoa, até o seu fechamento, quando transferiu-se para outro colégio elementar na rua Sebastião Leão, á beira do chamado “Açude”, que era um braço do Arroio Dilúvio, que naquele ponto formava a “ilhota” do (Lupicínio). Depois da retificação do arroio e abertura da Av. Ipiranga, tudo isso acabou ou foi urbanizado [...]. (Heddy Pederneiras, 2005, p.2).

A partir deste relato seu Heddy aponta o motivo da mudança de residência e o próximo local no qual foram matriculados. Nelly foi estudar no Colégio Americano, na Av. Independência, na capital, e mais tarde transferiu-se para o Colégio Oswaldo Aranha, no bairro Partenon, onde concluiu o curso elementar.

O primeiro namorado, estudante do 5º ano primário do Colégio Rosário, uma escola privada, surgiu nessa época. Posteriormente, ficaram noivos, na década de 30, e, antes mesmo de se formar professora, no dia 31 de janeiro de 1940, Nelly casou-se com Fabrício Mesquita da Cunha. O marido era advogado do Departamento dos Correios e Telégrafos - DCT¹⁴. Deste enlace matrimonial, nasceram três filhas: Amaryllis (que faleceu muito jovem), Elaine e Nina Rosa. Nelly ficou viúva muito cedo, em 1955, com apenas 35 anos de idade.

Nelly assumiu um papel importante na criação das três filhas pequenas. Pelos depoimentos de seu irmão e das filhas, foram tempos muito difíceis. Elas relembram o falecimento do pai como um episódio muito triste e uma perda muito dolorosa que a mãe teve que suportar. Além disso, foi um momento de dificuldades financeiras, que exigiu coragem e equilíbrio, pois Nelly teve que sustentar suas filhas sozinhas, sem poder contar com o apoio e os recursos de ninguém, tendo que conciliar as tarefas domésticas com as profissionais.

¹⁴ Atualmente empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos – ECT.

Em entrevista, a filha caçula, Nina Rosa, atualmente residente em Blumenau (SC), relembra o que marcou a relação com sua mãe e, para além disso, inicia lembrando das dificuldades financeiras enfrentadas naquela época e, na fase adulta, das viagens realizadas com a mãe:

Ela que fazia as nossas roupas, o modelo era vestidos rodados e longos para aproveitar mais a peça, no entanto já se usavam as saias mais curtas naquela época [...]. Nos cabelos grandes laços, estilo meninas antigas, porém o estilo da moda já era outro. Depois de grande, lembro-me das nossas viagens que eram muito divertidas, em especial, quando fomos a Buenos Aires aproveitando o momento de queda da moeda estrangeira e fomos com o dinheiro contadinho, mas não perdemos a classe, fomos nos divertir nas cafeterias “chics” para saborearmos pelo menos um cafezinho com bolachinhas [...]. (Entrevista realizada em 14/11/2005).

Segundo a fala da filha Nina Rosa, Nelly era uma entusiasta por viagens, passeios, novas e diferentes culturas e quando dispunha de recursos econômicos para viajar não media esforços. Algumas dessas viagens estão registradas em cartas, postais e fotos. A foto abaixo, localizada no arquivo de Nelly, refere-se a um desses momentos da sua vida.



Figura 6: Foto de 1995, quando Nelly viajou para Buenos Aires, com 75 anos idade.

Ao apresentar alguns fatos ou passagens da vida de Nelly, relembro as idéias de Fischer (2006, p.268) que diz:

A alguns pode parecer fora de propósito, num trabalho de história da educação, apontar para episódios de vida que mais parecem curiosidades de almanaque popular, mas opto por assim fazê-lo porque em parte revela a personalidade [da professora].

Nesse sentido, pequenos fatos, embora pareçam irrelevantes, são de suma importância para compreender a história de vida da professora Nelly Cunha. Estão nesse rol suas leituras de infância e juventude, amizades, viagens, casamento, família, etc.

Os depoimentos sobre a história de vida, de trabalho e de luta de Nelly Cunha evidenciam que muitos dos seus feitos resultaram de seus gestos de determinação, de dedicação, de amor e do incansável trabalho. Ao longo de sua vida, em tudo o que fez, deixou marcas de uma atuação forte e determinada.

As lembranças do irmão de Nelly fizeram rapidamente “um vôo” pelo tempo passado até os últimos dias de sua existência. Do passado ao presente e de novo de volta ao passado, é o movimento de lembrar, como percebemos em seu relato e na afirmação de Rousso (1996, p.98) que diz que um indivíduo quando interrogado pelo historiador, quando fala do passado não fala “senão do presente, com palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento”. É um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas. Para além disso, Hedly rememora, a partir de sua saudosa lembrança na condição de irmão, assim como fazem as filhas que, nostálgica e saudosamente, lembram a mãe.

Admitir e trabalhar com a memória implica em entender que as pessoas constroem suas memórias de modo específico, entrelaçadas com suas emoções, e que, segundo Pollak (1989, p.9), *a memória, [é] essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar [...]*.

A memória consegue trazer à tona fragmentos que aconteceram no passado, que ora estão ocultos, desconhecidos, guardados e por vezes esquecidos, e, com isso, possibilita retratar fatos, acontecimentos, que permitem reconstruir a história, que por outra fonte seria muito difícil ou até, em alguns

casos, impossível. Sendo assim, no que diz respeito à infância, juventude e à vida escolar de Nelly, o relato de seu irmão Heddy foi fundamental.

Com o intuito de melhor compreender a trajetória de Nelly, passo agora a outro aspecto de sua vida: a formação como musicista.

2.2. A pianista Nelly Cunha

Para além da professora “vocacionada” à tarefa docente, paralelamente aos estudos, como “hobby”, Nelly matriculou-se no curso de piano, ministrado pela professora Emilia Carlota Xavier da Costa, sua vizinha, conhecida por dona Noquinho, irmã de Ana Carolina Xavier da Costa, que depois viria a ser colega de trabalho de Nelly, no Grupo Escolar Rio Branco. Ao atingir o limite de competência do curso, transferiu-se, por indicação da professora, para o Curso Superior de Piano no Conservatório Mozart, Porto Alegre, formando-se em 31 de dezembro de 1937, conforme visualiza-se a seguir:

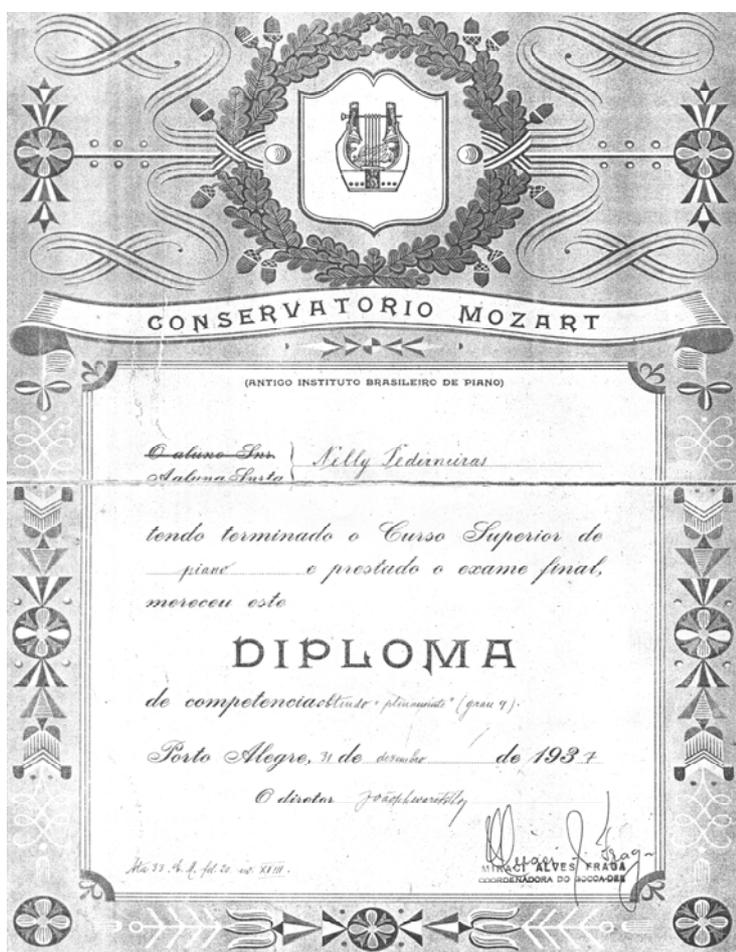


Figura 7: Cópia do Diploma do Curso de Piano, em 31/12/1937.

Conforme o relato escrito por seu Hedly, o diretor do conservatório era o maestro João Schwartz, e sua esposa, dona Ida, o auxiliava no ensino da música. Nelly executava solos, com acompanhamento de piano, dedicava-se especialmente ao canto lírico (ópera) e erudito brasileiro, espanhol e italiano. Além de árias, duetos e até quartetos líricos, como o do Rigoletto, dedicava-se também às músicas populares e a alguns boleros mexicanos, valsas e tangos argentinos e às sacras, como as Ave Marias.



Figura 8: Apresentação de Nelly no Conservatório Mozart, em POA (s/d).

Sobre essa fase da vida de Nelly, dona Rebeca Amar, sua vizinha na época, em entrevista no dia 25 de novembro de 2007, conta:

Chamava-me atenção porque na casa dela o casal cantava muito, mas muito. Ela tocava piano e ele tinha uma voz assim, que, se tu tivesse na Redenção¹⁵, tu escutava a música. Era um tom bem forte, coisa maravilhosa. A vizinhança toda se encostava na janela para ouvir aquelas belas músicas, mas era lindo de se ouvir.

¹⁵ O Parque Farroupilha, que é conhecido também como "Redenção", localiza-se em Porto Alegre, bem próximo ao centro da cidade, entre os bairros Bom Fim e Cidade Baixa. A entrevistada refere-se a ele, por ser bem próximo da residência de ambas, cerca de uns 200 metros.

O piano servia para reunir amigos em recitais em sua residência durante os finais de semana. O casal também fez curso de canto com a professora Branca Bagorro, formando um dueto, ao som do piano. Além disso, eles atuaram em dueto na “Hora Italiana”, programa semanal em emissora de rádio-difusão de Porto Alegre.



Figura 9: Nelly e Fabrício no programa de rádio (s/d).

A música sempre esteve presente na vida de Nelly, inclusive na sua trajetória profissional. Escreveu muitas histórias e contos para a revista pedagógica “Cacique”, sendo que esses eram freqüentemente relacionados à música¹⁶. Também em sua prática pedagógica freqüentemente utilizava a música, conforme aparecem em relatos da colega e da ex-aluna.

¹⁶ Vários títulos destas histórias e a abordagem desta fase de sua vida em que trabalhou na Revista “Cacique” serão posteriormente detalhados em capítulo específico.

Conforme relata a colega de trabalho do Grupo Escolar Rio Branco, a senhora Ana Carolina Xavier da Costa, Nelly tinha um talento musical excepcional:

Ela era responsável por preparar as apresentações artísticas e culturais da escola, quando se recebia a visita de alguma autoridade ou para celebrar uma data comemorativa. Nelly organizava e ensaiava todas as turmas da escola. Era uma “produtora de espetáculos” e o sucesso das apresentações rendia-lhes vários elogios, para, além disso, possuía uma habilidade especial no trato com os alunos considerados indisciplinados, ao propor atividades com a música para acalmá-los e conseguir trabalhar determinadas dificuldades. (Entrevista realizada em 28/06/2007).

A partir deste relato de dona Ana Carolina, observa-se que a professora Nelly Cunha conciliava docência e música na sua prática pedagógica. Uma forte marca e diferencial na escola.

Nelly Cunha apresentou-se em inúmeros concertos, como, por exemplo, no Teatro São Pedro, na cidade de Porto Alegre, no dia 03 de julho de 1957, no qual recebeu inúmeros louvores das pessoas que a assistiram, registrados em seu álbum de poesia e recordações. Entre as homenagens escritas, destaca-se: Érico Veríssimo, Paulo Autran, Oduvaldo Viana, Walmor Chagas e Alberto Fernandes, que se manifestou com o seguinte poema:

No teu piano eu vejo uma capela
E em tuas mãos, bem brancas de rezar,
Levando em cada dedo uma vela
Iluminando – eu vejo um lindo altar

(Álbum de poesia de Nelly Cunha, 03/07/1957, p.11).

O álbum de Nelly servia para salvaguardar uma recordação, um momento bom, principalmente para registrar os sentimentos das pessoas que assistiam suas apresentações artísticas. A esse respeito, nos diz Cunha (2005, p.354):

Emocionadas, contidas, longas ou curtas, as dedicatórias presentes nos álbuns apontam para uma idéia de conagração, de amizade [...]. Afetos que permanecem como um resíduo, materializados em tinta e papel [...], eternizaram momentos e podem emergir como lembrança, como re-conhecimento, como possibilidade de não-esquecimento.

Algumas das emoções, das amizades e das lembranças estão registradas no álbum de recordação de Nelly Cunha.

Feita essa breve explanação sobre a pianista Nelly e sobre a influência da música em sua prática, passo a apresentar a sua formação como professora.

2.3. Como se tornou professora?

Inicio este subcapítulo com as idéias de Arroyo (2004, p.14), que sintetiza a imagem e o ofício de mestre ao mencionar que:

Revisitar o magistério é como revisitar nosso sítio, nosso lugar ou nossa cidade. É reviver lembranças, reencontros com nosso percurso profissional e humano [...]; o magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas. Um espaço de múltiplas expressões.

Nelly Cunha foi uma educadora que marcou sua época, em virtude de seu empenho e dedicação ao longo de muitos anos dedicados ao magistério. Além disso, foi uma professora que produziu sete coleções didáticas.

Sua escolha profissional está relacionada à trajetória de vida familiar. A opção pelo magistério, apontada no relato do irmão Heddy, foi despertada muito cedo e teve sua origem no contexto familiar, pois Nelly pertencia a uma família de professoras: a figura da avó-professora e da mãe-professora foi um fator que influenciou sobremaneira a sua opção profissional. O irmão refere-se a elas como modelos para sua formação identitária e reconhece a influência profissional de ambas como uma das razões para a escolha de Nelly. De acordo com Peres (1999, p.135):

Certamente, nossa(s) identidade(s) permeia(m) e é(são) permeadas pelo modo de estar no mundo advindos das relações pessoais, afetivas, profissionais e das relações sociais em geral.

Ou seja, somos “puro” movimento; como seres psicossociais concretos nos relacionamentos a partir das ferramentas, construídas para ver e sentir as coisas que nos cercam [...].

Assim sendo, considerando o meio em que estava inserida, a opção de Nelly pelo magistério pode ser compreendida como resultante dessas relações que foram funcionando como matriz de percepções e identidade.

Nelly ingressou no curso de magistério no Instituto de Educação General Flores da Cunha¹⁷, em Porto Alegre, sendo aprovada com o conceito “Plenamente” e recebendo o diploma de aluna-mestra (FIG.10) em 10 de abril de 1940.

A partir daí, começou sua trajetória profissional como professora. Após a formatura, recebeu sua primeira nomeação para o exercício do cargo de professora da rede estadual de ensino, na cidade de Vacaria, no Rio Grande do Sul. O irmão relata esta fase vivida por Nelly:

Ela foi residir no hotel da cidade, onde também morava a diretora do colégio, a professora dona Branca Paim. Ambas iam a cavalo para o sublime trabalho, que foi sempre seu projeto de vida. (Heddy Pederneiras, 2005, p.3).

Nessas lembranças é possível que tenham ocorrido determinadas representações, conforme aponta Ferreira (1994, p.8), as possíveis distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputada podem ser encaradas de uma nova maneira, não como desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa. Essas ênfases, possíveis “distorções”, supervalorização, esquecimentos, são partes constitutivas das reminiscências. Isto significa dizer que a memória pode revelar para uma imagem afetiva da situação rememorada.

¹⁷ De acordo com o site: <http://www.aredencao.com.br/instituto.htm#historico>, acessado em 05/01/2008; o Instituto de Educação General Flores da Cunha é a mais antiga escola de grau médio de Porto Alegre. Criada como Escola Normal da Província em 05/04/1869, foi instalada a 1º de maio do mesmo ano, com a finalidade de formar professores para o ensino primário. Desde o princípio, recebeu crescido número de alunos de ambos os sexos, concorrendo decisivamente para habilitar profissionalmente o magistério da Província. Na década de 1930, sob a administração estadual do General Flores da Cunha, foi ordenada a construção do espaçoso prédio da Av. Osvaldo Aranha, dado por pronto em 30/4/1936. Já então, fora restabelecida (desde 1929) denominação de Escola Normal, transformada em Instituto de Educação por obra de um decreto de 09/01/1939. Já tivera, na década de 30, a denominação de “Escola Normal General Flores da Cunha”, abandonada em decorrência da desgraça política do patrono em 1937.

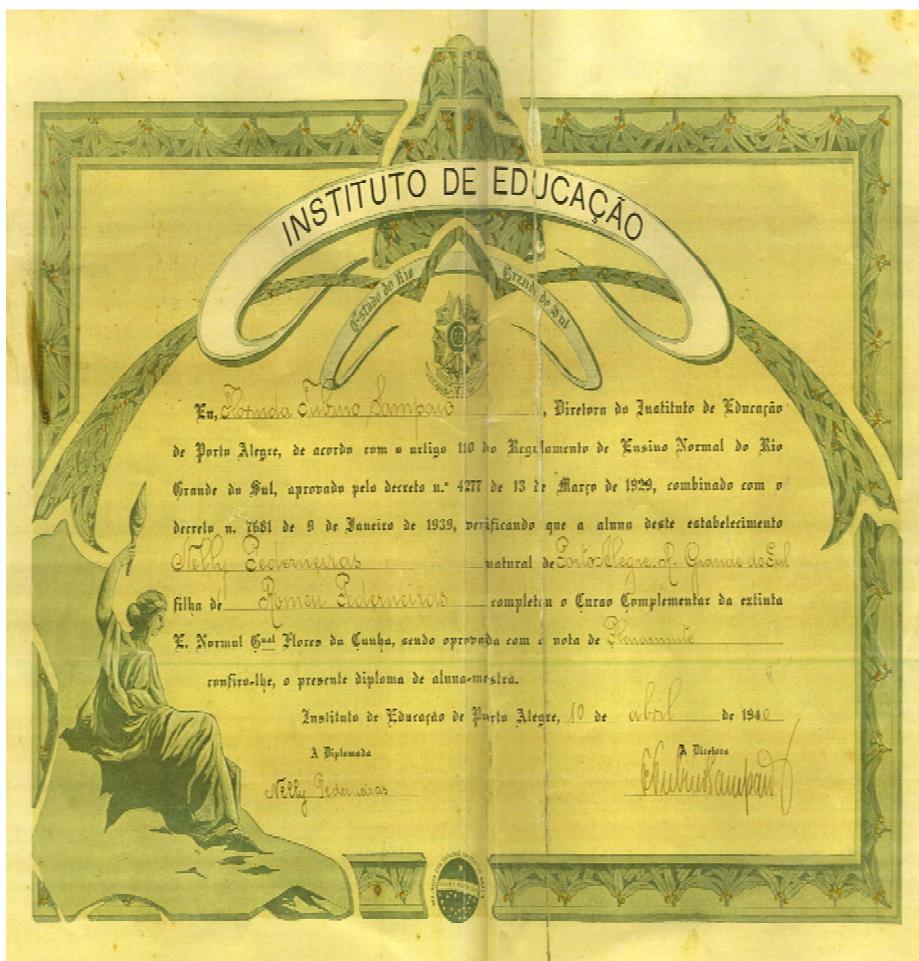


Figura 10: Cópia do Diploma de Professora.



Figura 11: Retrato de formatura.

Nelly permaneceu em Vacaria por apenas um ano. Obteve transferência para a capital gaúcha e começou a lecionar no Grupo Escolar Rio Branco, no bairro Petrópolis em Porto Alegre, onde desempenhou suas atividades, segundo suas filhas, até sua aposentadoria, com 30 anos de experiência em sala de aula. Além disso, segundo seu Heddy, suas amigas perduraram por longos anos, como as amigas: Conceição De Piazza e Petrulina. No arquivo privado da professora Nelly, há uma foto do corpo docente do Grupo Escolar Rio Branco, sem data, e no verso da foto encontra-se o nome dessas colegas e de outras como: Dora Batain, Eloá, Edela, Geni Sperb, Virgínia, Cecília Grinberg, Ana Carolina Xavier da Costa (Anita), Iria, entre outras.



Figura 12: Foto entre as professoras do Grupo Escolar Rio Branco, Nelly está em pé, sua posição é a terceira da esquerda para a direita.

Ao entrevistar, em 28 de junho de 2007, na cidade de Porto Alegre, uma de suas colegas de profissão, Ana Carolina Xavier da Costa, mais conhecida por todos como Anita, hoje com 98 anos de idade, ela relatou:

Lembro-me que ela era das letras, vocacionada, muito inteligente, tinha muita criatividade [...]. Nelly sabia lidar com os alunos que tinham problemas na escola, pois ela os abraçava pelo pescoço e lá levava eles para o piano e com a música ela orientava e conversava com eles. As festas na escola eram muito importantes e quem organizava as apresentações era a Nelly, desde os pequeninos até os grandes. Tinha muito talento. Ela se destacava. Sempre foi uma professora dedicada, de grande conhecimento, respeitada por todos e ao mesmo tempo inovadora. A Nelly era diferente, se destacava lá na escola. Todos adoravam os livros que ela escrevia. Os alunos sentiam uma honra e uma alegria em utilizar os livros escritos por ela.

Conforme (POLLAK, 1992), a memória é constituída por pessoas, personagens. Além disso, segundo as autoras Stephanou e Bastos (2005, p.420), *é uma espécie de caleidoscópio composto por vivências, espaços e lugares, tempos, pessoas, sentimentos, percepções/sensações, objetos, sons e silêncios, aromas e sabores, texturas, formas*. Nesse sentido, no processo de rememoração de D. Anita, percebe-se a emoção e as “marcas” da professora Nelly, ou seja, a música, o piano, as festas, as apresentações e, também, os livros que produziu.

De acordo com o relato, aparentemente Nelly tinha uma atuação diferenciada, cantava, regia e cativava os alunos com a magia da música. Sua ação como educadora foi marcante, conforme o relato apresentado pela filha Elaine, que foi sua aluna no 5º ano primário, em 1954, no Grupo Escolar Rio Branco. Ela diz o que marcou nas aulas da mãe-professora:

Ela era bem criativa nas aulas, pois não gostava de aulas “paradas”, então, fazia dinâmicas na exposição dos conteúdos. Ainda, explicava o conteúdo com muito entusiasmo e clareza. Lembro-me bem que eu era tratada como os demais coleguinhas de sala de aula, sem distinção ou regalias.

Além desse relato, a filha de Nelly proporcionou um contato com outra aluna da mãe, Maria Helena Portanova de Oliveira, hoje com 67 anos de idade que, em depoimento por escrito, descreve:

Conheci a professora na Escola Estadual Rio Branco e fui colega nas 3ª e 4ª séries primárias de sua filha Amaryllis. Na 5ª série fui aluna de Dona Nelly [...]. Quando me tornei professora, trabalhei

com os livros de sua autoria: Estrada Iluminada e Páginas do Sul, seguindo sua didática. Sempre admirei muito esta professora e, mais ainda, como mãe de minhas amigas: Amaryllis, Elaine e Nina [...] Tenho sempre na lembrança a meiga Dona Nelly, como um exemplo de mulher dedicada, batalhadora e muito culta.



Figura 13: Nelly com seus Alunos do Grupo Escolar Rio Branco (s/d).

Ao longo de sua trajetória, outra atividade de Nelly era a de ministrar, em sua residência, aulas particulares para um grupo de alunos, preparando-os para o exame de admissão ao Ginásio. Nelly dava aulas de Português e outra colega ministrava as aulas de Matemática. Segundo suas filhas, essa era uma forma de complementar a renda familiar.

Através das recordações das entrevistadas, foi possível perceber que a trajetória profissional de Nelly mantém-se presente na memória das filhas, alunas e da ex-colega. Essas memórias, que aqui foram registradas, revelaram alguns aspectos da atividade docente da professora Nelly. Diante disso, o próximo

subcapítulo é dedicado a um estudo mais detalhado da prática pedagógica e do ideário com o qual Nelly “comungava”: a Escola Nova.

2.4. Aspectos da prática pedagógica de Nelly Cunha: Cadernos de planos (1941-1946)

Entre os diversos materiais doados pelas filhas, havia um caderno de planos de aula, manuscrito, de capa dura, letras desenhadas bem talhadas, escritas com caneta tinteiro. Esse caderno contém noventa páginas, com o registro de planos de aula e de projetos de ensino, além do registro das notas dos alunos dos 4^{os} anos primários com os quais Nelly trabalhou no Grupo Escolar Rio Branco, entre os anos de 1941 e 1946. Tal caderno traz informações de grande valia em relação a elementos que localizam o possível ideário pedagógico da professora e autora de livros didáticos.

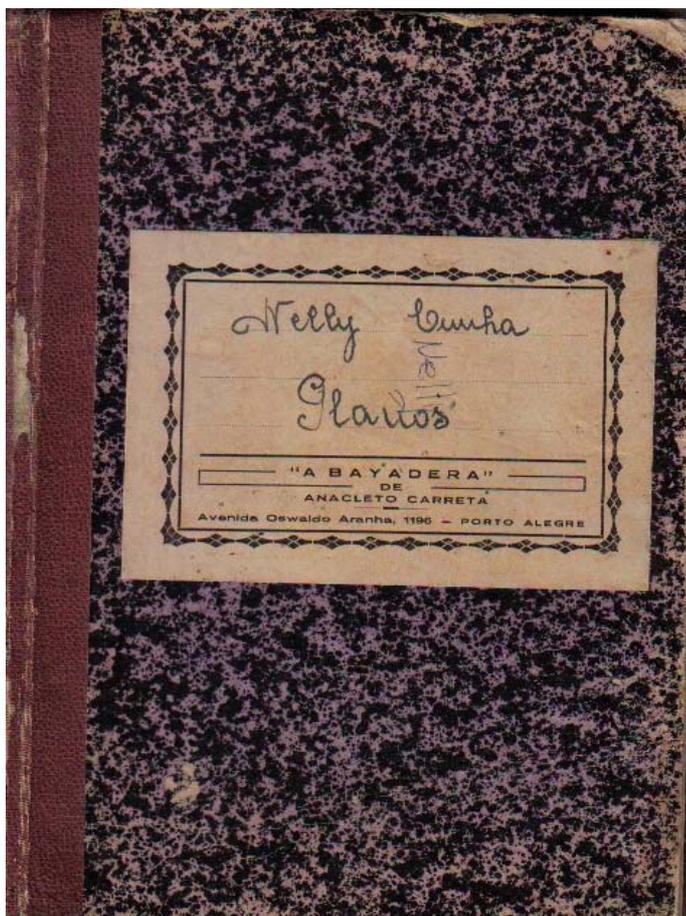


Figura 14: Imagem da Capa do Caderno de Planos de Nelly.

Neste subcapítulo tem-se como propósito fazer uso do caderno de planos, anteriormente citado, para apresentar aspectos da prática escolar da professora Nelly, bem como distinguir os métodos, as referências e os fundamentos por ela adotados.

O uso do caderno de planos como fonte de pesquisa, fundamenta-se a partir das idéias de Lopes e Galvão (2001, p.80), que, em relação às fontes em História da Educação, dizem:

Com o alargamento dos temas abordados pela História da Educação, [...] os pesquisadores foram, aos poucos, também ampliando o uso das fontes. Tal como ocorreu em outros domínios da História, os historiadores da educação incorporaram a idéia de que a História se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais [...].

Segundo as autoras, o estudo de objetos utilizados no cotidiano da escola tem se tornado fundamental nas investigações da História da Educação. Pesquisar os diversos materiais, tais como cadernos, provas, boletins, livros, entre outros utensílios, possibilita a análise e a reconstrução de práticas escolares.

Dessa forma, muitos autores partilham do mesmo ideal de fazer a história avançar por novos caminhos que ampliem a perspectiva do uso de fontes, gerando múltiplas contribuições para a História da Educação. Sendo assim, a tentativa de analisar o caderno de planos da professora Nelly Cunha insere-se nesse esforço de contribuição, ou seja, o uso de novas fontes, para uma nova historiografia da educação; pois, conforme Amâncio e Cardoso (2006, p.194), é preciso considerar o caráter discursivo das fontes oficiais e escolares, pois elas:

[...] fazem parte de um conjunto de dispositivos que contêm em sua estrutura elementos reveladores de conteúdos valorizados pelas instituições de ensino em diversos âmbitos: o do ensino, porque contempla e registra o conhecimento considerado válido para ser ensinado aos alunos (tanto as crianças quanto aos professorandos); o da escolha metodológica, porque acaba revelando, de certo modo, as opções do professor no

encaminhamento/planejamento para o encontro do aluno com o saber sistematizado; o da avaliação, porque evidencia as cobranças do que foi mais relevante no universo dos diversos conteúdos destinados aos aprendizes.

Também o estudo de Gvirtz (1999) destaca a relevância do uso de cadernos como fonte privilegiada de registro do ensino e aprendizagem. De acordo com a autora, o caderno não é um mero suporte físico, pelo contrário, é um dispositivo cuja articulação gera efeitos na dinâmica da sala de aula, através da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar. Isso é válido, também, para os diários de classe de professoras (cadernos de planejamentos).

De acordo com essas pesquisadoras e corroborando as idéias de Peres (2006, p.136), os diários de classe tornam-se instrumentos de pesquisa muito importantes e por isso deve-se *criar a cultura da preservação* desse material, como no caso da manutenção do caderno de planejamentos da professora Nelly Cunha.

Analisando o caderno de planos da professora, me foi possível identificar vinte e sete projetos realizados por Nelly com seus alunos, entre os anos de 1941 a 1946. Verifiquei, então, que, em média, os projetos tinham duração de 15 a 30 dias e eram acompanhados das respectivas atividades passo a passo. Assim, também chamam atenção algumas características presentes na maioria dos projetos, tais como a seqüência e os passos seguidos nesses projetos, quais sejam: introdução, motivação, desenvolvimento e aplicação.

Destaquei do caderno, também, algumas atividades realizadas pela professora, neste mesmo período, com bastante freqüência: excursões, passeios, palestras aos alunos, plantio de vegetais, confecção de álbuns, piqueniques, jogos, brincadeiras, trabalhos manuais, montagem de peças de teatros, entre outros. Atividades essas que corroboram aquilo que a filha, a aluna e a ex-clega rememoram em relação à Nelly: sua criatividade, dinamicidade e dedicação. Havia, ainda, planos preparatórios para as provas finais de cada ano letivo, nos mesmos moldes de categorização dos projetos: introdução, motivação, desenvolvimento e aplicação.

Destaco, também, no registro dos planos de ensino de Nelly, a culminância dos projetos ou dos centros de interesse, geralmente como uma atividade manual – princípio básico da Escola Nova. Como exemplo, pode-se destacar o projeto sobre a Semana da Asa, em 1941, no qual foi proposta a confecção de um brinquedo, uma pandorga, conforme se pôde constatar no caderno de planos. Os projetos e centros de interesse propostos pela professora sempre pressupunham, ainda, jogos e brincadeiras como forma de integração de conteúdos, de associação de idéias, de motivação ou aplicação dos conhecimentos. Assim sendo, esse registro permitiu-me perceber uma das muitas facetas da professora: sua vinculação ao ideário escolanovista. Nelly Cunha, um dos nomes mais expressivos no campo da produção didática no Rio Grande do Sul, foi, antes de tudo, uma professora do ensino primário com uma efetiva prática vinculada aos pressupostos teóricos mais “avançados” de seu tempo.

Apresento, no quadro a seguir, alguns dados contidos no Caderno de Planos, com o objetivo de dar uma idéia geral desse material:

Quadro 2

Planos

ANO	SÉRIE	REGISTROS
1941	4º ano primário	<p>Plano para a Semana da Árvore (introdução, motivação e desenvolvimento de atividades como palestra, leitura, excursão, desenho, redações, jogos, exercícios e outros, no período de 17/09/41 a 17/10/41).</p> <p>Centro de Interesse: Semana da Asa (atividade principal: construção de um Aeródromo, período de 18/10/41 a 14/11/41).</p>
1942	4º ano primário	<p>Projeto: Dia do Pan-Americano (aplicação de questionários, trabalhos manuais, desenhos e palestra, a qual teve início em 16/04/42 e foi o fio condutor de todo o ano letivo de 1942).</p>
1943	4º ano primário	<p>Método de Projetos no Plano Geral, através das produções Rio-Grandenses (Ciências, Linguagem, Geografia, Moral e Civismo, Matemática e História; atividades de Feira de Amostras, trabalho de cartonagem, confecção de quadros elucidativos e redação).</p> <p>Centro de interesse: O trigo; O homem (Antropologia).</p> <p>Projeto sobre a Semana da Asa (01/10/43 a 23/10/43).</p>
1944	4º ano primário	<p>Centro de Interesse: Pan-Americano / Brasil.</p> <p>Método de Projeto: A cidade e a casa de campo.</p> <p>Plano para o estudo do Corpo Humano e para a Semana da Criança (através da globalização de matérias, realização de visita ao Instituto Santa Luzia, doação de livros para as crianças hospitalizadas no Pronto Socorro, tardes de jogos, brincadeiras e presentes).</p>
1945	4º ano primário	<p>Plano 1: Retorno das férias.</p> <p>Plano 2: Introdução ao estudo de hidrografia do RS.</p> <p>Plano 3: Leitura – O sapo e o elefante.</p> <p>Plano 4: Estudo sobre a vida e a obra de Castro Alves (patrono da classe).</p> <p>Plano 5: Centro de Interesse - Semana da Pátria.</p> <p>Plano 6: Dia da Árvore.</p> <p>Plano 7: Produtos do RS.</p>
1946	4º ano primário	<p>Plano 1: Estudos sobre o Rio Grande do Sul.</p> <p>Plano 2: O Brasil - Regiões e belezas naturais.</p> <p>Plano 3: A missão de educar (estudos sobre vida e obra de Pestalozzi).</p> <p>Plano 4: Revisão após férias de inverno.</p> <p>Plano 5: Independência do Brasil.</p> <p>Plano 6: Centenário da Princesa Isabel.</p> <p>Plano 7: Intercâmbio de Redações.</p> <p>Plano para a Semana da Pátria (diário dos trabalhos; culminância 6 de setembro, com a exposição de trabalhos).</p>

A partir da análise do quadro, é possível relacionar as propostas de trabalho da professora Nelly Cunha a alguns autores como, por exemplo, Ovide Decroly, John Dewey e William H. Kilpatrick, considerado o responsável pelo Project Method e que prosseguiu com o trabalho de Dewey, dando-lhe uma configuração mais prática, tendo em vista um ensino mais global e menos segmentado e disperso. A proposta metodológica de Dewey “ensinar através de projetos” foi muito difundida entre os adeptos do movimento da Escola Nova. O pensamento baseado na experimentação, centrado numa atividade prática dos alunos, de preferência manual, marcaram sua produção. Gadotti (2003, p.144) refere-se às contribuições de Kilpatrick em relação ao método de projetos nos seguintes termos:

[**colocando o aluno no centro do processo**] centrado numa atividade prática dos alunos, de preferência manual. Os projetos poderiam ser *manuais*, como uma construção; de descoberta, como uma excursão; de *competição*, como um jogo; de *comunicação*, como a narração de um conto, etc. A execução de um projeto passaria por algumas etapas: designar o fim, preparar o projeto, executá-lo e apreciar o seu resultado.

Kilpatrick (1975) argumentava que a vida havia mudado, o mundo evoluído, grandes descobertas e transformações acontecido, mas a educação não acompanhava tal evolução. Descreveu que as mudanças tornaram-se mais rápidas e que então nada poderia ser mais do mesmo jeito e modo. Nesse sentido, defendia que, para uma “sociedade em mudança”, era preciso um pensamento e práticas baseados na experimentação, modelados pelos resultados da ciência e suas aplicações. Ele preocupava-se, sobretudo, com a formação para a democracia em uma sociedade em constante mutação. Ao que tudo indica, ao propor um ensino dinâmico, moderno, experimental, associado ao cotidiano e à resolução de problemas, Nelly Cunha comungava das idéias e perspectivas defendidas pelos escolanovistas: uma nova escola para uma nova sociedade.

No caso de Dewey (1979), um de seus conceitos centrais é a experiência. Para o autor, a experiência tem duplo aspecto: ensaiar e provar. A vida é toda ela uma longa aprendizagem. Vida, experiência, aprendizagem não podem separar-se, pois simultaneamente, segundo ele, vivemos experimentando e aprendendo. São também importantes as reflexões de Dewey a respeito do

interesse na tentativa de superar a velha oposição entre o interesse/esforço e interesse/disciplina. Para tanto, é fundamental o professor detectar o real interesse de seus alunos, apenas assim a experiência adquire valor educativo.

Nesse sentido, percebe-se nos projetos que eram desenvolvidos por Nelly Cunha, registrados no caderno de planos, as questões do interesse, do esforço, da motivação e da experimentação.

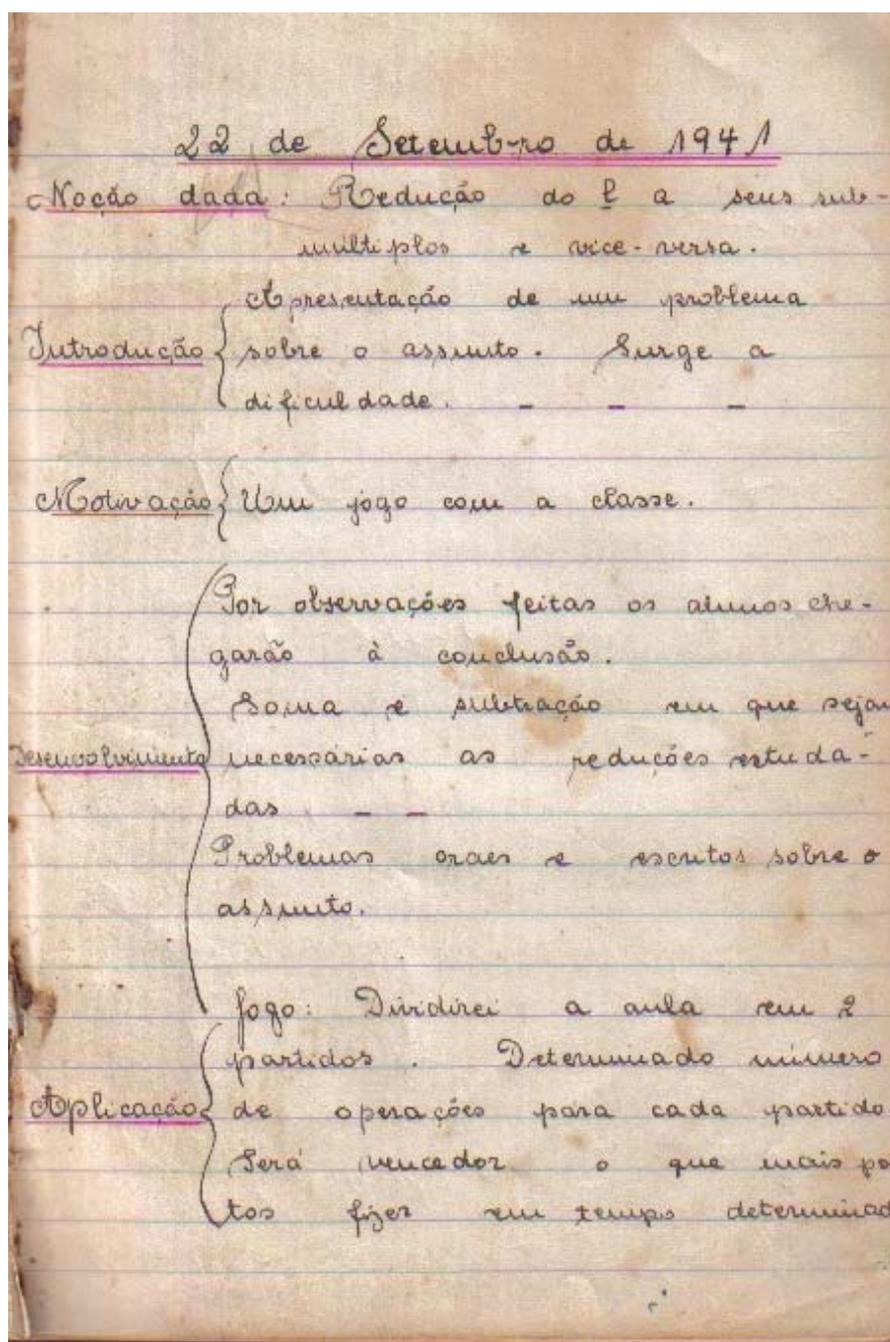


Figura 15: Página do Caderno de Planos de Nelly Cunha (outubro de 1941, p.3).

A culminância do projeto de 1941 foi uma atividade manual sobre a Semana da Asa, na qual foi proposta a confecção de um brinquedo, uma pandorga, conforme se pode observar a seguir:

Centro de Interesse. Ideia Central: Construção de um Aeróplano

Linguagem	Ar. e Geom.	Ar. no espaço (Geog.)	Ar. matem. (História)	Conh. da Natureza (Ciências)	Educação moral e Cívica	Higiene	Des...
Questionário sobre a vida de P. de Q. e S. Dumout	Linhas, ângulos (noções reconstruídas durante a leitura de livros de aviação).	Da vida de S. D. surgiram rápidos est. de Geog. Brasil sobre a vida de Ilheus de Itapicuru em S. Paulo em relação com o Retângulo, Rio G. do Sul	Histórico dos fatos estudados	Classe sobre o peso dos balões e amplexos em relação com o peso das. For que sobre as pandorgas persistência oferecida pelo - ar -			Des...
Frases sobre as pressões da aviação no Brasil	Retângulo, losango (reconstruída a partir do trabalho em pandorgas)	Geometria do Rio G. do Sul - Cota do litoral (S. P. e R. G.) e do interior (clausuras).	//				Des...
Relatório das atividades realizadas e noções adquiridas durante a S. da Asa.							Des...

Figura 16: Página do Caderno de Planos de Nelly Cunha (outubro de 1941, p.18-19).

Esse material permitiu recuperar uma parte importante da trajetória de Nelly Cunha: sua efetiva ação pedagógica, seu trabalho em sala de aula e, em consequência, algumas de suas filiações teóricas. Faz-se necessário, entretanto, expandir a pesquisa no que diz respeito à formação profissional de Nelly, de forma que passo agora a falar sobre o almejado curso universitário.

2.5. O curso superior

Em 1958, com 38 anos de idade, Nelly Cunha, viúva, formada professora, em exercício docente havia pelo menos 18 anos, decidiu ir em “busca de seus sonhos”: cursar o tão desejado ensino superior.

Para falar da escolha profissional de Nelly, destaco as idéias de Mignot (2002, p.20), a qual afirma que a *identidade não se faz em linha reta. O percurso profissional deriva de opções, escolhas, mudanças de rumo. Passa por metamorfoses*. Esse parece ter sido o caso de Nelly.

Com relação à opção pelo curso superior, a grande amiga e companheira Rebeca Amar, em entrevista no dia 26 de setembro de 2007, relata, quando questionada sobre essa fase da trajetória de Nelly, o seguinte:

Desde que eu me conheço por gente, a Nelly Cunha foi minha vizinha toda a vida, nós morávamos casa do lado de casa. Mas nós só fomos nos falar quando eu terminei o colegial, pois eu era muito mais nova que ela. Eu me esbarrei nela na rua. Ela me disse: “Oi, onde tu tá indo?”. “Olha eu vou até a PUC me inscrever pro vestibular”. Daí ela me disse: “Eu tô com muita vontade de voltar a estudar”. “Então vamos subir juntas”. E aí fomos até a PUC, que na época era no Colégio Rosário. A gente se informou e uns dias depois eu me inscrevi para Ciências Sociais, porque tinha Matemática, Matemática pura, e eu adoro Matemática. Fui na casa dela avisá-la da minha inscrição e ela me disse que se inscreveu para jornalismo. Ela me disse assim: “Como é que tu vai estudar? Vamos estudar juntas?” Eu até estas horas detalhes dela eu não conhecia. Nós combinamos no outro dia de estudar às 2 horas da tarde. Eu me lembro como se fosse hoje ela me perguntando como eu gostava de estudar. Ela gostava de estudar em cima da cama. Ela tinha uma cama grande e alta e nós sentamos em cima da cama e começamos a estudar. Ela tinha uma mania, pois ela estudava e os pontos importantes ela

escrevia, escrevia e jogava os papéis no chão. Nós estudávamos das 2 às 6 e a noite das 8 até a mãe dela me botar pra fora. Ela dizia: “Tá na hora Rebeca, te manda, amanhã tu volta”. Não era por mal, ela se preocupava com a gente. Eu gostava muito da mãe dela. Assim foi até o dia da primeira prova. Eu comecei a contar da minha vida e ela da dela e aí nunca mais nos desgradamos mais, isto faz 53 anos. (Entrevistada em 26/09/2007).

Através do relato de D. Rebeca, torna-se possível perceber que as lembranças dessa época se mantêm com muita vivacidade, presentes em sua memória, uma vez que lembra com detalhes esta época, como se conheceram, a preparação para o vestibular e algumas confidências de amigas não reveladas, mas guardadas como boas lembranças.

Ainda em relação ao vestibular, seguiu lembrando a aprovação das duas no concurso e conta:

Ela passou e tirou dez na Prova de Português, porque ela era muito boa mesmo, um Português limpo, claro, bonito de se ver, ela cantava o que queria dizer, com uma facilidade incrível. Eu tirei nove, porque eu aprendi com ela, porque eu nunca na minha vida tinha tirado uma nota desta.

O sonho se concretizou e elas se formaram juntas, no mesmo dia, 16 de dezembro de 1958, pois a solenidade de colação de grau ocorreu em conjunto. Nelly formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Inclusive, segundo lembra D. Rebeca, “ela foi laureada como a única aluna do curso que tirou dez em todas as provas de Português, desde a seleção do vestibular. Ela foi homenageada, ganhou uma coleção de dicionários”.

Há, no arquivo da autora, uma foto deste momento importante de sua vida.



Figura 17: Solenidade de Colação de Grau em Jornalismo, PUCRS.

Também se encontra em seu arquivo o diploma de conclusão do curso superior:



Figura 18: Cópia do Diploma.

D. Rebeca, hoje com 71 anos de idade, manifesta lembranças daquele momento em que tudo era alegria ao ver o sonho concretizado, uma ocasião especial e única, e assim se referiu à Nelly:

Ela tinha um sonho de ser jornalista e de escrever, porque tudo o que ela escrevia, não escrevia com as mãos, mas com o coração. Ela não tinha o que pensar para escrever, aquilo fluía naturalmente e nós fizemos uma festinha juntas para comemorar a formatura, lá na minha casa e ela me disse: “fiz o que eu sempre sonhei. Hoje sou uma jornalista”. (Entrevistada em 26/09/2007).

Após a conclusão do curso de Jornalismo, contudo, Nelly não abandonou seu ofício e seguiu atuando como professora primária no Grupo Escolar Rio Branco. No entanto, a história da professora teve um novo capítulo. Com a nova profissão, mudou o rumo de sua trajetória profissional, passando a exercer paralelamente ao magistério outras atividades.

Nesse sentido, desempenhou as seguintes atividades: Redatora e Redatora-chefe da Revista “Cacique”, em 1958/59; Coordenadora de Publicações, Documentações e Informações, do MEC, de 1960/1973; Assistente de Redação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE)¹⁸, em 1964; Amanuense Especializada, em 1974; Agente Administrativa, em 1977; Técnica em Assuntos Culturais, em 1981; Chefe de Sessão de Acompanhamento da Divisão de Programação e Desenvolvimento - DEMEC/RS, em 1982; Diretora

¹⁸ “Em 1942, a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul passou por uma reorganização e foi denominada, então, de *Secretaria da Educação e Cultura*. Nessa reorganização foi criado, em substituição às antigas Inspetoria e Diretoria da Instrução Pública, o *Departamento de Educação Primária e Normal*. As funções deste Departamento eram, fundamentalmente, as de “exercitar, orientar e fiscalizar as atividades relativas à educação pré-primária, primária e normal, bem como ao ensino supletivo” (Artigo 12º. Decreto 578. 22/07/1942). Um ano após essa reorganização, em 1943, foi aprovado o *Regimento Interno do Departamento de Educação Primária e Normal* e com ele instalado o *Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE)*. A partir de então – e até os anos 70 – o CPOE passou a desempenhar um papel fundamental no ensino primário do Rio Grande do Sul. Tinha como função principal a “realização de estudos e investigações psicológicas, pedagógicas e sociais, destinados a manter em bases científicas o trabalho escolar” (Decreto 794 de 17/06/1943). Eram atribuições do CPOE, ainda, segundo o Decreto 794 de 1943, elaborar medidas para a organização das classes, a orientação educacional e o controle do rendimento escolar. Isso deveria se efetivar através de cursos e reuniões, de visitas às unidades escolares, de ensaios pedagógicos, de consultas de ordem técnica, da elaboração de programas, de planos, de comunicados, de circulares e de instruções, através da manutenção de uma Biblioteca Central de obras pedagógicas e escolares, da organização do conteúdo pedagógico do Boletim de Educação da SEC, da indicação de livros didáticos e de obras para as bibliotecas dos professores e dos alunos” (PERES, 2004).

do DPD/DEMEC/RS, em 1985. Também trabalhou na redação do Jornal Última Hora na revisão e correção das notícias.



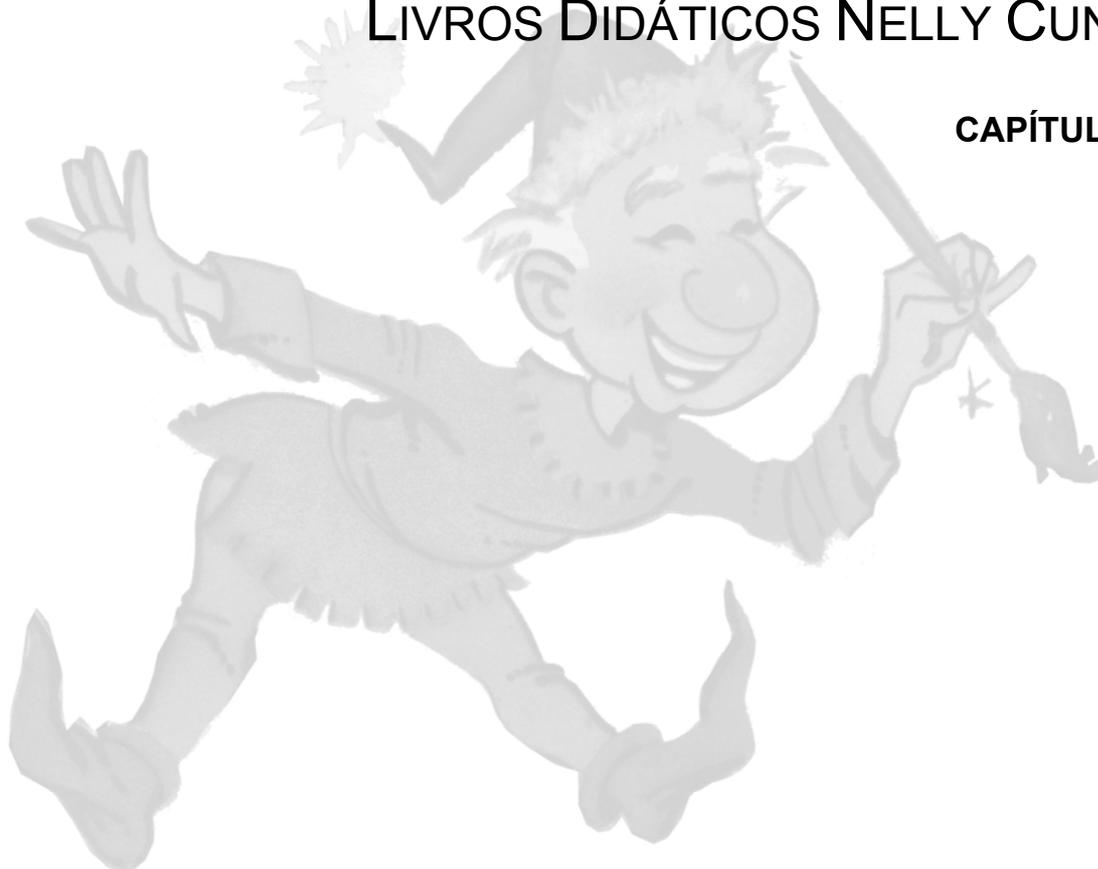
Figura 19: Nelly Cunha na redação do Jornal “Última Hora”. Segundo o relato de sua filha Elaine ela trabalhou uma época na revisão e correção de notícias.

Assim, a pergunta “Quem foi Nelly Cunha?” é de difícil resposta. Escrever a história de vida dela implicou, entre tantas coisas, recuperar pacientemente a memória dos entrevistados, lembranças de uma história especial, de uma pessoa dinâmica e atuante. A trajetória social e profissional da professora e autora Nelly Cunha esteve vinculada a órgãos públicos como: o CPOE, a SEC/RS, a COLTED, o MEC e as Editoras Globo e do Brasil, amplamente conhecidas pela inserção dos livros didáticos no mercado, especialmente entre os anos de 60-80 do século XX. E foi a partir dessas vinculações e nesse contexto que a professora Nelly produziu todas as suas obras didáticas. Com isso, a história de Nelly permite compreender melhor um momento chave da história da produção e circulação dos livros escolares no Rio Grande do Sul no período de 1960-1980. Cabe ressaltar, contudo, que Nelly

Cunha não deixou apenas sete coleções didáticas como legado, mas um verdadeiro exemplo de determinação, coragem, realizações e trabalho, especialmente no campo educacional. É por isso que ela deve ser lembrada como uma das eminentes educadoras que o Estado do Rio Grande do Sul teve e *pelas muitas mulheres que a habitaram: professora, mãe, esposa, escritora, autora de livros, administradora, técnica educacional, apresentadora de programas de rádio, pianista...* Uma mulher de muitos amores, conforme a epígrafe desse capítulo.

A AUTORA E ESCRITORA DE LIVROS DIDÁTICOS NELLY CUNHA

CAPÍTULO III



O livro didático, esse primo-pobre, mas de ascendência nobre, é poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação [...] (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999, p.12).

3.1. A Revista Pedagógica “Cacique”

A trajetória de Nelly Cunha como escritora iniciou-se na redação de uma revista pedagógica destinada ao público infanto-juvenil¹⁹, denominada **CACIQUE** Revista Infantil. Nelly desempenhou duas importantes funções: redatora da revista no período de 15 de janeiro de 1958 a 30 de setembro de 1958 e, posteriormente, redatora-chefe de 15 de outubro de 1958 a 31 de dezembro de 1959.

¹⁹ O nome da revista, segundo a professora Nancy Mariante, foi uma escolha dos próprios leitores-mirins, através de uma pré-lista enviada às escolas primárias. Foi o nome que mais teve aceitação (BASTOS, 1994, p.10).

Em relação à revista, uma pesquisa realizada por Bastos (1994, p.91) analisa o conteúdo, sua estrutura e organização, conforme descrito abaixo:

A Revista foi publicada em abril de 1954 até dezembro de 1959, totalizando sua publicação em 106 números. Inicialmente, era de tiragem mensal (10 a 15.000 exemplares), mas de 1957 a 1959 tornou-se quinzenal. O sistema de venda avulsa e assinaturas atingiam diversas regiões do Estado e vários estados brasileiros, como se pode perceber na lista publicada na contracapa "Nossos Assinantes", a partir do número 58, de 1958. Na primeira fase, a Revista foi dirigida pelas professoras Maria da Glória Albuquerque e Nancy Mariante.

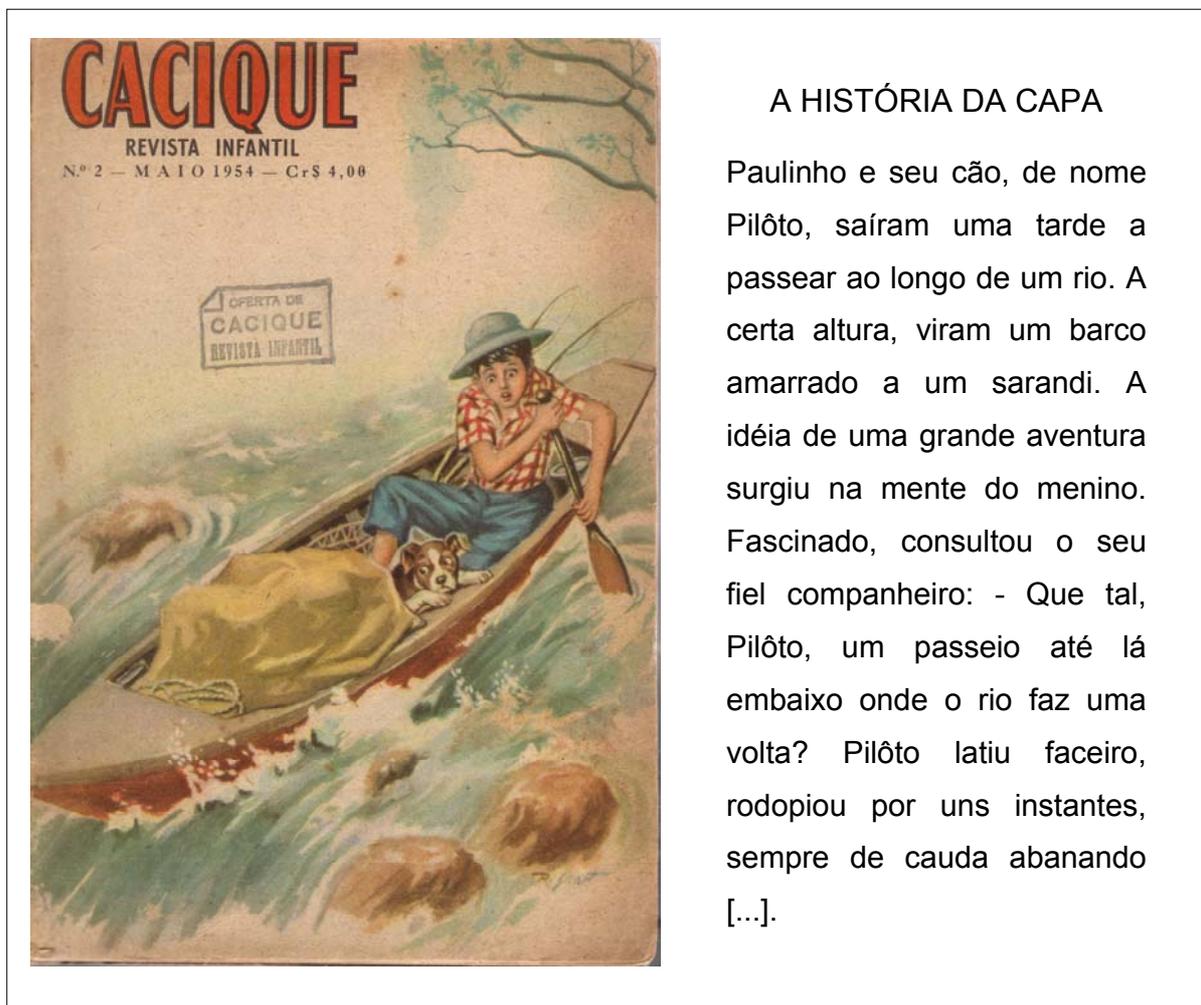
Após breve interrupção, a revista retornou em 1961, vinculada à Divisão de Cultura da SEC-RS, sob a direção da professora Maria Moritz. Apresentava alterações editoriais e gráficas, distribuição mensal e gratuita, e "uma nova linha ideológica com ênfase numa tendência nacionalista e regionalista". Encerrou definitivamente sua publicação, em 1963.

A Revista "Cacique" tinha um conteúdo bastante variado, com histórias infantis, palavras cruzadas, charadas, ilusão de ótica, música e letra, histórias em quadrinhos, curiosidades, "coisas que tu podes fazer", desenhos para colorir, jogos e passatempos, cantinho dos curiosos, poesias, monumentos da Capital Gaúcha, concurso de grandes vultos da humanidade (com premiações de livros que gostaria de receber), coleção de flâmulas de clubes de futebol, álbum, tema regional e cultural geral.

A revista era editada pela Livraria do Globo e apresentava na contracapa das revistas de número 2 ao 57 uma História da Capa, escrita por Dirceu A. Chiesa. A partir do número 58, essa história foi substituída pela lista de Novos Assinantes, na qual era publicado o nome do local de origem dos leitores.

A ilustração da capa traduzia ao leitor a intencionalidade do que deveria ser percebido ou lido, isto é, a transmissão da mensagem com vistas ao padrão correto de conduta e das normas sociais que ele deveria seguir, para sua melhor formação moral. A propaganda era uma contribuição positiva em prol da boa leitura infantil.

Para ilustrar, transcrevo, a seguir, um breve trecho da contracapa da segunda revista publicada, no mês de maio de 1954, que anuncia a seguinte história:



A HISTÓRIA DA CAPA

Paulinho e seu cão, de nome Pilôto, saíram uma tarde a passear ao longo de um rio. A certa altura, viram um barco amarrado a um sarandi. A idéia de uma grande aventura surgiu na mente do menino. Fascinado, consultou o seu fiel companheiro: - Que tal, Pilôto, um passeio até lá embaixo onde o rio faz uma volta? Pilôto latiu faceiro, rodopiou por uns instantes, sempre de cauda abanando [...].

Figura 20: Capa da Revista “Cacique”.

A partir de 15 de janeiro de 1958, a contracapa da Revista Infantil “Cacique” apresenta aos leitores a equipe de elaboração que era composta de: Diretora, Secretária, Gerente, Auxiliar de gerente, Redatora-chefe, Redadoras, Desenhista supervisora, Desenhistas e o pessoal do Planejamento. Além de apresentar o nome dos novos assinantes da capital e do interior, a exemplo das cidades de Santa Rosa, Santana do Livramento e Santo Ângelo, conforme visualização a seguir:

CACIQUE

Revista Infantil Quinzenal
Secretaria de Educação e Cultura
Ano IV · N.º 59 · Janeiro, 15 · 1958

Diretora:

MARIA DA GLÓRIA ALBUQUERQUE

Secretária:

Esther Faria da Silva

Gerente:

PAULO A. DE FREITAS CABRAL

Auxiliar de gerente:

Osmar Koetz

Redatora-chefe:

Rosalina Comparsi

Redatoras:

Clélia Silva Lisboa

Jouaninha Nahuys

Nelly Cunha

Desenhista supervisora:

Nancy Palmeiro Mariante

Desenhistas:

Aliette Amaral e Silva

Amelia Ricciardi

Flavio Teixeira

Helga Trein

Lourdes Comparsi

Luiz Francisco Lucena Borges

Maria Coelho Vieira

Renato Canini

Vanetti Dani

Planejamento:

Lourdes Comparsi

Nancy Palmeiro Mariante

Redação e Administração:

Andradas, 1416

Gerência e Expedição:

Edifício União dos Viajantes

Av. B. de Medeiros, 1224 - 13.º and.

Distribuidor nos Estados:

Salvador La Porta

PÓRTO ALEGRE

Rio Grande do Sul — Brasil

Assinaturas:

Capital: Cr\$ 100,00

Interior: Cr\$ 110,00

Núm. atrasado: Cr\$ 8,00

NOVOS ASSINANTES

RIO GRANDE DO SUL — CAPITAL

Sadi Martins Fortes, Sandra Maria de Almeida, Silvia Etzberger, Sandra Costa Meyer, Sergio Rubens Nauderer, Sergio Guaraci Neves Koreisha, Silvio Minuzza Moreira, Sergio Ferreira Beck, Sergio Muniz, Sergio Pegoraro, Sergio Tadeu Pinto Jayme, Suzana Beatriz Blauth, Tadeu Lima Lampert, Tairo José Schelminski, Tânia Beatriz Nast, Ubirajara Pereira Torres, Ubaldo Resmini, Vera Lucia Canarim, Virginia A. da Cunha, Vanderley Malta da Cunha, Valdevez Martini Osório, Vera Regina Ricciardi, Vanda Maria Marsiaj e Silva, Verlaine Szeckir, Vitor Mazzocato, Vera Lucia Fernandes, Vera Alice Cabral, Verena Obach, Vera Maria Rausch, Walter Flores, Zaida Lehn Abrahão, Zênia Dóris e Zicléia Nôris Oliveira, Zelia Salomoni, Carlos P. Dela Rio, Cleidi Maria Gaivano, Zilma Freire.

Eunice Marchese, Flavio Paulo Hoppe, Gilda Elaine de Moraes, Helio Hack, José Borges, Ludoval A. R. Campos, Ligia Maria Ruchel, Mario Antenor Machado, Ney de Oliveira Becker, Norimar Wurzel, Nyeda Pires, Nena Rosa Selback, Olga Maria Toschi Lima, Beatriz Englert.

Santa Rosa: Frederico Gossler, Amaro Spies Alfeu Seibel, Ilti Wobeto, Lucinta Royer, Maria Helena Lovatto, Madalena Maria Mergem, Mery Hartmann, Nelson Dahmer.

Santana do Livramento: Elvira Arla Pereira.

Santo Angelo: Marcos Aurelio Galiuzzi.

Figura 21: Contra-capa da Revista "Cacique".

Esses dados têm apenas o objetivo de caracterizar a Revista “Cacique”, projeto no qual Nelly Cunha esteve totalmente envolvida.

A partir de 15 de outubro de 1958, na revista de número 77, Nelly Cunha passou a figurar em um novo cargo, com a função de Redatora-Chefe, porém não deixou de escrever e publicar suas histórias para a revista.

Nelly Cunha escreveu muitas histórias para a Revista Infantil “Cacique”. O enredo da maioria dos seus contos ou histórias estava relacionado à música, com os sons, ritmos, melodias, vultos da música ou estilos, influência decorrente de seu apreço musical e sua formação como pianista. A seguir alguns dos títulos destacados:

- A História Maravilhosa da Música (30/05/58, p.20).
- A História Maravilhosa da Música – A Grécia Imortal (30/06/58, p.24).
- A História Maravilhosa da Música – Os Trovadores Medievais (15/07/58, p.16).
- A História Maravilhosa da Música – A Origem do Piano (p.12 – 31/07/58).
- A História Maravilhosa da Música – Os Grandes Compositores do Século XVII João Sebastião Bach (15/08/58, p.22).
- A História Maravilhosa da Música – Mozart – O Menino Prodígio e Beethoven – O Gênio de Bonn (31/08/58, p.13 e 14).
- A História Maravilhosa da Música – Os Compositores e a Escola Romântica – A Valsa do Adeus e Chopin – O Poeta do Teclado (15/09/58, p.5).
- A História Maravilhosa da Música – Schubert – E as Alegres Melodias – Serenata e Félix Bartholdymendelssohn (30/09/58, p.11).
- A História Maravilhosa da Música – FRANZ LISZT – Tarantela e Marcha (15/10/58, p.9).
- A História Maravilhosa da Música – Músicos dos Séculos XIX e XX – Carlos Gomes – O Brasileiro que venceu – Canção e Vila-Lobos – Impressões Seresteiras (30/10/58, p.19).

- A História Maravilhosa da Música – Grieg – O Chopin do Norte – Canção de Solvejg e Rimsky-Korsalov – Canção Indu – Da Ópera Sadko (15/11/58, p.19).
- A História Maravilhosa da Música – Debussy – O Senhor dos Sonhos – Valsa (30/11/58, p.5).
- A História Maravilhosa da Música – Bela Bartók, Manuel De Falla, Richard Strauss, Igor Stravinsky (Dança Russa) e Jean Sibelius (15/12/58, p.23).
- Lendas que os povos me contaram – O Anzol Milagroso (15/02/59 p.6).
- Lendas que os Povos me contaram – A Prece de Éaco (28/02/59, p.30).
- A Flor do Jacarandá (30/04/59, p.15).
- Festa de São João (15/06/59, p.1).
- No Reino da Formigolândia (30/06/59, p.25).
- Os Sapatinhos do Nenê (15/08/59, p. 25).
- Um Susto (31/08/59, p.9).
- Volta ao Passado (15/09/59, p.15).
- Rosicler (31/10/59, p.27).
- Vovô Zeferino (15/11/59, p.29).
- Elixir Mágico (15/12/59, p.1).
- O Navio Submerso (31/12/59, p. 3).

Antes de se lançar na produção didática, Nelly Cunha produziu mais de vinte e cinco histórias e contos, tendo sido premiada com menção honrosa pela Poupança Habitasul, Prêmio Petrobrás – JC de Literatura (Poesias-Contos-Crônicas), no ano de 1985, com o conto “O Último Visitante” (Anexo 1).

A seguir, destaca-se a história publicada pela Revista Infantil “Cacique”, em 15 de novembro de 1958, com o título: A História da Música – GRIEG – O CHOPIN DO NORTE (Adaptado para Cacique por Nelly Cunha):

A história maravilhosa da Música

(Adaptada para CACIQUE por
Nelly Cunha)

GRIEG — O CHOPIN DO NORTE

XI

Eduardo Grieg foi um menino delicado e sonhador. Tendo completado seus estudos, escreveu a música para uma peça fantástica — Peer Gynt, que foi muito apreciada e lhe deu fama internacional. Grieg expressou na música toda a beleza de sua terra — a paisagem da Noruega, com lagos e montanhas cobertas de neve.



Figura 22: Imagem do Texto escrito por Nelly em 15/11/1958, p.19.

A fim de visualizar sua criação, segue a cópia de outra história:



Rosicler

Nelly Cunha

Era uma vez, uma linda menina chamada Celeste. E como lhe ficava bem esse nome! Celeste possuía olhos tão puros como dois pedacinhos do céu. Suas tranças eram louras e leves como nuvens esgarçadas. Certo dia, Celeste estava no jardim, entretida com suas bonecas, quando ouviu uma voz que cantava:

LIN-DA ME-NI-NA ES-CU-TA QUE-RES COZ-MI-GO BRIN-CAR?
CAN-TAM AS FON-TES SO...-MO-RAS VI-VO NA BRI-SA À BAI-LAR.

Celeste ergueu os olhos e viu uma figurinha minúscula, vestida de hera, sobre uma rosa vermelha.

— Que és? perguntou-lhe a menina.

— Sou a fada Rosicler. Tenho por missão cuidar das flores...

Oh! sim, pela manhã, bem cedinho, vôo de flor em flor, toco-as com minha varinha de condão, e canto para despertá-las:

O DIA JÁ ES-TÁ SUR-GIN-DO E' RÓ-SEO AR-RE-BOL
A - VES PAR - TEM EM BAN-DO JÁ VEM RAI-AN-DO O SOL

Outubro, 31 — 1959 27

— Nem podes imaginar, Celeste, como é belo o despertar das flores! Sacodem as pétalas peroladas de orvalho, olham com curiosidade tudo que as cercam e começam a exalar doce perfume. Os cravos penteiam-se cuidadosamente, as rosas curvam a cabeça, ante o calor do sol, enquanto que as borboletas douradas adejam entre as papoulas.

— E à tarde, que fazes? perguntou a menina.

— Ajudo a erguer alguma flor que pende da haste, conduzo as abelhas e os beija-flores até às corolas perfumadas, afasto as formigas destruidoras. Quando estou cansada, prosseguiu Rosicler, deito-me sobre as pétalas macias e deixo que a brisa me embale, suavemente.

Conversando, as horas passaram. Ao longe, ouviu-se um sino a tocar Ave-Maria. Uma quietude e um silêncio enorme envolveram o jardim.

A fada Rosicler teve um sobressalto.

— Já anoitece e eu devo cantar para que as flores adormeçam. Adeus, adeus, linda menina.

E, fremente de leve suas asas transparentes, afastou-se a cantar:

A - NOI - TE - CE A - NOI - TE - CE BÃ - NHA À TER - RA O LU - AR
DUR # MAM, SO - NHEM, TRAN # ... QÜI - LAS A - QUI ES - TOU A VE - LAR

CACIQUE

Figura 23: História escrita por Nelly em 31/10/1959, p. 27-28.

Em muitos textos escritos por Nelly para a Revista Infantil “Cacique” nota-se um diferencial com relação ao modelo de escrita e estrutura textual da autora. Nos dois exemplos escolhidos, percebe-se a criatividade de unificar a história com as partituras do canto em um mesmo texto, congregando assim seu dom literário ao seu apreço musical.

Em relação à revista, conforme o relato das filhas de Nelly, a mãe sempre contava sobre as boas lembranças desta época, em que ela conheceu muitas pessoas que lá trabalhavam, fez vários amigos, mas, em especial, criou fortes laços de amizade com a professora Helga Joanna Trein, que, posteriormente, em 1963, resultaria em uma parceria também na produção didática. Juntas publicaram, pela Editora Globo, a Série “Era Uma Vez”. Essa não foi, contudo, a primeira coleção didática da professora Nelly Cunha. Antes disso, já havia feito parcerias e publicado outras obras.

Certamente que, ao reconstruir a história de vida da professora Nelly, não se pode ignorar a sua produção didática, de forma que passo agora a apresentar as obras de destinação escolar por ela produzidas.

3.2. As obras didáticas de Nelly Cunha

Tem-se no universo acadêmico uma tradição consolidada de estudos sobre livros didáticos, em âmbito nacional e internacional, com uma grande diversidade de enfoques temáticos e metodológicos. O livro representa um objeto e uma fonte privilegiada, que vem há algum tempo despertando a curiosidade de pesquisadores, portanto, é um campo fecundo de pesquisa.

Atualmente, podem ser tomados como espaços de expressão desses interesses alguns eventos, tais como: O Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, em 2003, no RJ; O Congresso de História do Livro e da Leitura no Brasil, realizado em 2004, na UNICAMP/SP; recentemente, em novembro de 2007, o I Seminário Internacional sobre Livro Didático na USP/SP, entre outros. Estes são representativos do crescente empenho dos pesquisadores no desenvolvimento de estudos históricos em torno do livro, bem como dos sujeitos, instituições e objetos a ele associados.

A partir dessas diferentes produções multifacetadas, surgiram trabalhos que, embora com recortes temporais, geográficos ou, ainda, com temáticas diferentes, têm como ponto comum proporcionar um espaço de produção, circulação e troca de idéias, provocando um movimento de reconfiguração nos modos de conduzir as pesquisas histórico-educativas sobre o livro didático.

Nessa vertente, Choppin (2004) descreve que, após ter saído da obscuridade ao olhar dos historiadores, bibliógrafos e bibliotecários, o livro didático começou a suscitar, a partir dos anos 70, em diversos países, grande interesse entre os pesquisadores. Os motivos pelos quais foi tão negligenciado ao longo dos anos são muitos, que vão desde a sua origem até o seu destino final, ou seja, fica superado frente aos progressos da ciência, desatualizando-se com muita rapidez e é mercadoria perecível. Outro aspecto salientado por Choppin é em relação à dificuldade de pesquisar livros didáticos devido ao difícil acesso às coleções.

O livro didático é destinado a um público específico, o mercado escolar. É produzido em grande escala, sendo um mercado vendável e sempre crescente. Encontra-se em todos os níveis de escolarização de um indivíduo e tende a circular mais fora do espaço das bibliotecas. No que tange à conservação e localização, as coleções acabam por se tornarem obras raras, difíceis de localizar e que muitas vezes não abrangem todo um período, visto que são raros os espaços destinados à preservação e à memória do livro didático.

Por outro lado, as pesquisas sobre livros didáticos constituem um terreno significativo e contribuem como fonte de informação para conhecer processos educativos do passado, pois, como destacam Lopes e Galvão (2001, p.57):

[...] há estudos que buscam descrever a constituição desses impressos na história do país e seu papel, [...] métodos de ensino, no contexto da progressiva institucionalização da escola como principal espaço educativo.

Visto como ferramenta pedagógica ou como suporte dos conhecimentos a serem ensinados, os livros escolares desempenham uma importante tarefa na compreensão de alguns aspectos da cultura escolar. São uma poderosa fonte de informação, conhecimento da história de um país, da cultura, valores e idéias que circularam em determinada época.

A pesquisa de Tambara (2002), por exemplo, que apresenta a trajetória e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX, no Brasil, destaca a leitura realizada pelos alunos e professores nas aulas de primeiras letras no Brasil.

Ainda sobre a contribuição dos livros didáticos como fonte de pesquisa, Corrêa (2000, p.20) diz:

Desvendar o livro escolar é também contribuir para fazer a arqueologia das práticas escolares por meio dos materiais que compuseram o trabalho pedagógico desenvolvido na escola ao longo do tempo.

Já no estudo de Maciel e Frade (2003, p.30), há a afirmação de que:

No Brasil, as pesquisas sobre os manuais didáticos privilegiaram nas décadas de 70/80, denunciar aspectos ideológicos e preconceituosos, principalmente nos livros de História e de Estudos Sociais. Atualmente, os estudos sobre os livros didáticos podem se constituir num trabalho fecundo que permita, mais do que denunciar, compreender como determinado pensamento pedagógico se materializa, como representa parte das práticas inovadoras ou cristalizadas dos docentes, das políticas governamentais, das políticas pedagógicas e editoriais, das relações com os públicos para os quais se destinam, buscando recuperar o diálogo que estes materiais estabelecem com outros produtos culturais.

A pesquisa de Maciel e Frade (2003, p.29) esclarece, ainda, que

[...] a análise do livro didático ou livros utilizados com destinação escolar permite uma série de abordagens, que podem ser relacionadas aos processos de sua produção, à análise do suporte impresso como fonte e como objeto e, [...] das práticas advindas de seu uso.

Em relação à conceituação, Choppin (2004) enfatiza as dificuldades em conceituar “livro didático”, o qual é designado de inúmeras maneiras nas diferentes línguas e nem sempre é possível explicitar as características específicas de cada uma das denominações.

Sobre as características do livro didático, Batista (1999, p.529) afirma:

[...] Trata-se de um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade. Raramente é relido; pouco se retorna a ele para buscar dados ou informações [...] sua utilização está indissolavelmente ligada aos intervalos de tempo escolar [...].

Nessa citação evidencia-se o caráter temporário do livro, pois ao término de um determinado período de tempo deixa de cumprir seu papel, sendo descartado ou depositado nas prateleiras das bibliotecas escolares.

Bittencourt (1989, p.3) caracteriza o livro escolar como uma mercadoria que atende aos interesses do mercado, seguindo a evolução das técnicas de fabricação e comercialização. Mas, além disso, é também o "depositário" de muitos conteúdos educacionais que retratam conhecimentos e valores considerados importantes na sociedade em uma determinada época. Nesse sentido, conforme Pfromm Netto (1974, p.18), *o livro é um recurso educacional que pode provocar mudanças nos modos de pensar, agir e sentir dos alunos.*

Galvão e Batista (2003, p.177) reiteram a complexa definição do livro didático:

[...] os livros didáticos nem sempre são livros, mas apresentam-se em diferentes suportes materiais; o texto didático nem sempre se restringe ao texto explicitamente elaborado e reproduzido tendo em vista um destino escolar; destinado ou utilizado pela escola [...].

Lajolo e Zilberman (1999, p.120) afirmam que os livros didáticos constituem uma fonte privilegiada de pesquisa, também apontam para a questão da produção editorial, pois ele é uma mercadoria que gera grandes lucros para as editoras, pois, apesar de ser considerado o *primo pobre da literatura, descartável*, ele desatualiza-se com rapidez e/ou é deixado de lado pelo estudante a cada ano escolar concluído, passando a ser, portanto, *o primo-rico das editoras.*

Munakata (1999) indica o fato de o livro didático possuir certas especificidades quanto à prática da leitura: pode ser aberto e lido, relido em casa, ser transportado diariamente, pode receber registros, o que o torna "consumível". Portanto, supõe determinados leitores: o professor e o aluno.

Assim, é essa multiplicidade de abordagens e esses autores citados que problematizam a questão dos livros didáticos e da pesquisa sobre eles. São

autores que dão suporte para a compreensão desta temática. Cabe salientar, no entanto, que, ao fazer a referida escolha por história de vida, delimitei o enfoque da pesquisa, decidida a apresentar a história de vida de Nelly Cunha. De forma que o objetivo da presente pesquisa não é desenvolver uma análise mais minuciosa de sua produção didática ou fazer outro tipo de investigação em relação aos livros por ela produzidos; o objetivo é, antes, mostrar como Nelly formou-se professora em 1940, posteriormente em jornalismo, em 1958, as atividades que desempenhou e os livros que produziu.

Feitas essas considerações, passo a apresentar o quadro com a produção de Nelly Cunha, no qual podem ser visualizadas sete coleções didáticas da autora, do período de 60 a 80, com a referida catalogação, em ordem cronológica, dos exemplares localizados em seu arquivo privado e em sebos, pois não havia a Coleção Estrada Iluminada em posse das filhas de Nelly.

Quadro 3

Obras

TÍTULO	ANO	EDITORA	EDIÇÃO	Ano escolar
Estrada Iluminada:	1960	DO BRASIL	5 ^a , 7 ^a , 9 ^a , 12 ^a ,	1° ao 5° ano
Estrada Iluminada - Bichano e Zumbi. 1° ano – Leitura Intermediária e Matemática.	1967		13 ^a	primário,
Estrada Iluminada - A Festa do Vaga-Lume. 2° ano – Linguagem e Matemática.			24 ^a edição -	Admissão ao
Estrada Iluminada - O Álbum Maravilhoso. 3° ano – Linguagem e Matemática.			exemplar 4929	Ginásio
Estrada Iluminada - Canto da Minha Terra. 4° ano – Linguagem e Matemática.				
Estrada Iluminada - Curso de Admissão – Linguagem, Matemática, História e Geografia.				
Estrada Iluminada - Rodeio de Estrelas – Antologia e Gramática Aplicada.				
Estrada Iluminada. Exercícios de Gramática e Matemática Significativa, 2° ano.				
Estrada Iluminada. Exercícios de Gramática e Matemática Significativa, 3° ano.				
Estrada Iluminada. Exercícios de Gramática e Matemática Significativa, 4° ano.				

Continuação Quadro 3

TÍTULO	ANO	EDITORA	EDIÇÃO	Ano escolar
Série Era Uma Vez Travessuras Pirulim Páginas do Sul O canto do brasileiro Pinceladas Verde-amarela	1963	GLOBO	1ª	2º ano primário 3º ano primário 4º ano primário 5º ano primário
Série Era Uma Vez Novas Travessuras Pirulim Páginas do Sul O canto do brasileiro Pinceladas Verde-Amarelas	1970	GLOBO	Coleção Reformulada	2º ano primário 3º ano primário 4º ano primário 5º ano primário
Nossa Terra Nossa Gente	s/d 1974	DO BRASIL	4ª 28ª	1º ao 5º ano primário
Alegria, Alegria E agora, André? Pequenos Turistas Querência Rumo Certo Espiral	1973 1974 1975	GLOBO	1ª	1ª série 2ª série 3ª série 4ª série 5ª série 6ª série
Tapete Verde	1976	GLOBO	1ª	1ª a 4ª séries
Paralelas	1979	DO BRASIL	1ª	1ª a 4ª séries

Apresentado o quadro, passo a detalhar cada produção individualmente, começando pela coleção **ESTRADA ILUMINADA**. Ao que tudo indica essa deve ter sido sua primeira obra didática. Em seu arquivo privado não consta essa produção, mas a conhecia e localizei em sebos 7 livros da coleção, a saber: do ano de 1960, a 5ª e a 7ª edição do primeiro ano, a 9ª edição do terceiro e do quarto ano primário, a 12ª edição do segundo ano primário, e a 13ª edição do terceiro ano primário; do ano de 1967, a 24ª edição do livro de admissão ao

ginásio. Cabe lembrar que a trajetória de Nelly como autora de livros didáticos iniciou junto à professora Cecy Cordeiro Thofehn²⁰.

A coleção era destinada do 1º ao 5º ano primário e havia um livro designado “Admissão ao Ginásio”. Cada livro correspondia a um ano escolar, sendo assim composta, conforme consta na contracapa da coleção “Era uma vez”:

1. ESTRADA ILUMINADA - BICHANO E ZUMBI. 1º ano – Leitura Intermediária e Matemática.
2. ESTRADA ILUMINADA - A FESTA DO VAGA-LUME. 2º ano – Linguagem e Matemática.
3. ESTRADA ILUMINADA - O ÁLBUM MARAVILHOSO. 3º ano – Linguagem e Matemática.
4. ESTRADA ILUMINADA - CANTO DA MINHA TERRA. 4º ano – Linguagem e Matemática.
5. ESTRADA ILUMINADA - CURSO DE ADMISSÃO – Linguagem, Matemática, História e Geografia.
6. ESTRADA ILUMINADA - RODEIO DE ESTRELAS – Antologia e Gramática Aplicada.
7. ESTRADA ILUMINADA. EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA E MATEMÁTICA SIGNIFICATIVA, 2º ano.
8. ESTRADA ILUMINADA. EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA E MATEMÁTICA SIGNIFICATIVA, 3º ano.
9. ESTRADA ILUMINADA. EXERCÍCIOS DE GRAMÁTICA E MATEMÁTICA SIGNIFICATIVA, 4º ano.

Foi publicada pela Editora do Brasil S/A, seu formato tem a seguintes medidas: 13,5 x 18 cm:

²⁰ Professora e Orientadora de Educação Primária do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul (CPOE).



Figura 24: Capa da Coleção “Estrada Iluminada”.

Ao que tudo indica, a coleção seguinte produzida por Nelly, de acordo com o ano da primeira edição, foi a **SÉRIE ERA UMA VEZ**, localizada no arquivo privado da autora, com a data de 1963. A coleção, uma parceria com a professora Helga Joanna Trein, era destinada do 2º ao 5º ano do ensino primário, impressa nas oficinas gráficas da Livraria do Globo S.A., em Porto Alegre. Nessa coleção não há um livro específico para o ensino da leitura, e está assim composta:

1. **SÉRIE ERA UMA VEZ - TRAVESSURAS DE PIRULIM** - 2º ano. Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais.

2. SÉRIE ERA UMA VEZ - PÁGINAS DO SUL - 3º ano. Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais.
3. SÉRIE ERA UMA VEZ - O CANTO DO BRASILEIRO - 4º ano. Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais.
4. SÉRIE ERA UMA VEZ - PINCELADAS VERDE-AMARELAS - 5º ano Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais. Destinado ao primário.

A seguir a imagem das capas em questão:

1. TRAVESSURAS DE PIRULIM - Um livro com 145 páginas, formato (medidas) 13,7x20,5 cm, contendo 21 histórias, organizado por áreas: Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais, para o 2º ano do ensino primário. Foi dedicado pelas autoras ao Professorado Gaúcho.



Figura 25: Capa do Livro “Travessuras de Pirulim”.

2. PÁGINAS DO SUL – As ilustrações e capa foram de Anelise T. Becker. O livro, contendo 187 páginas, possui 62 histórias. Organizado por áreas: Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais, para o 3º ano do ensino primário. Já na contracapa deste livro, há uma dedicatória às mães das autoras, as quais escrevem: "queridas, a quem devemos tanto apoio e incentivo".

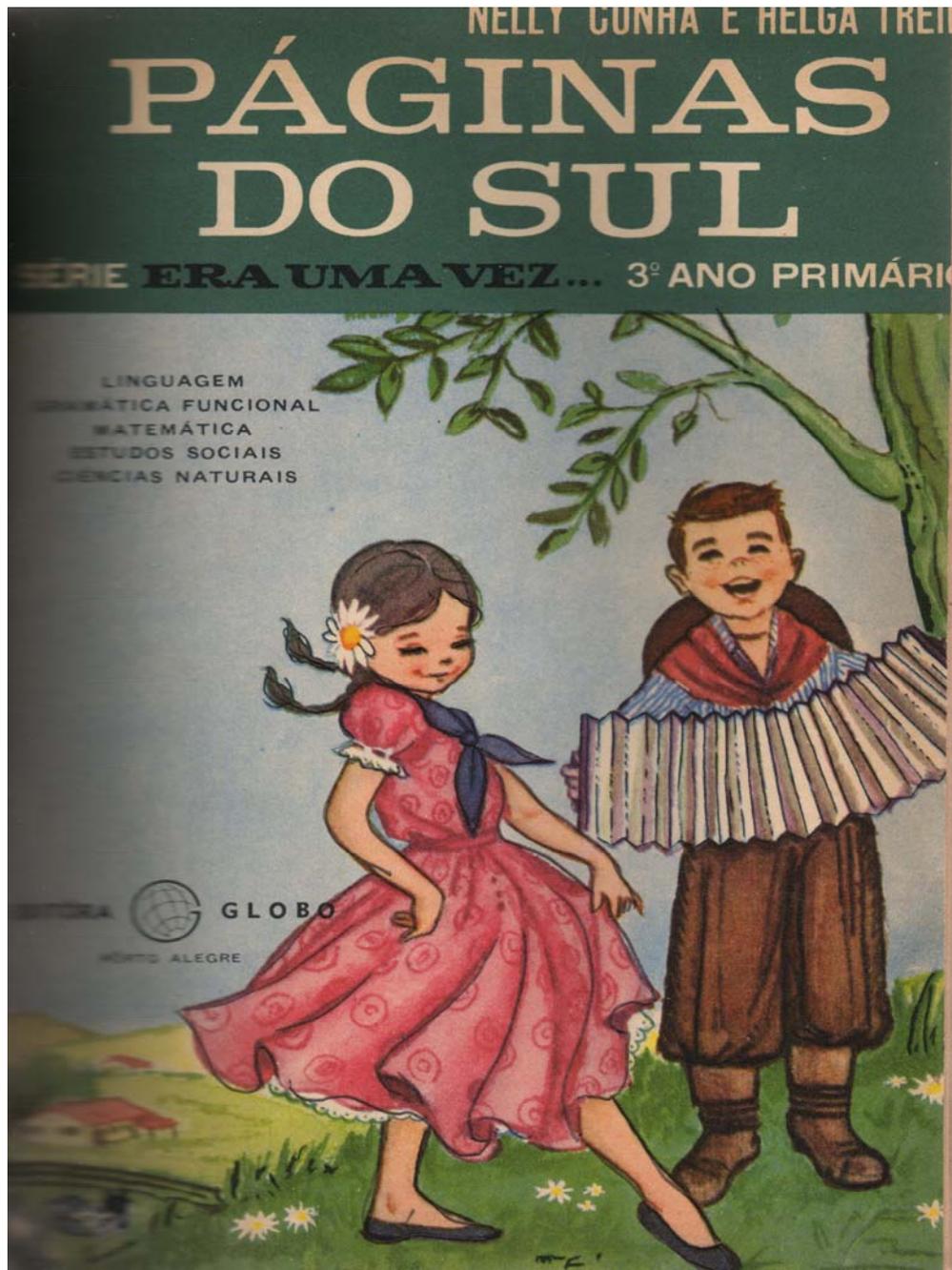


Figura 26: Capa do Livro "Páginas do Sul".

3. O CANTO DO BRASILEIRO – Apresenta maior número de páginas, 251, com 23 histórias em 50 subtítulos. Organizado por áreas: Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais, para o 4º ano do ensino primário. “Livro dedicado aos seus filhos”.



Figura 27: Capa do Livro “O Canto do Brasileiro”.

4. PINCELADAS VERDE-AMARELAS – O número de páginas, quase duplica, ou seja, 348 páginas, com 23 histórias em subtítulos nas áreas de: Linguagem, Gramática Funcional, Matemática, Estudos Sociais e Ciências Naturais. Destinado ao 5º ano do ensino primário.

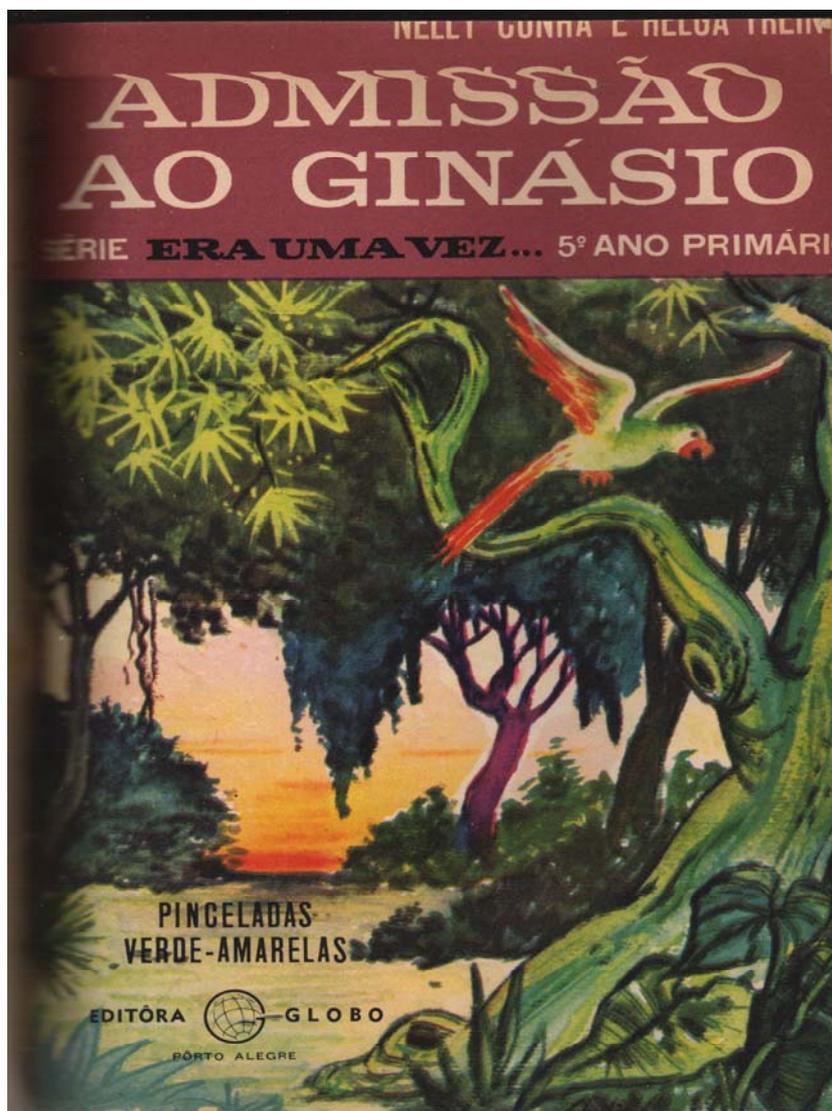


Figura 28: Capa do Livro “Pinceladas Verde-Amarelas”.

É importante salientar que Nelly Cunha passou por uma nova fase na sua trajetória profissional. Em 1969, foi uma das professoras brasileiras, autoras de livros didáticos, escolhidas para viajar aos Estados Unidos, no âmbito da política do COLTED (Comissão do Livro Técnico e Didático), no acordo MEC/USAID (*United States Agency for International Development*).

Sendo uma viagem de iniciativa do COLTED/MEC/USAID em colaboração com editoras brasileiras, a Editora Globo indicou Nelly Cunha para fazer parte da comitiva. As informações e aspectos dessa viagem são abordados em capítulo específico adiante. Essa viagem é um marco fundamental na produção da autora, pois os dados indicam que na década de 70, ao retornar da viagem e tendo produzido duas coleções didáticas, Nelly Cunha reorganizou e publicou pela segunda vez as duas coleções.

A coleção editada pela Globo, com novo formato, 14 cm x 20,5 cm, ficou reorganizada da seguinte forma:

1. SÉRIE ERA UMA VEZ - NOVAS TRAVESSURAS DE PIRULIM - 2º ano. Livro de leitura. O formato desses livros passa para 14 cm x 20,5 cm de altura.

Caderno de Exercícios de Linguagem.

Manual do Professor (Leitura e Exercícios de Linguagem).

Caderno de Matemática.

Manual do Professor (Exercícios de Matemática).

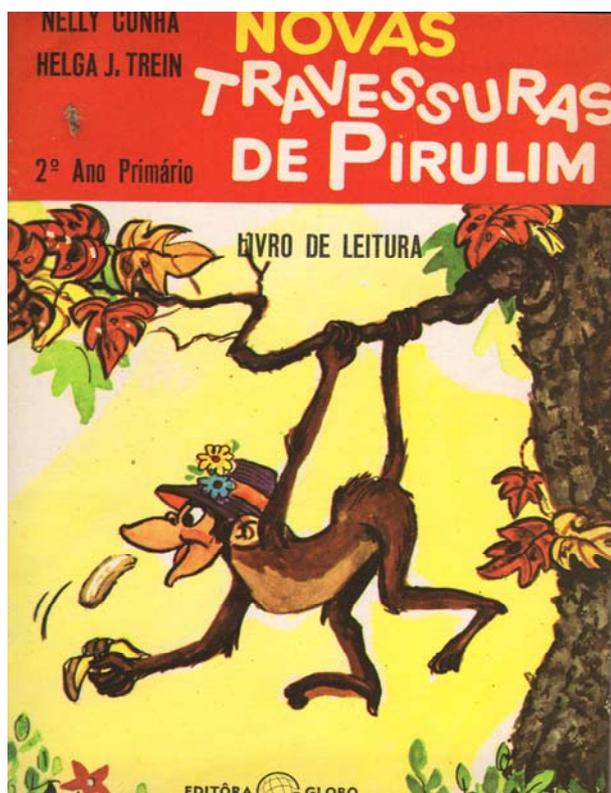


Figura 29: Capa do Livro “Novas Travessuras de Pirulim”.

2. SÉRIE ERA UMA VEZ - PÁGINAS DO SUL - 3º ano. Livro de leitura.

Caderno de Exercícios de Linguagem.

Manual do Professor (Leitura e Exercícios de Linguagem).

Caderno de Matemática.

Manual do Professor (Exercícios de Matemática).



Figura 30: Capa do Livro “Páginas do Sul”.

3. SÉRIE ERA UMA VEZ - CANTO DO BRASILEIRO - 4º ano - Livro de leitura.

Caderno de Exercícios de Linguagem.

Manual do Professor (Leitura e Exercícios de Linguagem).

Caderno de Matemática.

Manual do Professor (Exercícios de Matemática).



Figura 31: Capa do Livro “O Canto do Brasileiro”.

4. SÉRIE ERA UMA VEZ - PINCELADAS VERDE-AMARELAS -

Admissão ao Ginásio - 5º ano - Livro de leitura.

Caderno de Exercícios de Linguagem.

Manual do Professor (Leitura e Exercícios de Linguagem).

Caderno de Matemática.

Manual do Professor (Exercícios de Matemática).

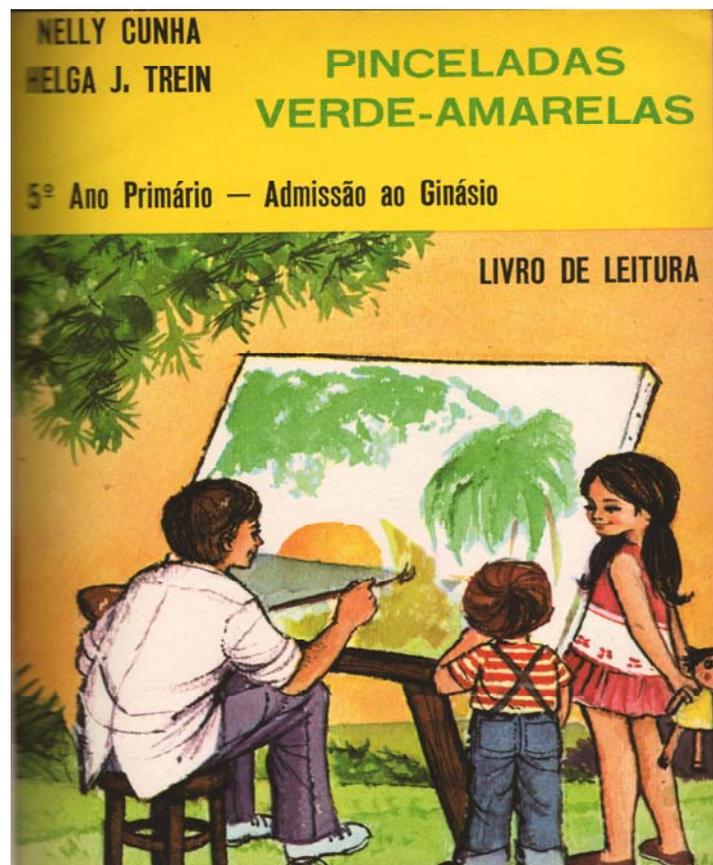


Figura 32: Capa do Livro “Pinceladas Verde-Amarelas”.

Em relação às modificações visíveis na coleção refeita, há alterações gráficas na obra, ou seja, na capa do livro destinado ao 2º ano do ensino primário de 1963, a ilustração é de um macaquinho, já na reorganização da coleção a imagem é de um duende. As crianças no livro para o 3º ano vestiam roupas da tradição gaúcha (vestido de prenda, bombacha e botas) e tocavam gaita; na nova edição, vestem: a menina, um vestido curto, já o menino, short e camiseta. No livro

para o 4º ano há um menino encostado na cerca e um bezerrinho deitado no chão; na nova edição é uma garota e um garoto que estão dentro de um barquinho. No livro para o 5ª ano, a paisagem é de natureza, há uma arara pousando num galho; na reformulação, a imagem é de duas crianças observando uma pessoa que está pintando um quadro.

O que nos surpreende não são, apenas, as mudanças nas capas, mas, principalmente, a organização da obra em: um Livro Leitura, Caderno de Exercícios de Linguagem, Caderno de Exercícios de Matemática, um Manual do Professor (Leitura e Exercícios de Linguagem) e outro Manual (Exercícios de Matemática), um grande diferencial observado na elaboração dos livros após a viagem. Com relação ao manual, na Coleção reformulada da série “Era Uma Vez”, no livro “Novas Travessuras de Pirulim”, destinado ao 2º ano, constam algumas orientações das autoras, entre elas a indicação de que o livro seja dividido em planos de unidades. A cada unidade encontram-se sugestões diferentes, como se pode verificar na unidade I, página 4: *dramatizar a história, descrever cenas familiares*. Já na unidade VI, página 10, a idéia é *organizar um “chá de bonecas”*. Na página 3, há as seguintes orientações:

[...] o professor preparará à classe para a leitura, através de perguntas [...] objetivos a atingir: desenvolver valores [...]; desenvolver o vocabulário da criança; desenvolver a habilidade de a criança observar pormenores poéticos [...]. (Era Uma Vez, 1970, p.3).

Ainda sobre a Coleção “Era Uma Vez”, localizei uma matéria do jornal “Zero Hora”, datada de 8 de março de 1971, na qual é mencionada a continuidade da obra no mercado, como se pode observar: *Outros livros lançados no ano passado e que continuarão em destaque são os da série “Era uma vez”, das professoras Nelly e Helga Trein (Anexo 2)*.

Ao que tudo indica e conforme o relato da filha Elaine, a coleção Estrada Iluminada foi reformulada posteriormente a viagem e foram realizadas alterações no título da coleção, a qual passou a ser denominada **NOSSA TERRA NOSSA GENTE**. Foi publicada pela Editora do Brasil, novamente em co-autoria com Cecy Cordeiro Thofehm, integra todas as áreas do currículo: Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais, Moral e Cívica, do 1º ao 5º ano do ensino primário, e é assim composta:

1. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – Pré-livro.
2. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – 1º ano. Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais e Moral e Cívica.
3. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – 2º ano. Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais e Moral e Cívica.
4. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – 3º ano. Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais e Moral e Cívica.
5. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – 4º ano. Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais e Moral e Cívica.
6. NOSSA TERRA NOSSA GENTE – 5º ano. Linguagem, Matemática Moderna, Estudos Sociais e Moral e Cívica.

A seguir visualiza-se a imagem das capas da coleção:

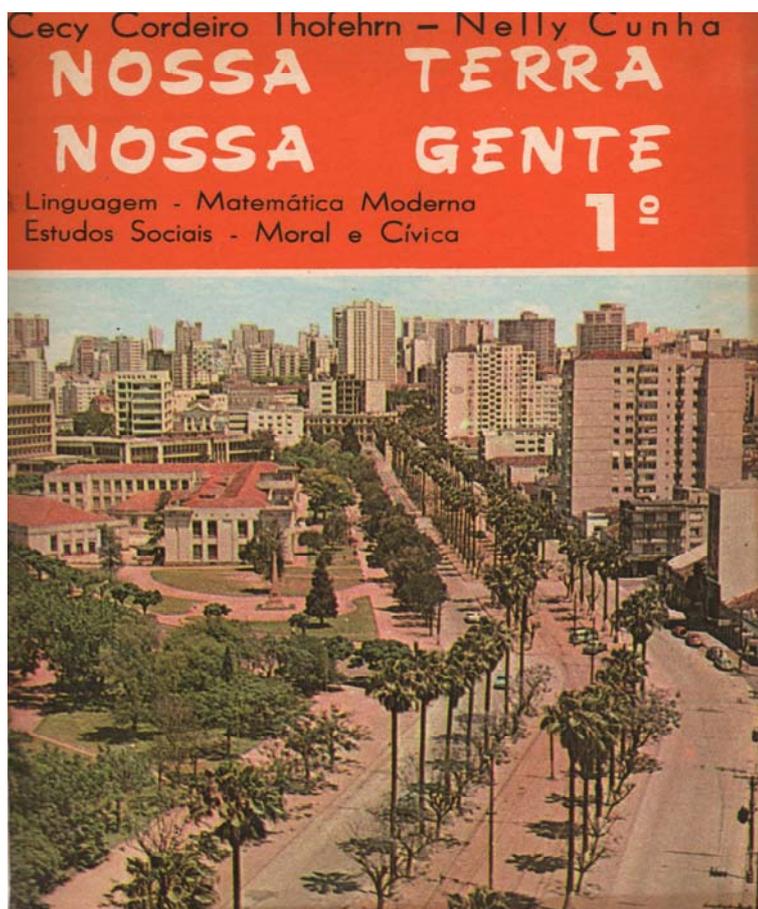


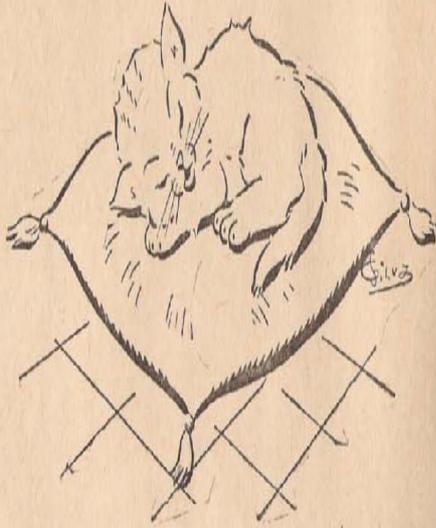
Figura 33: Capa da Coleção “Nossa Terra Nossa Gente”.

No livro há diversas atividades e variados textos de leitura, selecionados pelas autoras num rico repertório de grandes escritores, tais como: Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Érico Veríssimo, José Lins do Rego, Simões Lopes Neto, Cecília Meireles, Darcy Azambuja, Machado de Assis, entre outros nomes importantes da literatura. Outros dados referentes às coleções “Estrada Iluminada” e “Nossa Terra Nossa Gente” é que muitos dos textos são os mesmos, mas os exercícios são diferentes. Na coleção do ano de 1974, destinado ao 1º ano do ensino de 1º Grau²¹, na segunda página, há uma apresentação da obra, enfatizando que os textos de leitura intermediária focalizam dois personagens principais: Bichano e Zumbi. Ao lado destes, são acrescentados outros animaizinhos que surgem no desenvolver dos temas. O ambiente familiar é apresentado, e também valorizado, através dos personagens Paulo e larinha, envolvendo situações reais, das próprias vivências dos alunos.

A seguir visualiza-se um dos textos e exercícios contidos nas coleções acima mencionadas, que apresentam as seguintes semelhanças:

²¹ A nova terminologia: 1º ano do ensino de 1º grau, refere-se a alteração produzida pela Lei 5691/71.

BICHANO



É bem cedinho.

Bichano ainda está dormindo,
em cima de sua almofada.

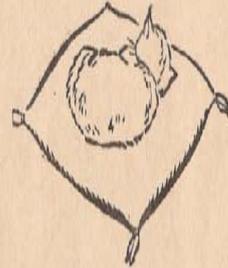
Como é preguiçoso o gatinho!

EXERCÍCIOS

Complete:

O nome do gati-
nho é

Desenhe bolinhas
na almofada onde o
gatinho está dor-
mindo.



Complete, de acôrdo com o desenho:

... mofada

gati ...

Separe em sílabas:

almofada

preguiçoso

Bichano

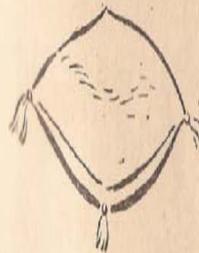


Figura 34: Imagem do texto e dos exercícios das páginas 8 e 9 da Coleção "Estrada Iluminada" - Bichano e Zumbi - 1º ano, 1960.



BICHANO

É bem cedinho.
 Bichano ainda está dormindo, em
 cima de sua almofada.
 Como é dorminhoco o gatinho!

— 9

ATIVIDADES

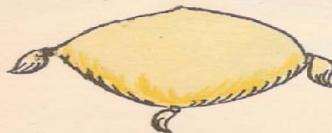
1. Leia a história de Bichano e depois complete:

O nome do gatinho
 é



2. Desenhe bolinhas
 na almofada onde
 o gatinho está dor-
 mindo.

3. Complete as palavras de acôrdo com o desenho.



.....mofada

gati.....

4. Separe em sílabas:

almofada

preguiçoso

Bichano



5. Empregue a pontuação, no final das frases:

Que lindo é o gatinho

Você conhece Bichano

O gatinho dorme

10 —

Figura 35: Imagem do texto e dos exercícios das páginas 9 e 10 da Coleção "Nossa Terra Nossa Gente" - 1º ano, 1970.

Com relação à coleção “Nossa Terra Nossa Gente”, é interessante frisar que no arquivo da autora havia uma coleção s/d (sem data), da 4ª edição, e outra editada no ano de 1974, na sua 28ª edição. Este fato permite evidenciar a grande reprodução desta coleção. Ao observar o número de edições, a partir dos exemplares localizados no arquivo privado de Nelly, verifica-se que foram publicadas, no mínimo, vinte oito edições, que se tem conhecimento; o mesmo pode-se inferir sobre a Coleção “Estrada Iluminada”, visto que o número das edições localizadas chegou a 24ª edição. No entanto, com relação às demais coleções produzidas por Nelly, não posso inferir tal análise, por localizar em seu arquivo apenas a primeira edição de cada uma das coleções.

Além desses dados, o que chamou a atenção foi o fato de não encontrar a 1ª edição das coleções “Nossa Terra Nossa Gente” e “Estrada Iluminada” em seu arquivo privado. Isso me causou grande surpresa e desapontamento, porém, uma das explicações para compreender tal situação foi abarcada à luz das idéias de Choppin (2004), que menciona a grande dificuldade que os historiadores do livro didático esbarram: o acesso às coleções, à sua incompletude e dispersão.

Por outro lado, pesquisar livro didático, apesar dessas dificuldades, possibilita vários estudos, tais como as mudanças que surgem a cada nova edição. É o caso da coleção “Nossa Terra Nossa Gente”, que, além de ser “Estrada Iluminada” reformulada, o que por si só já daria um objeto de análise específico, apresenta alterações visíveis da 4ª edição (s/d - sem data) para a 28ª edição. Houve grandes modificações, é uma coleção totalmente diferente, nova. O destaque está na capa da 28ª ed., cujo fundo é amarelo, com as ilustrações dentro de um formato de cuia; a 4ª ed. era vermelha com a paisagem das ruas da cidade de Porto Alegre. Além disso, o formato da coleção modifica-se de 14,0 x 20,5 cm para 17,0 x 26,3 cm. O que chama atenção nessa edição não é só a mudança da capa, o que já era suficiente para muitas análises, mas as alterações internas. Observa-se a seguir a imagem das capas dos livros:



Figura 36: Capa da Coleção “Nossa Terra Nossa Gente” da 4.ed. (s/d) para a 28ª edição.

Com relação às mudanças observadas nos livros escolares em geral a partir dos anos 60 do século XX, indicou Batista (1999, p.554) que:

Ao longo dos anos 60 e 70, ocorre um conjunto acentuado de modificações na produção dos *manuals* escolares nacionais. Em primeiro lugar, na *forma física* de seus suportes: suas dimensões, tradicionalmente situadas entre 21 x 14 cm, terminam por alcançar sua forma padrão atual, de cerca de 27x21 cm; sua encadernação passa a ser feita por processos mecânicos e é plastificada; a qualidade do papel se torna superior, assim como a qualidade da impressão, que, aos poucos incorpora o uso de cores, torna-se mais regular e utiliza padrões de legibilidade e recursos visuais modernos.

Ao enumerar algumas mudanças visualizadas nas coleções após a viagem aos EUA, pode-se perceber um novo modo de pensar, escrever e confeccionar livros escolares, tendo em vista atender a novas exigências, ajustando a escrita dos textos didáticos à natureza infantil e aperfeiçoando a linguagem do livro. Isso leva a pensar, em primeiro lugar, que estes elementos diferentes de estruturação, assuntos ou conteúdos tematizados, que foram moldando a forma e o conteúdo dos textos didáticos, seria influência dos modelos estrangeiros com os quais Nelly Cunha teve contato durante a viagem; em

contrapartida, poderia revelar uma criação própria, uma inovação dos textos, a partir das idéias que serviram de inspiração.

Um exemplo que revela um pouco sobre a maneira como Nelly produzia seus livros didáticos pode ser evidenciado em uma carta de 1978, endereçada à Secretaria de Turismo, na qual Nelly pede material e publicações específicas sobre aspectos culturais, políticos e econômicos para enriquecer seu trabalho na elaboração da nova coleção.

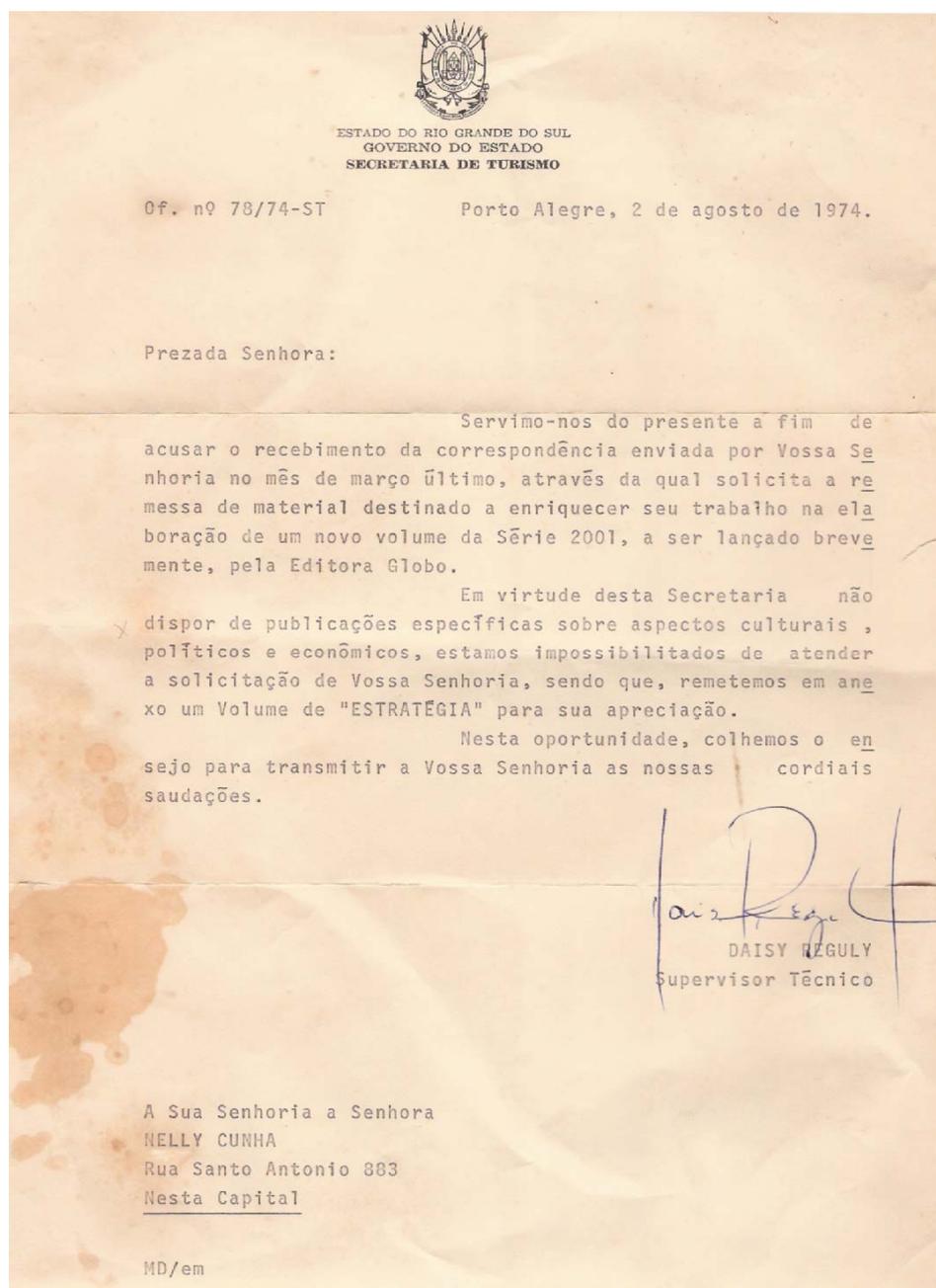


Figura 37: Cópia da carta da Secretaria de Turismo para Nelly Cunha.

Posteriormente, Nelly foi convidada pelo Sr. José Otávio Bertaso, então diretor da Editora Globo, para um novo trabalho, agora em parceria com as professoras Teresa Iara Palmini Fabretti e Zélia Maria Sequeira de Carvalho, produzirem juntas, em 1973, a Coleção **ALEGRIA, ALEGRIA E OUTROS**, cujo formato é de 17 cm x 24,5 cm, sendo assim constituída:

1. ALEGRIA, ALEGRIA - Pré-livro, 1º Caderno de Atividades, 2º Caderno de Atividades, Leitura Intermediária e Manual do Professor.
2. E AGORA, ANDRÉ? - 2ª série do 1º Grau e integrada pelos seguintes volumes: Livro-texto de Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências, Caderno de Atividades de Matemática e Manual do Professor.
3. PEQUENOS TURISTAS - 3ª série do 1º Grau, integrada pelos seguintes volumes: Livro-texto de Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências, Caderno de Atividades de Matemática e Manual do Professor.
4. QUERÊNCIA - 4ª série do 1º Grau, contendo os seguintes volumes: Livro-texto de Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências, Caderno de Atividades de Matemática e Manual do Professor.
5. RUMO CERTO - 5ª série do 1º Grau, com os seguintes volumes: Livro-texto de Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências, Caderno de Atividades de Matemática e Manual do Professor.
6. ESPIRAL - 6ª série do 1º Grau, a obra é composta dos seguintes volumes: Livro-texto de Comunicação e Expressão, Integração Social e Ciências, Caderno de Atividades de Matemática e Manual do Professor.

Com relação a essa coleção, a professora e co-autora Teresa Iara Palmini Fabretti, em entrevista no dia 8 de fevereiro de 2006, relembra como surgiu a parceria com as autoras:

No ano de 1971, quando a Editora Globo atravessava um período de muita dificuldade com materiais didáticos e resolveram inovar, pois, queriam gente nova, então, marcaram uma reunião com Nelly, Zélia e eu, para que juntas trabalhássemos na produção de uma série. (Entrevista 08/02/06).

Teresa relatou, ainda, “o susto” ao deparar-se com este desafio duplo, o de produzir uma coleção didática e o de trabalhar com a “famosa escritora” Nelly Cunha. Ressaltou, também, que elas não tinham um vínculo de trabalho com a editora, pois esta comprava os direitos editoriais, dando um percentual sobre o número de exemplares vendidos, sendo estes acordos acertados através de contratos.

O contrato estabelecido pela Editora Globo com as autoras, recuperado no arquivo, mostra que era destinado o percentual de 6% (seis por cento) sobre o preço de venda dos livros, assim distribuído: 2% (dois por cento) para Nelly Cunha, 2% (dois por cento) para Teresa Lara Palmira Fabretti e 2% (dois por cento) para Zélia Maria Sequeira de Carvalho (FIG.38).

O contrato firmado entre a editora e as autoras confirma o controle que a editora exercia sobre a publicação de seus trabalhos. A cautela entre as regras do negócio e as exigências da proteção fica bem clara na primeira, quarta e sexta cláusulas do documento. Elas cedem o direito exclusivo à Editora Globo, para a qual a obra é dotada de um “valor comercial”.

É certo, também, que, como uma mercadoria, o livro didático é um produto que precisa ser vendável e, por conseguinte, rentável às editoras. Essas adequações e mudanças resultam, igualmente, dessa necessidade de venda dos livros didáticos. Tanto quanto outras mercadorias, o livro didático está sujeito às *leis do mercado* (CÔRREA, 2000; BATISTA, 1999).

Para além do aspecto vendável do livro didático, há que se observar também seu aspecto efêmero, pois conforme Lajolo e Zilberman (1999, p.120):

Apesar do berço ilustre, contudo, o livro didático é o primo-pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque é anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação.

Entre a EDITORA GLOBO S.A., sediada nesta capital à Av. Getúlio Vargas, 1271, adiante denominada simplesmente a Editora e, representada neste ato por seu Diretor JOSÉ OTÁVIO BERTASO e, de outro lado, NELLY CUNHA, TERESA IARA PALMINI FABRETTI e ZÉLIA MARIA SEQUEIRA DE CARVALHO, professoras, residentes nesta cidade e adiante chamadas simplesmente as Autoras, fica justo e contratado o seguinte:

PRIMEIRO - As Autoras cedem à Editora o direito exclusivo de publicar, reproduzir e difundir em língua portuguesa a obra de sua autoria e propriedade intitulada ALEGRIA ALEGRIA-39 Caderno de Exercícios-Matemática, destinado à la.série do 1º Grau, cujos originais entregam neste ato à Editora.

SEGUNDO - A la.impressão da la.edição será de 5.000 (cinco mil) exemplares. Após esgotada esta, a Editora fará, caso lhe convenha, impressões e edições subsequentes, fixando para cada uma o número de exemplares, até perfazerem, com os da la.impressãp da la.edição, o total de 100.000 (cem mil) exemplares. Cada Autora terá direito a receber gratuitamente 10 (dez) exemplares da la.edição e 5 (cinco) exemplares de cada impressão subsequente.

TERCEIRO - A Editora pagará às Autoras, pela cessão ora contratada, a percentagem de 6% (seis por cento) sobre o preço de venda dos livros, assim distribuída: 2% (dois por cento) para NELLY CUNHA, 2% (dois por cento) para TERESA IARA PALMINI FABRETTI e 2% (dois por cento) para ZÉLIA MARIA SEQUEIRA DE CARVALHO. As prestações de contas e o pagamento às Autoras serão feitos em julho, relativamente aos exemplares vendidos até 31 de março e, em janeiro, relativamente aos exemplares vendidos até 30 de setembro de cada ano.

QUARTO - O preço de venda do livro e tudo quanto disser respeito à apresentação material, ficam ao critério da Editora.

QUINTO - Conforme acordo com as Autoras, ora ratificado por esse instrumento, a Editora fará uma distribuição gratuita de exemplares dos volumes acima mencionados da obra ao professorado, para fins de propaganda, e sobre esses exemplares não serão pagos direitos autorais.

SEXTO - As Autoras obrigam-se: a) a não contratar outra edição do livro, nem dele dispor no todo ou em parte, enquanto não estiverem esgotados os exemplares das impressões e edições compreendidas na presente cessão; b) a fazer as emendas e alterações que, a seu juízo, porventura se tornarem necessárias, independentemente de qualquer remuneração e a tempo de serem aproveitadas nas edições que se seguirem à primeira; c) a dar preferência à Editora, em igualdade de condições, para novas impressões e edições, depois de esgotados os exemplares das impressões e edições compreendidas na presente cessão.

SÉTIMO - Autoras e Editora elegem o foro de Porto Alegre para nele responderem por qualquer ação judicial porventura decorrente do presente contrato.

E, por assim haverem convencionado, assinam o presente instrumento, juntamente com as testemunhas Maria da Glória Bordini e Flávio José Cardozo, em quatro vias de igual teor e valor, ficando a primeira em poder da Editora e a segunda, terceira e quarta em poder das Autoras.

Porto Alegre, 15 de maio de 1973

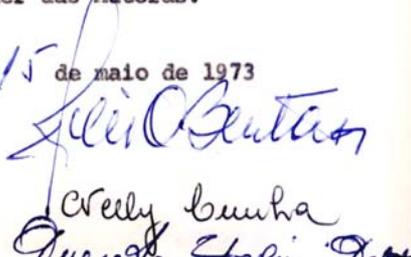


Figura 38: Cópia do Contrato com a Editora Globo.

No que diz respeito à elaboração da coleção “Alegria, Alegria” e outros, depois de aceitarem a proposta de produzirem juntas, as autoras passaram a reunir-se nas residências em horários disponíveis, porque Teresa ainda lecionava e Nelly e Zélia já estavam aposentadas, mas faziam outras atividades e, ainda, tinham os cuidados com lar.



Figura 39: As autoras Teresa, Zélia e Nelly estavam reunidas na residência de Teresa, para a elaboração da coleção, dez/1972.

A lembrança desse momento é relatada por Zélia:

Quando os encontros eram à noite, se davam na casa da Nelly, de dia, mais em minha casa; pois lara ainda trabalhava na Escola, enquanto que Nelly e eu já estávamos aposentadas. Nós elaborávamos em casa, datilográvamos e entregávamos na editora. (Zélia, entrevista 08/02/2006).

Teresa justifica que só a experiência de sala de aula não era suficiente para escrever “bons livros” e que sentiam a necessidade de participar de cursos mais específicos nas áreas que não tinham grande domínio. Então, ela fez um

curso no GEEMPA²² sobre Teoria dos Conjuntos – Piaget, com Léa Fagundes; um curso de lógica, com “Nicole Pilar”, na França, além de outros cursos que elas fizeram em Porto Alegre.

Ao refletir sobre o processo de produção do livro didático, e, nesse caso, visualizar o perfil do autor, vêem-se professoras do ensino primário que sentem a necessidade de buscar aperfeiçoamento e conhecimento em diferentes áreas para a elaboração de uma nova coleção didática. Isso leva a pensar como “se forma” uma autora de livro didático. Neste caso, especificamente de Nelly e outras professoras terem se tornado autoras de livros escolares, parece-nos haver certa relação entre o fato de ser “uma boa professora primária” e estar vinculada ao CPOE (Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul) e Editora Globo.

Para Corrêa (2006, p.40), os autores didáticos eram:

[...] figuras de destaque no cenário político, cultural e acadêmico não ficaram alheias à atividade de escrever textos escolares. No entanto, nem sempre esse envolvimento foi percebido como uma atividade culturalmente valorizada [...]. Considerada uma produção de pouco prestígio cultural, alguns intelectuais preferem não ver seu nome associado à composição de obras escolares e por isso omitem ou dão pouca importância a sua faceta de autor desse gênero de texto.

Em meio a essa composição multifacetada, chama atenção, especialmente no Estado do Rio Grande do Sul, a frequência de figuras femininas, professoras do ensino primário e/ou assessoras educacionais, na atividade de escrever livros no século XX, além de seus envolvimento no campo educacional. Fato evidenciado através do relato das autoras entrevistadas, as

²² <http://www.geempa.org.br>. Site acessado em 5 de nov. 2007 - O GEEMPA (Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia da Pesquisa e Ação) é uma organização privada, ou seja, uma sociedade civil sem fins lucrativos, registrada como pessoa jurídica em Porto Alegre, na Rua Lopo Gonçalves, 511, RS e declarada de utilidade pública, conforme decreto municipal de 13 de dezembro de 1984. Desenvolve, desde sua fundação, atividades de pesquisa na área de educação independente das Universidades, das Secretarias de Educação e do Ministério de Educação, guardando com estas instituições uma relação de colaboração e apoio. As finalidades da instituição são o estudo e a pesquisa para o desenvolvimento das ciências da educação, a realização de ações efetivas, visando a melhoria da qualidade do ensino, junto a professores e técnicos que atuam na área educacional, assim como junto a autoridades responsáveis pelo planejamento e execução da política educacional e a formação e orientação de professores, técnicos e profissionais ligados à educação.

quais declaram que atuavam em escolas primárias e nos horários disponíveis reuniam-se nas residências para a elaboração dos livros.

Assim sendo, esse modelo rompe com a clássica imagem da figura do escritor, em um local específico, como um escritório, a sala de uma editora ou uma biblioteca. As autoras se reuniam na sala da casa, em meio aos filhos que brincavam ao redor, muitas vezes recolhendo os papéis amassados que eram jogados ao chão, como afirmou a filha Elaine em uma das entrevistas.

Dando prosseguimento à apresentação das obras de Nelly, passo à imagem da capa do livro “Alegria, Alegria” para a 1ª série do 1º Grau.



Figura 40: Capa do Livro “Alegria, Alegria”.

Nesse livro, conforme apontam as autoras, atenta-se ao cuidado com a organização e estrutura, através de exercícios variados, bastante espaço, com letra script e contendo um manual do professor, que apresenta desde conselhos ao professor em orientar as crianças para que cuidem e valorizem o livro, até orientações quanto à avaliação que deveria ser contínua, respeitando cada etapa do desenvolvimento da criança. Dentre os objetivos descritos no manual, cita-se:

[...] utilizar os atuais interesses dos alunos e estimular interesses futuros; prever o atendimento das diferenças individuais; utilizar as experiências das crianças e suas vivências; [...] tornar a aprendizagem significativa para os alunos. (Alegria, Alegria, Manual do Professor, 1973, p.1)

E AGORA, ANDRÉ? - 2ª série do 1º Grau.



Figura 41: Capa do Livro “E Agora, André?”.

PEQUENOS TURISTAS - 3ª série do 1º Grau

Figura 42: Capa do Livro “Os Pequenos Turistas”.



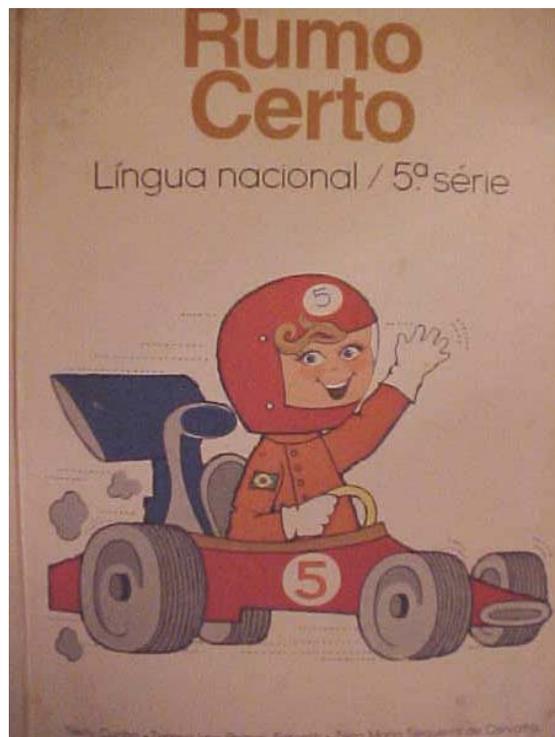
QUERÊNCIA - 4ª série do 1º Grau.

Figura 43: Capa do Livro “Querência”.



RUMO CERTO - 5ª série do 1º Grau.

Figura 44: Capa do Livro “Rumo Certo”.



ESPIRAL - 6ª série do 1º Grau.

Figura 45: Capa do “Espiral”.



No ano de 1976, Nelly Cunha produziu mais uma obra em co-autoria com Teresa. Editada pela Globo, produziram **TAPETE VERDE** - 1ª a 4ª séries - Livro Integrado e Caderno de Atividades. A coleção apresentava as seguintes medidas: 16,5 cm x 24 cm e era assim composta:

1. TAPETE VERDE: Livro Integrado com Caderno de Atividades
1ª Série/ 1º Grau.
2. TAPETE VERDE: Livro Integrado com Caderno de Atividades
2ª Série/ 1º Grau.
3. TAPETE VERDE: Livro Integrado com Caderno de Atividades
3ª Série/ 1º Grau.
4. TAPETE VERDE: Livro Integrado com Caderno de Atividades
4ª Série/ 1º Grau.



Figura 46: Capa do Livro Tapete Verde.

Ao entrevistar a professora Teresa Iara Palmirini Fabretti, atualmente com 72 anos de idade e morando em Porto Alegre, a mesma destaca que em 1976:

[...] o Senhor José Otávio Bertaso [na época diretor da Editora Globo] nos chamou novamente para um novo desafio, montar a série TAPETE VERDE. Apresentou as dificuldades e a crise em que a editora passava naquele momento e determinou algumas normas para a elaboração desta série, ou seja, no que se refere a impressão dos livros didáticos, nos deram como opção de escolher uma só cor de tinta e o tipo de papel mudaria em relação à textura. Referente ao tipo de letra, método de apresentação e o desenho ilustrativo permaneceria no mesmo molde dos livros publicados anteriormente. [...] A partir destas recomendações optamos pelo título da série, que lembrava os campos e as matas. Então escolhemos o nome de TAPETE VERDE utilizando a única cor verde. (Entrevista com Teresa em 08/02/06)

Devido à crise financeira que enfrentava, a Editora Globo precisou modificar-se para aumentar as vendas e com isso baratear os custos. O objetivo era o de reduzir o custo, para baixar o preço da venda do livro didático, baseado na relação custo/benefício. Pode-se dizer que a produção desta coleção didática esteve cercada de desafios, pelo fato de que foi preciso aliar preço à qualidade de impressão e encadernação, a fim de que pudesse ser acessível a um grande contingente educacional.

No entanto, a opinião de Teresa foi:

Em termos de trabalho foi o melhor, pois tinha uma metodologia mais atual, um verdadeiro manual de trabalho, mas em termos editoriais não foi tão bom, pois não gostei muito do resultado final, não em relação ao conteúdo da coleção, mas com relação à apresentação e forma. (Entrevista com Teresa em 08/02/06).

Ainda em relação à crise financeira da editora, o trabalho de Hallewell (2005, p.414), no que tange à história das editoras comerciais no Brasil, aponta o destino final da Editora Globo:

[...] sua aquisição, em outubro de 1986, pela Rio Gráfica, editora (principalmente de revistas) da formidável organização de mídia Rede Globo, que, desejando aumentar suas atividades no campo

do livro, optou pela compra da editora para substituir a Rio Gráfica, apenas porque ambas tinham, por acaso, o mesmo nome e símbolo comercial [...].

Por fim, a última produção que há no arquivo de Nelly Cunha foi publicada no ano de 1979, pela Editora do Brasil e foi escrita em co-autoria com Iara Thofhern Coelho, filha de Cecy Cordeiro Thofhern, que já havia falecido em 1971. Trata-se da coleção **PARALELAS** – Livros de 1ª a 4ª séries, da área Comunicação e Expressão. A obra, com o formato 20,7 cm x 27,0 cm, era assim constituída:

1. PARALELAS – Comunicação e Expressão Língua Portuguesa
1ª série do Primeiro Grau.
2. PARALELAS – Comunicação e Expressão Língua Portuguesa
2ª série do Primeiro Grau.
3. PARALELAS – Comunicação e Expressão Língua Portuguesa
3ª série do Primeiro Grau.
4. PARALELAS – Comunicação e Expressão Língua Portuguesa
4ª série do Primeiro Grau.

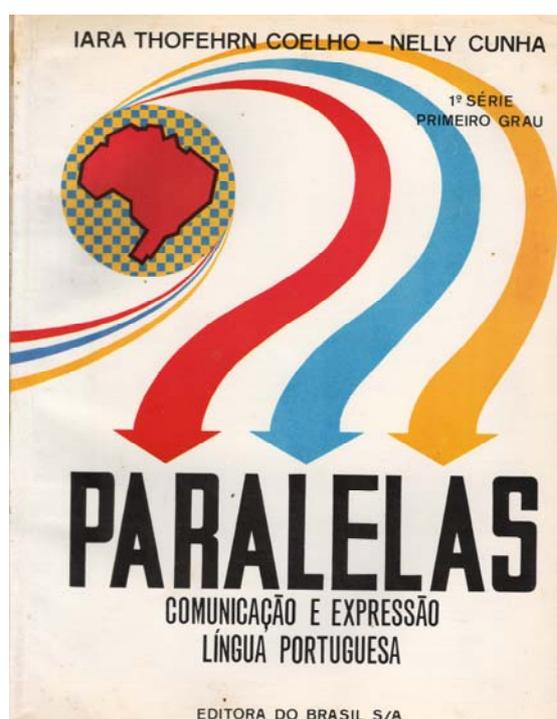


Figura 47: Capa da Coleção “Paralelas”.

Além das obras supracitadas, há no arquivo privado, em uma pasta separada, o rascunho de uma Antologia de autoria de Nelly, com a data de outubro de 1983, direcionada ao 1º grau (4ª, 5ª e 6ª séries), que não chegou a ser editada. A antologia apresenta textos selecionados pela autora e suas observações acerca da organização e estrutura do livro, ou seja, como gostaria que fosse elaborada: “O livro deverá ter 6 a 8 ilustrações – **página inteira** somente; as ilustrações deverão ocupar páginas pares; não deverão aparecer figuras humanas, apenas paisagens, flores, pássaros e objetos”, entre outras orientações.

Sobre o processo de produção dos livros, Chartier (1999, p.17) tem enfatizado a necessidade de distinguirmos a função que cabe ao autor e ao editor:

Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados.

Tal distinção apontada por Chartier permite refletir sobre o processo de escrita dos livros destinados aos alunos. Ao visualizar a preocupação da autora com relação à elaboração do livro, ela indica passo-a-passo suas idéias: a escolha do título, as cores, modelo da capa, letra e ilustrações; caso a obra viesse a ser editada.

Também encontrei, ao folhear a coleção Nossa Terra Nossa Gente, na edição de nº 2, exemplar nº 1622, destinada ao 5º ano primário, algumas correções, registradas a lápis, que a autora faz num livro já impresso, editado. Descrevo, por exemplo, a página 71, onde se lê *enregelada*, ela risca e escreve *engelhada*. Outro caso ocorre na página 72, cuja frase é “As suas **palavras** para mim...”, ela risca **palavras** e escreve no lugar histórias; e assim outros exemplos podem ser observados no livro.

Retomando o arquivo privado de Nelly, encontro, em outra pasta, um manuscrito, também não editado, de sua autoria, de um livro de Contos, s/d (sem data).

Ao questionar a filha Elaine, em relação à não publicação dessas obras, esta mencionou que a mãe sempre seguiu escrevendo, gostava muito de ler e escrever, não perdia o hábito, porém não mostrava para ninguém, guardava para si.

3.3 A viagem aos EUA no acordo MEC/COLTED/USAID

Em relação à viagem realizada em 1969, aos Estados Unidos, Nelly Cunha foi uma das professoras brasileiras, autoras de livros didáticos, escolhidas para viajar, no âmbito da política do COLTED (Comissão do Livro Técnico e Didático), no acordo MEC/USAID (Agência Norte-americana para o Desenvolvimento Internacional). Do Rio Grande do Sul, além de Nelly Cunha, fez parte dessa missão Sydia Sant'Anna Bopp, Técnica em Educação da SEC/RS e também reconhecida autora de livros escolares. Outras dez profissionais - todas mulheres, professoras, assessoras, coordenadoras ou técnicas educacionais - estavam no grupo, sendo que uma delas era de Minas Gerais e as restantes de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A relação das participantes de acordo com o programa é: Romilda Araújo (SP); Thelma de Oliveira Belloti (RJ); Nilda Manhães Belthlem (RJ); Sydia Sant'Anna Bopp (RS); Leny Werneck Dornelles (RJ); Manhúcia Perelberg Liberman (SP); Therezinha Pedrosa Maestrelli (SP); Nair Adell Mello (RJ); Maria Lúcia Freire Esteves Peres (RJ); Maria Zenólia Rabelo Versiani (MG); Nelly Cunha (RS) e Wanda Rollin Pinheiro Lopes (RJ).

É importante ressaltar que essa viagem foi uma iniciativa do COLTED/MEC/USAID em colaboração com editoras brasileiras, de forma que Nelly foi indicada pela Editora Globo para fazer parte da comitiva.

Há, em seu arquivo privado, documentos pessoais e profissionais, folders, fotos, entre outros materiais impressos que mostram alguns lugares que a comitiva visitou durante esta viagem.



Figura 48: Foto das Autoras que viajaram para os EUA.



Figura 49: Nos EUA, Nelly entre a Comitiva, 1969.

Com relação à COLTED, Comissão do Livro Técnico e Didático, trata-se de uma instituição do tipo misto, resultante do convênio entre o Sindicato Nacional

de Editores de Livros (SNEL) e a USAID. Foi criada pelo decreto presidencial N° 58.653, de 16 de junho de 1966²³, com a finalidade de incentivar, orientar e coordenar as atividades do Ministério da Educação e Cultura relacionadas ao aperfeiçoamento do livro didático. A partir desse momento, o governo passou a reconhecer o livro destinado ao ensino como instrumento básico para melhoria do rendimento escolar, pois conforme o Art.1° do decreto 58.653:

É instituído no Ministério da Educação e Cultura o Conselho do Livro Técnico e Didático – COLTED, com a atribuição de gerir e aplicar recursos destinados ao financiamento e à realização de programas e projetos de expansão do livro escolar e do livro técnico, em colaboração com a Aliança para o Progresso.

Destaca-se que o Ministério da Educação e Cultura lançou um volume, organizado por Alves (1969), contendo um material básico dos cursos de treinamento para professores do ensino primário, com as orientações sobre o Livro didático e sua utilização em classe. O material foi disposto em unidades, que versavam sobre: o programa da COLTED; a produtividade da escola primária brasileira; os objetivos da educação primária; o papel do livro na consecução dos objetivos da educação primária e sobre a forma de assegurar a boa utilização do livro. Em específico à COLTED, descreve:

Em 6-1-67 foi firmado o convênio MEC/SNEL/USAID (Ministério da Educação e Cultura – Sindicato Nacional de Editôres de Livros e a Agência Norte-Americana para o desenvolvimento Internacional) com o objetivo de tornar disponíveis cêrca de 51 milhões de livros aos estudantes brasileiros no período de três anos. Êsses livros serão distribuídos gratuitamente às escolas para uso de seus alunos. Por êsse Convênio comprometeu-se também o MEC a proporcionar recursos suficientes para assegurar a continuação do programa além do prazo de três anos. (p.18).

Ainda, com relação ao objetivo do programa, o material expõe:

Foi reconhecendo a necessidade de que o professor realize sempre escolhas mais acertadas e utilize adequadamente o livro didático, a fim de estimular bons autores e editôres e melhorar o

²³ Disponível na internet <http://www.prolei.inep.gov.br/pesquisar.do?anoInicial=&anoFinal=&indInicial=3420&indFinal=3429&Mais=false&ManterDelimitador=349&descricao=&tipoDocumento=&assunto=> Acesso em 10 de fevereiro de 2006.

rendimento do ensino, que a COLTED decidiu-se pela execução de um programa de treinamento [...]. (p.20).

Como se vê, em função desse programa, planejou-se cursos de treinamento para professores e autores de livros didáticos.

O estudo de Arapiraca (1982) identifica que na época o então Ministro Eduardo Portela advertia que estava à frente do MEC no pior momento da educação brasileira. Destacava que muitas das causas do mau funcionamento era fruto da imposição de uma política educacional que teve suas origens nos acordos firmados entre o governo brasileiro e a USAID.

Portanto, tratava-se não apenas de um acordo de “cooperação técnica”, mas de um verdadeiro planejamento ideológico. O autor aponta, neste estudo, o contexto mais geral dessa intervenção, que é o contexto econômico: o pretexto da “assistência técnica” servia para camuflar o real interesse, que era o de atrelar o sistema educacional ao modelo de desenvolvimento dependente, imposto pela política econômica americana para a América Latina (ARAPIRACA, 1982).

Segundo Arapiraca (1982), a estratégia foi de formar técnicos brasileiros nos Estados Unidos, criando assim “amigos” brasileiros nas cúpulas das universidades e da rede oficial de ensino, o que influenciou na formação destes dirigentes.

Arapiraca indica, ainda, que o programa objetivava, também, eliminar o impasse entre as editoras privadas e o governo, em relação ao lucro das mais de setenta editoras daquela época, porque tinha um mercado garantido. Então, a solução encontrada pelo governo foi a institucionalização do Programa Nacional do Livro Didático, executado pela COLTED, beneficiando o setor livreiro.

Castro (2005) aponta que nesta época a censura a livros e periódicos intensificou-se. Vivia-se no país um cenário cheio de restrições e o decreto foi instituído no ápice do período militar, momento este em que a censura era exercida com rigor, as pessoas que lidavam com materiais impressos, as editoras de livros e periódicos deviam ser cadastradas nas delegacias da Polícia Federal, como forma de controle por parte do estado. Assim, em relação ao conteúdo dos livros didáticos, estes eram analisados para observar se existia um cunho ofensivo à moral e aos bons costumes da época.

Ao retomar a análise dos dados relativos à viagem realizada por Nelly, neste acordo MEC/COLTED/USAID/, chama a atenção uma espécie de “*relatório-diário*” datilografado, de autoria de Nelly Cunha, que registra os vários estados e cidades visitadas, bem como as inúmeras instituições e palestras que o grupo participou. Para dar apenas alguns exemplos: na cidade de Washington, primeira etapa da viagem, o grupo esteve no *Federal City College/Educational Material Center, Instructional Materials Center, Smithsonian Institution*; em New York, foram a *American Educational Publishers Institute, Holt, Rhinehart e Winston INC/School Department, Teacher College, Bank Street College*. Estiveram, ainda, nas cidades de Newton e Boston – Massachusetts; Springfield, Chicago e Evanston – Illinois; Columbus – Ohio. Nesses lugares, as visitas concentravam-se em escolas, universidades, departamentos oficiais, bibliotecas, centros de treinamentos, instituições de apoio, fomento e ‘formação’ de autores de livros escolares, além de várias visitas culturais a museus, memoriais, igrejas, academias, etc.

Conforme o minucioso registro das palestras feito pela professora Nelly Cunha, as muitas palestras a que a comitiva assistiu giravam em torno das temáticas da produção, edição, utilização do livro didático; das “técnicas” de escrever um “bom livro”; das características de um “bom livro”; das funções do editor; da importância de equipes para “confecção” de livros didáticos; das diferentes etapas de preparação de um livro e do guia do professor; dos materiais auxiliares; da importância da ilustração; da relação entre editores e autores; dos aspectos gráficos dos livros; do “treinamento” de professores; da avaliação dos livros; dos livros para ensino acelerado, ensino regular e ensino de crianças mais lentas; das relações entre organizações educacionais e editoras, etc. Também eram abordados temas gerais, como por exemplo, desenvolvimento infantil, métodos de ensino, currículo escolar, disciplinas escolares.

Falando sôbre a preparação do livro escolar, disse que os psicólogos norte-americanos afirmam que 40 % do poder de aprendizagem já se manifesta aos 4 ou 5 anos de idade. Os grupos de menor rendimento são constituídos por crianças que começam a aprender ~~mais~~ mais tarde.

Também, quanto melhor seja o lar de que a criança venha, tanto mais rápido ela progride.

Como traço comum entre o Brasil e os Estados Unidos cita o fato de os Estados terem influência na educação.

Considera as Ciências Naturais e os Estudos Sociais como matérias de grande importância no currículo primário.

Apontou como características do livro escolar :

- Deve se prestar ao nível de aprendizagem do aluno
- Deve ser atrativo
- Deve ser feito de modo que o estudante seja convencido de sua utilidade

Nessa época, quando se fala em computadores, em máquinas de ensinar em auxílios audiovisuais, o livro se torna cada vez mais importante. O livro deve estar de acôrdo com o mundo de hoje, pois os jornais, TV, revistas, etc. são sensacionais, de modo que temos de fazer nossos livros para o mundo que vamos viver no futuro.

OBS. O Federal City College surgiu em projeto cooperativo com a AEPI, recebe auxílio da Agency for International Development e do Bureau of Educational and Cultural Affairs of the U.S. Department of State.

A seguir, falou o Dr. Griffân, especialista no campo de comunicação sôbre o tipo de mercado : 40 % dos livros sôbre Linguagem, depois, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, livros vocacionais, sôbre Arte, Educação, etc.

Figura 50: Relatório-Diário datilografado, p.12.

De acordo com o registro de Nelly no “relatório-diário”, alguns aspectos aludidos nas palestras estão diretamente relacionados à questão da leitura. Questões essas que já eram de interesse da autora, que, diante da grande missão de elaborar um livro de boa qualidade e de interesse ao público leitor, se

preocupava com a questão da leitura prazerosa, aquela que iria despertar na criança o gosto pelo ato de ler. Além disso, a autora já mostrava uma preocupação em relação ao poder das novas tecnologias de informação. Preocupações que se traduzem na idéia da confecção de um “bom livro didático”.

A análise deste material permitiu-me observar melhor as vivências, intenções e idéias de uma determinada época e espaço, também, em relação à produção e circulação dos livros didáticos. Para os pesquisadores, a leitura deste material possibilita incorporar a voz de autoras de livros, despertando para inúmeras questões, a fim de melhor compreender a história dos livros didáticos no Estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1960 e 1980.

Há, também, no material disponibilizado para pesquisa, um documento do *Program Information and Itinerary*, que fora distribuído à comitiva pelo *U.S. Department Of Health, Education and Welfare* antes da viagem, e que continha os objetivos do programa, itinerários e atividades das participantes:

O objetivo deste programa é de ajudar o Governo Brasileiro, em colaboração com os editores de livros escolares, a ter disponível um suprimento adequado de livros escolares para os alunos de escolas primárias e de ginásios, bem como de prover livros, de baixo custo, aos estudantes universitários no Brasil.

Através da Comissão de Livros Técnicos e Didáticos (COLTED) do Ministério da Educação e Cultura, a USAID dá assistência técnica para incrementar o suprimento de livros escolares e para estimular e melhorar dentro das salas de aula o uso eficaz de livros didáticos e outros materiais de ensino.

Referindo-se às professoras da comitiva o documento registra:

Estas participantes ocupam cargos de liderança em educação primária no nível estadual, sendo, outrossim, autoras de renome de livros de ensino para escolas primárias publicados por dez diferentes casas editoras do Brasil. Elas foram recomendadas pela COLTED e AID para tomar parte nesse programa de treinamento por observação, visando a que venham a produzir, não somente mais, como melhores livros escolares e manuais para professoras e, assim, melhorar a qualidade da instrução.

A comitiva recebeu o seguinte programa da viagem (imagem da capa do programa):

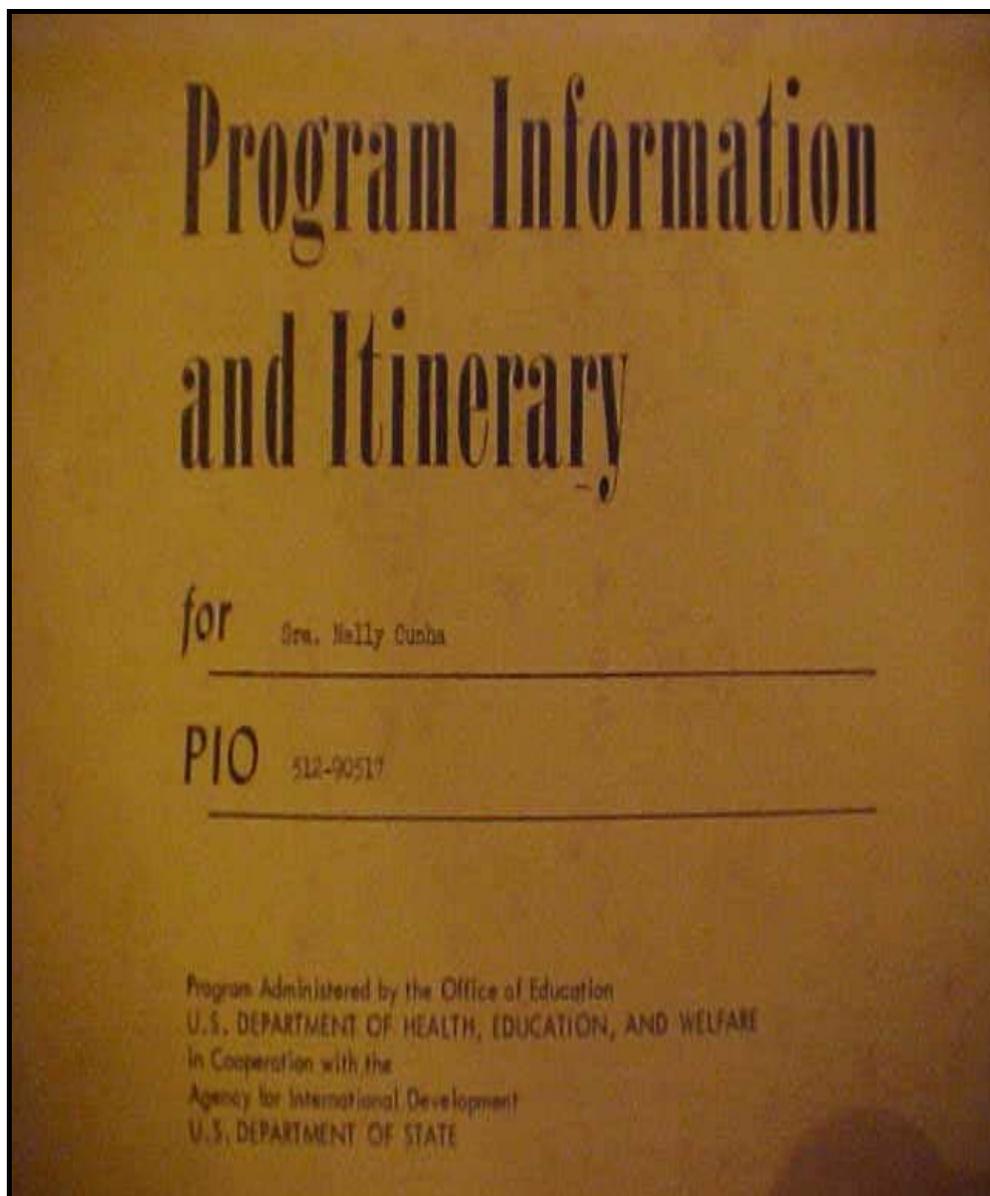


Figura 51: Cópia da Capa do Programa

O arquivo revela também um certificado do departamento de educação *Department Of Health, Education, And Welfare Office Of Education*, referente à conclusão deste período de aperfeiçoamento, assinado em Washington, dia 8 de outubro de 1969, e um recorte de jornal norte-americano, anunciando a presença das professoras brasileiras na cidade.



Figura 52: Cópia do Certificado do Curso.

De forma a enriquecer ainda mais as informações sobre a viagem, para minha surpresa e alegria, a filha de Nelly contactou-me, em setembro de 2007, para perguntar se me interessava por umas cartas escritas pela mãe neste período, e que estavam guardadas com uma sobrinha dela. No mesmo momento, expressei meu interesse em analisá-las. Ao receber o envelope pelo correio, contabilizei 12 cartões postais e 22 cartas do período de 20 de setembro a 30 de outubro de 1969, enviados de várias cidades e estados visitados pela comitiva nos EUA.

Em relação às cartas, as autoras Bastos, Cunha e Mignot (2002, p.5) apontam para o fato de que:

Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: conversar, seduzir, desabafar, agradecer, pedir, segregar, informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam um tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar.



Figura 53: Reportagem de um Jornal Norte-Americano sem identificação e s/d.

Dauphin e Pouplan (2002, p.75) apontam para importância das cartas:

Na historiografia, as cartas ocupam, tradicionalmente, o status de documento. A qualidade do signatário, do destinatário ou das pessoas citadas valoriza o conteúdo. Os dizeres - os mais simples, os detalhes -, os mais incongruentes, tornam-se signos ou indícios a serem interpretados. Como no campo literário, as correspondências legitimadas, pelo destaque que ocupam na sociedade, desvelam a vida privada, o que se esconde atrás da cena pública, o que não é acessível no mistério da obra ou na fulgurância do acontecimento.

As vinte e duas cartas foram escritas a mão por Nelly e enviadas ao Brasil como forma de se corresponder com seus amigos e familiares. As correspondências tinham um caráter mais íntimo, mais informal, numa linguagem mais espontânea, como se pode observar:

4 outubro de 1969.

Minha gente

Amanhã, partiremos de N.Y. rumo Boston. Embora eu não tenha ainda notícias de vocês, vou escrevendo diariamente. Assim, vocês estarão a par do que ando fazendo e observando. O programa dos cursos aqui foi intenso e agitado e o pouco tempo que nos restava foi gasto em percorrer a cidade, de ponta a ponta.
[...]

Analisar as cartas permitiu-me visualizar a constante preocupação de Nelly em dar e receber notícias, bem como relatar tudo o que via e acontecia durante a viagem. É o que se vê na cópia a seguir:

22. outubro

Hotel Presidential

900 NINETEENTH STREET, N. W.
WASHINGTON, D. C. 20006

Harold B. Morris, *Manager*

FEderal 8-9020

Gente querida
Hoje, ao chegar à AID para a entrevista, tive a alegria de encontrar uma carta de vocês a minha espera, datada de 11 de outubro. Ela, a minha mãe Rosa abriu o programa e todos escreveram, até a Helena que me dá notícias da política brasileira. Fiquei muito contente, ao saber que estão todos bem, e tomei a decisão que dependia de saber notícias de casa. Resolvi ficar mais alguns dias aqui no State, de graça. Vejam só, em viagens, dentro do país, sem contar com a Internacional, a AID gastou com cada uma de nós 800 dólares. É um bocado de dinheiro, não acham? Corresponde a 360 cruzeiros novos, o que eu ganho por mês, no Estado. Ora, será uma oportunidade que, creio, jamais se repetirá. Vou passar com a Sydia uns três dias no Rio, pagando hotel. Ora, a Wilda (a colega que é formada por uma universidade norte-americana) tem amigos em Filadélfia. Nós iremos para lá, o fim de semana, de ônibus, combe-

Figura 54: Cópia da Carta que Nelly escreveu para a família, 22/10/1969.

Em outra carta, envia notícias para as amigas Maria Silvia, Débora e Dirce sobre a cidade e o povo norte americano.

8 de outubro de 1969
Queridas amigas Maria
Sílvia, Debora e Dírce

Minha viagem tem sido fabulosa, apesar do cansaço, pois além dos programas de estudo, que me tomam quase todo o dia, quero conhecer o máximo destas cidades por onde tenho andado. Em New York, com muita sorte, consegui uma entrada para o N.Y. City Opera. É um teatro lindíssimo com quatro andares, todo decorado em ouro fôco. Assisti às Bodas de Fígaro. O barítono que fez o papel de Conde Almaviva, David Blatworthy, é extraordinário. De N.Y. fomos a Cambridge e hoje sobrevoamos a Região dos Grandes Lagos, rumo a Springfield, no estado de Illinois. Depois da agitação de N.York, onde estava hospedada num hotel de 40 andares, uma verdadeira Babel, que bom voltar à calma destas cidades históricas... As árvores estão tôdas douradas e vermelhas e, no meio desta vegetação estranha, surgem casas de tijolos vermelhos e colunas brancas. Em muitas andanças, muito tenho observado, pois substituí o meu "excelente" inglês pelos gestos, e concluí que a mímica é uma linguagem universal. Com exceção de N.Y., que é uma cidade cosmopolita, o povo norte-americano é simpático e afável.

Um grande abraço a vocês

Nelly

Figura 55: Cópia da Carta que Nelly escreveu para as amigas, 08/10/1969.

A carta tornou-se um elo entre Nelly e seus familiares, pois, conforme Mignot (2006, p.297), as cartas são: [...] *Escrita[s] para encurtar distâncias, amenizar ausências, comunicar saudades.*

Ler uma carta é algo fascinante, é como entrar na história daquele momento e desvelar fatos que não se pode descobrir por outras formas. E é através de cartas que os bastidores da viagem são descritos por Nelly:

Nina, já te contei que no Rio fomos à Colted? Passamos tardes lá, êles examinaram meus livros e os acharam ótimos. Conta para a Helga”. [...] “Minha viagem tem sido fabulosa, apesar do cansaço, pois além dos programas de estudo, que me tomam quase todo o dia, quero conhecer o máximo destas cidades por onde tenho andado”.[...] “Bem cedo fomos para Scott Foresman, distante daqui, a maior casa editôra de livros didáticos do país. Lá ouvimos palestras, filmes, fizemos visitas aos diversos departamentos [...]. Vejam só, em viagens dentro do país, sem contar com a Internacional, a AID gastou com cada uma de nós 800 dólares [...] corresponde a 360 cruzeiros novos. O que eu ganho por ano, no Estado [...].

Partindo da análise do material utilizado para a pesquisa, percebe-se a riqueza de cada documento encontrado, que por sua vez remete a outros tantos, tornando-se um banco de dados para o pesquisador e lhe permitindo compreender alguns fragmentos da história, da produção e circulação dos livros escolares no Estado do RS nesse período; bem como refletir sobre os dados apresentados na carta acima, na qual a autora aponta para questões que tangem aos recursos e salários pagos ao professorado gaúcho, comparando-os ao valor destinado pelo programa para o aperfeiçoamento profissional.

O investimento e o dinheiro disponibilizado para este curso de dois meses nos EUA pelo acordo MEC/USAID foi superior ao salário anual da professora Nelly. Fato que causou grande surpresa a autora e narrado por ela nas demais cartas. O assunto vem sempre à tona, pois ela compara e narra os valores gastos durante a viagem, o que consegue comprar e gastar na alimentação diária, hospedagem, locomoções, presentes e entre outros, em relação ao Brasil.

Por fim, é válido retomar a idéia, anteriormente apresentada, de que depois de realizada essa viagem, em 1970, ao que tudo indica, Nelly Cunha reorganizou, a coleção “Série Era Uma Vez”, “Nossa Terra Nossa Gente” e, posteriormente, publicou mais três coleções didáticas.

Após apresentar a trajetória da escritora e autora de livros didáticos, apresento o relato de uma grande amiga de Nelly, que acompanhou sua história até os últimos dias de vida. A senhora Rebeca Amar concedeu entrevista e relatou que:

Ela era uma pessoa muito estudiosa, dedicava todo o seu tempo livre à leitura. Além desta ser o seu “hobby” predileto, semanalmente ia ao cinema, teatro ou um concerto com os amigos. Ela não escrevia mais e o pouco que escrevia mostrava e já guardava, pois ela privava os outros de olhar o que ela escrevia, a única coisa que fazia era dedicar-se a cuidar do bisneto. Todas as sextas-feiras, eu saía direto da escola para a casa dela e voltava lá no sábado, não nos desgrudávamos (Entrevistada em 26/09/2007).

Ainda conforme dona Rebeca, a grande mulher Nelly, por tudo que fez, foi exemplo:

Ela pensava pra frente, ela só viveu o hoje, jamais pensou o amanhã. Bonita, inteligente e vistosa, ela era simples, não ostentava o que tava na cabeça. Ela era de uma personalidade muito forte, ninguém mandava nela. Ela fazia o que ela queria, mas jamais pensava em ofender alguma pessoa, nunca. Ela foi feliz naquilo que fez, ela se realizou fazendo o que fez. Eu sinto tanta falta dela, pois aprendi a viver bem com Nelly, porque viver todo mundo vive, mas é muito difícil viver bem e isto ela me ensinou, ela tinha uma facilidade de ver coisas boas em coisas ruins. (Entrevista 26/09/07).

Ao realizar a entrevista com dona Rebeca, pude perceber o quanto significou a amizade na vida dela e a falta da presença da amiga.

Em 22 de maio de 1999, Nelly, já com seus 78 anos de idade, sofreu um infarto, vindo a falecer na Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre.

Em seu trajeto de vida tornou-se uma grande mulher, elaborou obras imprescindíveis tanto para os professores como para os alunos, pois durante três décadas prestou ao lado de suas co-autoras um valioso auxílio à educação, produzindo sete coleções didáticas. Também deixou outro legado: três filhas, oito netos e quatro bisnetos, e, posterior a sua morte, mais dois bisnetos. Para além disso, Nelly continua presente na memória de autoras, professoras, alunas e

amigos, que não esqueceram de sua importante atuação profissional, valiosa amizade e dos livros produzidos por ela, pois fez parte do cotidiano de muitas gerações na educação do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Jovem monja dorme. Leva sôbre ela, tristes lírios roxos. Sopra vento leve, sobre gases negros. Velas choram juntas. Côros rezam preces. Descem asas brancas... Bela, ela sobe! (NATHO HENN)²⁴.

Ao concluir esse trabalho começo por tecer considerações sobre o processo da pesquisa iniciado ainda em 2005. Na ocasião sequer imaginava fazer uma dissertação de mestrado, quanto mais uma investigação sobre a professora Nelly Cunha, visto que, ao ingressar no grupo de pesquisa, foi me dada uma tarefa: encontrar dados sobre a autora de cartilhas Cecy Cordeiro Thofhern. Ao realizar tal atividade, fui pouco a pouco "me aproximando" de Nelly Cunha. De lá até aqui foi um longo processo de aprendiz de pesquisadora que agora encerra um ciclo. Nesse processo muitos desafios eu vivi: chegar aos familiares de Nelly

²⁴ Poema de Natho Henn, extraído do diário de lembranças de Nelly, página 5, e também gravado na lápide do túmulo dela.

Cunha, realizar as entrevistas, receber em doação o arquivo privado, trabalhá-lo, definir categorias, realizar leituras, fazer opções teórico-metodológicas. Histórias de vida, memórias, fontes orais e escritas, arquivo privado foram as escolhas que fiz para a realização da presente pesquisa.

A escolha metodológica por histórias de vida possibilitou o diálogo entre a esfera individual e o profissional-social-cultural, bem como evocou elementos do passado para o presente. Essa interação articulada apresentou importantes elementos para reconstruir a história de vida de Nelly Cunha.

Importante destacar que a história descrita de Nelly Cunha é de uma professora gaúcha que viveu e fez sua trajetória de lutas e conquistas, dedicadas ao ensino sul-riograndense.

Nessa pesquisa descobri mais do que uma autora de livros didáticos, objetivo primeiro da investigação. Descobri uma mulher, mãe, filha, irmã, esposa, professora, escritora, pianista, assessora, administradora, técnica educacional, apresentadora de programas de rádio, uma extraordinária pessoa.

Considero, portanto, que diversas questões foram elucidadas nessa busca da trajetória de vida pessoal e profissional da professora Nelly Cunha, pois através desse estudo, tornou-se possível conhecer seu início profissional, aspectos da prática pedagógica, a produção didática e literária, sua “veia artística”.

A menina, filha e neta de professoras, que gostava de ler desde muito pequena, de revistas a coleções, se fez mulher e professora com uma importante trajetória profissional. Como escritora, iniciou na redação da Revista Pedagógica “Cacique”, na qual desempenhou duas funções, a de redatora da revista, no período de 15 de janeiro de 1958 a 30 de setembro de 1958 e a de redatora-chefe, de 15 de outubro de 1958 a 31 de dezembro de 1959.

Em relação à opção pela carreira docente, percebe-se o modelo profissional familiar e o desejo pela profissão desde cedo como um fator decisivo para a escolha pelo magistério. Ao término do curso de normalista no Instituto de Educação General Flores da Cunha, ingressou na carreira do magistério público, sendo destacada para atuar no interior do Estado. Posteriormente foi transferida para a capital do Estado do RS, onde se aposentou com 30 anos de experiência em sala de aula. Os dados obtidos na pesquisa revelam essa concomitância na

vida profissional: mesmo desenvolvendo inúmeras atividades técnicas e literárias não se afastou da sala de aula.

Com relação a sua prática de ensino, essa se caracterizava por procurar aproximar a escola da vida, através de uma prática pedagógica interdisciplinar, que se efetivou através da pedagogia dos projetos. Foi possível, assim, relacionar suas propostas de trabalho com os ideais escolanovistas e, em especial, com alguns autores, como Decroly, Dewey e Kilpatrick.

Os relatos de suas ex-alunas e colegas de profissão apontam o empenho da professora Nelly, desenvolvendo um trabalho diferenciado, com seriedade e compromisso com a formação do educando.

Além da formação e atuação como professora e autora de livros didáticos, formou-se no curso de piano. A música sempre esteve presente na vida de Nelly, inclusive na sua trajetória profissional, pois escreveu muitas histórias e contos sobre a música para a Revista “Cacique”. Também, apresentou-se em inúmeros concertos. O apreço musical mesclado à escola fez um diferencial e uma marca em sua prática pedagógica.

O curso de Jornalismo foi a “porta de entrada” para atuar em outras atividades, como consta em sua carteira de trabalho: Redatora e Redatora-chefe da Revista “Cacique”; Coordenadora de Publicações, Documentações e Informações, do MEC; Assistente de Redação do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE); Amanuense Especializada; Agente Administrativa; Técnica em Assuntos Culturais; Chefe de Sessão de Acompanhamento da Divisão de Programação e Desenvolvimento - DEMEC/RS; Diretora do DPD/DEMEC/RS. Também trabalhou na redação do Jornal Última Hora na revisão e correção das notícias.

Ao refazer a sua trajetória como a autora de livros escolares, destaquei a produção das sete coleções didáticas de Nelly, do período de 1960 a 1980, com a referida catalogação destes livros em ordem cronológica dos exemplares localizados. Esse aspecto, inexplorado na dissertação, poderá ser objeto de inúmeros outros trabalhos futuros. Contudo, procurei mostrar que Nelly Cunha foi uma “produtiva” autora de Livros Didáticos, suas coleções contabilizam mais de 30 livros publicados, de forma que Nelly Cunha foi uma profissional de obras didáticas.

Além do que já fora exposto, cabe salientar que foi um estudo muito prazeroso, pois trabalhar com vida, emoções, sentimentos, lembranças, saudades, nos remete a múltiplos sentidos. Reconheço, também, as limitações deste trabalho, ao considerar que ele é um viés, escolhido por mim, para analisar a história de vida da professora e autora Nelly Cunha. Outro poderia ter abordado de outra forma, no entanto, considero que a pesquisa possa contribuir com a História da Educação do Rio Grande do Sul.

Por fim, a conclusão não poderia ser outra: Nelly foi mulher de muitas facetas. Uma mulher dinâmica, atuante, moderna, inteligente. Uma mulher que nasceu nos anos 20 e morreu nos anos 90, atravessou quase todo o século XX e, certamente, de forma quase invisível, contribuiu decisivamente com as conquistas femininas desse século que foi tão importante na História das Mulheres.

REFERÊNCIAS



ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. *Histórias de vida de educadores e a história da educação e da profissão docente no Rio Grande do Sul*. Disponível por: <http://66.102.1.104/scholar?hl=pt-BR&lr=&q=cache:dG9xgrlz8GwJ:www.pucrs.br/eventos/sbpc/pucrs/palestra/012.pdf+related:dG9xgrlz8GwJ:scholar.google.com>. Acesso em 2 de set. 2007.

_____. Primeiras palavras. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.); HACKMANN, Berenice Gonçalves [et al.]. *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. (Org). *História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ALARCÃO, I. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 7-13.

ALCÁZAR I GARRIDO, Joan Del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Ed. Marco Zero. Vol. 13, n. 25/26, set. 1992/ago.1993. p.33-54.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ALVES, Elza Nascimento (org.). *O livro didático: sua utilização em classe*. Material básico dos cursos de treinamento para professores primários. Ministério da Educação e Cultura. COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático. Livros para o Progresso, Rio de Janeiro, 1969.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros; CARDOSO, Canciolina Janzkovski. Fontes para o estudo da produção e circulação de cartilhas no Estado de Mato Grosso. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006. p.191-219.

ANTÓNIO, Ana Sofia. Histórias de vida: auto-representações e construção das identidades docentes. In: Histórias de vida: auto-representações e construção das identidades docentes. TEODORO, António (org.). *Histórias (Re)Construídas*. São Paulo: Cortez, 2004.

ARAPIRACA, José Oliveira. *A USAID e a educação brasileira: um estudo a partir de uma abordagem crítica da teoria do capital humano*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

ARROYO, Miguel González. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 7ª edição, 2004.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 1999.

BASTOS, Maria Helena Camara. Imprensa Pedagógica Rio-Grandense: CACIQUE – a revista da garotada gaúcha (1954-1963). *Educação*. Faculdade de Educação, Porto Alegre, ano XVII, nº 27, 1994. p.85-100.

BASTOS, Maria Helena Camara. CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Laços de Papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (orgs.). *Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.5-9.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.183-1191.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. São Paulo: Queiroz, 1991.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez.2004. p. 475-491.

_____. *Escritas de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). Pierre Bourdieu: *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, jan./jun.2002. p. 11-30.

CASTRO, César Augusto. *Produção e Circulação de Livros no Brasil: dos Jesuítas (1550) aos Militares (1970)*. Disponível por: http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_20/6_castro.pdf Enc. BIBLI: R. eletrônica de Bibl. Ci. Inform., Florianópolis, n. 20, 2º semestre de 2005. Acesso em 20 de maio de 2007.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*, trad. de Mary Del Priori, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CHOPPIN, Alain. *História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, set/dez. 2004. p.549-566.

_____. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE, n.11, abril 2002. p.1-287.

CORRÊA, Carlos Humberto Alves. *Circuito do livro escolar*: elementos para a compreensão de seu funcionamento no contexto escolar amazonense, 1852-1910. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

CORRÊA, Rosa Lygia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos Cedes*, ano XIX, n. 52, nov. 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Copiar para homenagear, guardar para lembrar: cultura escolar em álbuns de poesias e recordações. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DAUPHIN, Cécile e POUBLAN Danièle. Maneiras de escrever, maneiras de viver: Cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002. p.75-87.

DECRETO N° 58.653, DE 16 DE JUNHO DE 1966. Disponível por: <http://www.prolei.inep.gov.br/pesquisar.do?anoInicial=&anoFinal=&indInicial=3420&indFinal=3429&Mais=false&ManterDelimitador=349&descricao=&tipoDocumento=&assunto=> Acesso em 10 de fev. 2006.

DECRETO N° 59.355, DE 4 DE OUTUBRO DE 1966. Disponível por: <http://www.prolei.inep.gov.br/pesquisar.do?anoInicial=&anoFinal=&indInicial=3420&indFinal=3429&Mais=false&ManterDelimitador=349&descricao=&tipoDocumento=&assunto=> Acesso em 10 de fev. 2006.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. História de vida na abordagem de problemas educacionais. In: VON SIMSON, Olga R. Moraes (Org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértice, 1988.

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 4ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. Arquivos pessoais: incógnitas e possibilidades na construção de uma biografia. In: SOUZA, Elizeu Clementino e

ABRAHÃO, Maria Helena Menna, (org.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 263-296.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. *Professoras: histórias e discursos de um passado presente*. Pelotas: Seiva, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Entre-vista: abordagens e usos da história oral*. RJ: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2003.

GALVÃO, Ana Maria & BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Manuais Escolares e Pesquisa em História. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia Lima. *História e Historiografia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GVIRTZ, Silvina. *El discurso escolar a traves de los cuadernos de clase: Argentina 1930/1990*. Buenos Aires: UNBA, 1999.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: Sua História*. Trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. rev.e ampl. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico e ROSA, Zita de Paula. História oral: uma utopia? Revista Brasileira de História. Memória, História e Historiografia. *Dossiê Ensino de História*. São Paulo: ANPUH/Ed. Marco Zero. Vol.13, n. 25/26, set.1992/agos.1993.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

KILPATRICK, W. H. *Educação para uma civilização em mudança*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 13ª ed. 1975.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o Método Global de Contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2001. (Tese de doutorado).

MACIEL, Francisca Izabel Pereira e FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Cartilhas de Alfabetização e Nacionalismo. In: PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs.). *Livros escolares e ensino da leitura no Brasil (séculos XIX-XX)*. Pelotas: Seiva, 2003.

MAGALHÃES, Henrique. Disponível por: <http://www.universohq.com/quadrinhos/2005/ticotico.cfm>. Acesso em 25 de agos. de 2007.

MENEZES, Carmen. Disponível por: <http://www.traca.com.br/?tema=padrao&pag=euseitudoindex&mod=inicial> Acesso em 27 de nov. de 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Diários, formação e projeto pedagógico da escola: memória em construção. In: SOUZA, Elizeu Clementino. *Salto para o futuro*. Secretaria de Educação a Distância. Ministério da Educação. Boletim 01. Março 2007.

_____. Traços de escrita, rastros de leituras. In: SOUZA, Elizeu Clementino e Abrahão, Maria Helena Menna, (orgs.) *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 297-311.

_____. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de História. Memória, História e Historiografia. Dossiê *Ensino de História*. São Paulo: ANPUH/Ed. Marco Zero. Vol. 13, nº 25/26, set. 1992/agos/1993.

NÓVOA, António, HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivor F.; HOLLY, Mary Lousi; MOITA, Maria da Conceição, GONÇALVES, José Alberto M.; FONTOURA, Maria Madalena; BEN-PERETZ, Miriam. In: NÓVOA, António (Org.). *Vidas de professores*. Lisboa: Porto Editora, 1996.

PERES, Eliane. Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofehrn. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

_____. Desenvolvimento do projeto de pesquisa *Cartilhas Escolares* em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva e MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE: 2006.

_____. A institucionalização da modernidade pedagógica no Rio Grande do Sul: a criação do Centro de Pesquisa e Orientação Educacionais (CPOE, 1943). In: XAVIER, Maria do Carmo. *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas/FUMEC, 2004.

PERES, Lúcia Maria Vaz. *Dos saberes pessoais à visibilidade de uma Pedagogia Simbólica*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1999. (Tese de doutorado).

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992. p.200-212.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989. p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, mai/ago.2006. p.329-343.

PFROMM NETTO, Samuel; ROSAMILHA, Nelson e DIB, Claudio Zaki. *O Livro na Educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL/MEC, 1974.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “Indizível” ao “Dizível”. In: VON SIMSON, Olga R. de Moraes (org.). *Experimentos com História de vida (Itália – Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Revista Estudos Históricos*, trad. Dora Rocha, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006. p.13.

TAMBARA, Elomar. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. *História da Educação*. Pelotas: ASPHE, n.11, abril 2002. p.1-287.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. Projeto História. Ética e história Oral. *Revista do Programa de Estudos, Pós-Graduados em História, PUC/SP*. São Paulo, n.15, abril 1997. p.51-97.

STEPHANOU, Maria. História, memória e história da educação. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III: século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro e SANTOS, Roberto Elísio (org). *O Tico-Tico: 100 anos*. Vinhedo, SP: Opera Graphica Editora, 2006.

Fontes de Pesquisa

Arquivo Privado de Nelly Cunha:

Caderno de planos da professora Nelly Cunha, datado de 1941 a 1946.

“Relatório-diário-datilografado” da autora, no qual descreveu as impressões da viagem aos EUA.

Cento e cinco Revistas Pedagógicas Cacique do ano de 1954 até 1959.

Sete coleções de livros, totalizando trinta e quatro livros.

Álbum de poesia assinado por amigos e demais pessoas.

Recortes de jornais referentes à viagem aos EUA e em relação à produção de seus livros.

Ficha referente à autora Nelly Cunha, espécie de 'currículo' para a UNESCO.

O roteiro da viagem aos EUA e das palestras proferidas.

1. Relato por escrito:

Heddy Pederneiras 31/10/05 (p.1-6).

Maria Helena Portanova de Oliveira 26/09/07.

2. Depoimentos Orais:

Entrevista com a filha Elaine Cunha da Silva, Porto Alegre, 30/10/05. Retorno: 14/11/05; 28/06/07 e 26/09/07.

Entrevista com a filha Nina Rosa da Cunha Wolff, Porto Alegre, 14/11/05.

Entrevista com a co-autora Teresa Iara Fabretti, Porto Alegre, 08/02/06.

Entrevista com a co-autora Zélia M. S. de Carvalho, Porto Alegre, 08/02/06.

Entrevista com a colega Ana Carolina Xavier da Costa, Porto Alegre, 28/06/07.

Entrevista com a amiga Rebeca Amar, Porto Alegre, 25/09/07.

3. Fotografias:

Vinte e nove fotografias (arquivo pessoal).

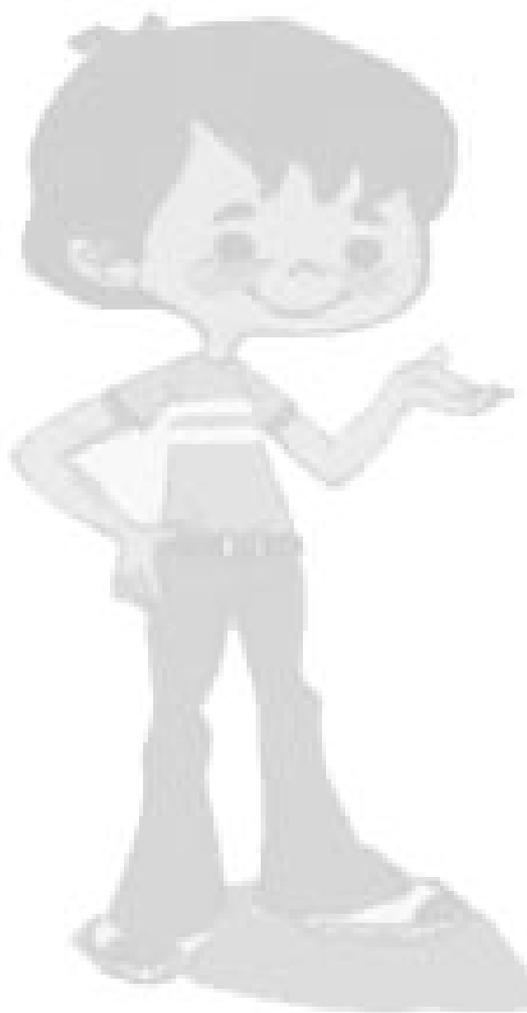
4. Outros: (arquivo pessoal)

Documentos Oficiais (Contratos com a Editora Globo).

Diplomas e Certificados.

Vinte e duas cartas e doze postais.

ANEXOS



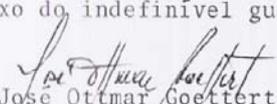
Anexo 1



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DELEGACIA DO MEC/RS

Professora Nelly

A Menção recebida por seu "ÚLTIMO VISITANTE", constitui em atestado da grande sensibilidade que lhe permite, ter para a vida, olhar sempre novo - reflexo do indefinível guardado no coração.


José Ottmar Goettert
Delegado do MEC/RS

Porto Alegre, 23, maio, 1985

GLOBO TEM NOVOS E BONITOS LIVROS

As principais livrarias de Porto Alegre já estão com boa movimentação na venda de livros e material didático. Mas só a partir de segunda-feira, quando iniciarem as aulas nos grupos escolares, colégios oficiais e faculdades da Universidade Federal, é que o movimento atingirá o seu ponto máximo. Mesmo assim, o público que vem procurando as livrarias (Globo e Sulina, principalmente) é grande.

MOVIMENTO

Na Livraria do Globo, a venda de livros e material foi dividida em setores, por séries e anos. Nas diversas seções, a movimentação é intensa, com dezenas de funcionários atendendo a muita gente. O movimento pode ser considerado como muito bom, mas o gerente do Departamento de Livros, sr. Fernando José Bertaso, afirma que na próxima semana ele deverá crescer mais ainda. E justifica pelo motivo de as aulas terem iniciado apenas nos colégios particulares, quando a maior parte dos estudantes frequenta os estabelecimentos do Estado, além dos milhares de alunos da Universidade Federal.



símbolos carentes de sentido". Através das figuras de Vera e Julinho, as crianças conhecem o circo. A partir daí, nascem as situações, com a entrada em cena de novos personagens (palhaço, bailarina, e outros) que vão dar origem a novas palavras e frases.

TRAVESSURAS

Outros livros da Globo lançados no ano passado e que continuarão em destaque são os da série "Era uma vez", das professoras Nelly e Helga Trein. "As travessuras de Pirulim", para o segundo ano, apresenta linguagem, gramática funcional, matemática, estudos sociais e ciências naturais. Todos dentro dos esquemas anteriores, com exercícios e desenhos sustentando os textos. "Páginas do Sul", para o terceiro ano e com as mesmas matérias do anterior, apresenta textos de Augusto Meyer, Alvaro Moreira, Manoelito de Ornellas, Erico Veríssimo e outros. Já para o quarto ano o livro é "O canto do Brasileiro", enquanto que para o quinto, "Pinceladas verde-amarelas" serve para "Admissão ao ginásio". Nesta obra, os alunos encontrarão textos de Casimiro de Abreu, Cecília Meireles, Guimarães Rosa, Casiano Ricardo, Waldir Ayala, Darcy Azambuja, Humberto de Campos, Graciliano Ramos, Olavo Bilac e Erico Veríssimo.

SUPERIOR

Em nível universitário, a Globo lança uma série de obras anualmente. Na maioria das vezes são traduções de livros estrangeiros, para satisfazer a necessidade do mercado local. Entre os principais deste ano destacam-se, em Pedagogia, "Síntese dos métodos didáticos", de Shipley, Cann, Hildebrand, Mitchell; Filosofia, "Introdução ao Filofofar" de Gerd Borhein. A "Enciclopédia do Curso Secundário", coleção de 12 volumes sobre História do Brasil, Química, Física, Gramática, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira e outras matérias de interesse tanto para o ciclo médio como para o superior. "Desenho Técnico", de Forberg, é utilizado na Engenharia, bem como "Geometria Analítica", de Lehmann. Além destes continuam no mercado outras obras já lançadas em anos anteriores.

NECESSIDADES

Todo o lançamento de livros feito pela Globo é precedido de uma pesquisa de mercado. Posteriormente, nova pesquisa é realizada entre professores e alunos. Desta forma, explica o sr. Bertaso, "é possível conhecer o que os professores e alunos precisam. Assim, os lançamentos virão ao encontro das necessidades reais, garantindo o suprimento de setores deficientes em bibliografia". Os lançamentos são programados e feitos durante um período